



CONSTRUÇÕES DE VOZ EM INTERLINGUAGEM

DÉBORAH MAGALHÃES DE BARROS
VÂNIA CRISTINA CASSEB-GALVÃO
(Org.)



**CONSTRUÇÕES
DE VOZ EM
INTERLINGUAGEM**



editora
UEG

**EDITORA UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE GOIÁS**

Presidente

Antonio Cruvinel Borges Neto (Reitor)

Vice-Presidente

Claudio Roberto Stacheira (Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação)

Coordenadora Geral

Elisabete Tomomi Kowata

Assessor

Patrick Di Almeida Vieira Zechin

Analista de Gestão Governamental - Biblioteconomia

Andressa de Oliveira Sussai

Revisão Técnica

Patrick Di Almeida Vieira Zechin

Revisão Geral e Linguística em Português

Feeling Propaganda Ltda

Projeto Gráfico e Editoração

Feeling Propaganda Ltda

Conselho Editorial

Adolfo José de Souza Andre (UEG-IAEL)

Daniel Blamires (UEG-IACSB)

Juliano Rodrigues da Silva (UEG-IACT)

Maisa Borges Costa (UEG-IACT)

Raphaela Christina Costa Gomes (UEG-IACAS)

Renata Carvalho dos Santos (UEG-IACSB)

Roseli Vieira Pires (UEG-IACSA)

Sebastião Avelino Neto (UEG-IACAS)

Sônia Bessa da Costa Nicácio Silva (UEG-IAEL)

Thiago Henrique Costa Silva (UEG-IACSA)

CONSTRUÇÕES DE VOZ EM INTERLINGUAGEM

DÉBORAH MAGALHÃES DE BARROS
VÂNIA CRISTINA CASSEB-GALVÃO
(Org.)



ANÁPOLIS-GO | 2024

© 2024, Editora UEG

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Catálogo na Fonte
Comissão Técnica do Sistema Integrado de Bibliotecas Regionais (SIBRE),
Universidade Estadual de Goiás

C758 Construções de voz em interlinguagem [recurso eletrônico]/ Organizado por:
Déborah Magalhães de Barros, Vânia Cristina Casseb-Galvão. - 1. ed. -
Anápolis, GO : Editora UEG, 2024.

152 p. ; il. ; 16 x 22,5 cm

ISBN: 978-65-88502-80-8 (e-book)

1. Linguística comparada. 2. Voz gramatical. 3. Linguística funcionalista. 3.
Pesquisa intercultural. 4. Análise discursiva. 5. Ensino de línguas. I. Barros,
Déborah Magalhães de. II. Casseb-Galvão, Vânia Cristina. III. Título.

CDU: 808.5:612.78

Andressa de Oliveira Sussai – CRB 1 / 3032

Esta obra é em formato de e-Book e foi financiada com recursos próprios da Universidade Estadual de Goiás - Processo SEI n. 202200020011455. A exatidão das referências, a revisão gramatical e as ideias expressas e/ou defendidas nos textos são de inteira responsabilidade dos autores.



EDITORA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

BR-153 – Quadra Área – CEP: 75.132-903

Fone: (62) 3328-4866 – Anápolis-GO

www.editora.ueg.br / e-mail: editora@ueg.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
Déborah Magalhães de Barros Vânia Cristina Casseb-Galvão	
1. O FENÔMENO DA VOZ VERBAL NA GRAMÁTICA DA LÍNGUA ITALIANA	11
Déborah Magalhães de Barros	
2. A VOZ COMO CONSTRUÇÃO	26
Vânia Cristina Casseb-Galvão	
3. A VOZ ATIVA NA LÍNGUA ITALIANA	39
Eleonora Campanelli	
4. A VOZ MÉDIA	54
Chiara Polimeni	
5. A VOZ REFLEXIVA PROTÓTIPO NA LÍNGUA ITALIANA: CONTEXTOS MORFOSSINTÁTICOS E CONSTRUÇÕES COM PREDICADOS ABSTRATOS	74
Valentina Mazzocchi	
6. A VOZ REFLEXIVA E A CONFIGURAÇÃO DOS PLANOS DE FIGURA E FUNDO	94
Giulia Caione	
7. O USO DO PRONOME REFLEXIVO EM CONTEXTOS INESPERADOS NA LÍNGUA ITALIANA	105
Federica Quatraro	
8. A VOZ IMPESSOAL NO GÊNERO ENTREVISTAS NA LÍNGUA ITALIANA	119
Michela Santoro Vânia Cristina Casseb-Galvão	
RESENHA 1	131
Rosanna Rana	
RESENHA 2	138
Mariana Paduanelli	

INTRODUÇÃO

Esta obra foi produzida a partir da parceria entre a Universidade Estadual de Goiás e a *Università Del Salento (It)*, e se insere no projeto “O português brasileiro em contexto italiano: aspectos sociais, políticos e linguístico” - Projeto REDE/Itália CNPq, que envolve universidades italianas (*Unich, Unisalento, Unipi, Roma Tre*) e brasileiras (UFG, UEG, UnB) e prevê ações conjuntas de pesquisa, ensino, extensão e publicação.

No REDE/Itália, os resultados de pesquisas descritivas e teóricas nas áreas de Linguística e Literatura são fomentadores de ações de ensino do português brasileiro (PB) como língua estrangeira, língua adicional e língua de herança nos contextos universitário italiano e brasileiro. O REDE/Itália é uma das principais ações de internacionalização do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG). Esta obra e o curso que lhe deu origem são produtos das missões de mobilidade docente Brasil/Itália realizadas no ano de 2023, no âmbito desse projeto, e das quais a Profa. Barros, Diretora do Campus Coralina e docente permanente do POSLLI, coorganizadora deste livro, fez parte.

Mais especificamente, as atividades se desenvolveram no âmbito do Convênio de Cooperação Internacional Universidade Estadual de Goiás/*Università Del Salento* (2018/2023) e também do convênio entre essa universidade italiana e a Universidade Federal de Goiás, cujos produtos incluem o II CICLO DE SEMINÁRIOS EM LINGUÍSTICA E LITERATURA LUSÓFONAS realizado na *Università Del Salento, Dipartimento di Studi Umanistici, Corso: Lingua e Traduzione Lingua Portoghese e Brasiliana*, no período de 07 a 16/11/2023.

Além de seminários, visitas técnicas e reuniões de negócios, durante esse evento ocorreram oficinas de descrição e análise linguística voltadas para os estudos comparativos italiano/português brasileiro. As oficinas envolveram os alunos de *Laurea Magistrale* (Mestrado) e uma doutoranda-sanduíche. Elas integram o percurso didático

da disciplina “*Lingua e Traduzione - Lingua Portoghese e Brasiliana*” e tiveram como tema os aspectos teóricos e descritivos da voz gramatical no português brasileiro, a partir de Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022). O produto final das oficinas envolveu a análise e descrição da voz em entrevistas de falantes nativos da língua italiana.

O objetivo geral da pesquisa envolveu, portanto, a análise e descrição dos aspectos formais e funcionais das construções de voz nesse contexto discursivo-textual. O resultado de cada análise é tangencialmente comparado com aquela feita por Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022) para o português brasileiro.

A base teórica é o funcionalismo clássico, a partir de autores como Talmy Givón, Susanne Kemmer, Roberto Camacho e, tangencialmente, princípios da Gramática de construções, com base em Goldberg (1995, 2006), Traugott e Trousdale (2013), Masini (2016) e Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022). São úteis também estudos gramaticais e descritivos da voz na Língua italiana, como De Benedetti, Dardano e Trifone, Pietro Trifone e Massimo Palermo, Angela Ferrari e Luciano Zampese, Christoph Schwarze e outros.

Um dos princípios do funcionalismo clássico envolve a ideia de que a maneira como o mundo é percebido pelo ser humano reflete na representação linguística dos eventos, por isso, as análises dos fenômenos gramaticais devem ser amplas, considerando-se a inter-relação de domínios semântico-cognitivos, os diferentes níveis de constituição linguística e o fato de que o sistema gramatical é organizado em um sistema cujos subsistemas estão interconectados. Tais pressupostos implicam a concepção de voz gramatical como um fenômeno multifatorial de interface sintático-semântica e pragmático-discursiva, subsidiado pelo domínio cognitivo.

A voz é um mecanismo de perspectivação e apresentação dos eventos descritos, incide sobre a oração como um todo, e, conseqüentemente, reflete sobre a organização discursivo-textual, ao estabelecer uma relação forma-significado entre verbo e sujeito, o que, por sua vez, reverbera nos demais elementos constitutivos da oração básica. Segundo Benveniste (2005[1966], p. 185), “a voz denota uma certa atitude do sujeito relativamente ao processo, e por meio dessa atitude esse processo se encontra determinado no seu princípio”.

A voz, então, é um fenômeno linguístico multifuncional, complexo, cuja organização se faz por motivações pragmáticas, via articulações informacionais, semânticas e sintáticas (Camacho, 2000, 2002b; Casseb-Galvão, Barros e Bertoque, 2022). Quanto à individualização e à definição dos tipos de voz, a estruturação sintática por si só é incapaz de fornecer uma tipologia satisfatória, e, para isso, reconhecemos a participação do sujeito no processo verbal, por exemplo, como um dos fatores decisivos.

Essas premissas embasam o livro “Construções de voz no português brasileiro”, assinado por Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), que descreveram as construções de voz no português brasileiro e distinguiram sete tipos de voz: ativa, passiva, média, reflexiva, recíproca, impessoal e adjetival, os quais serão definidos oportunamente ao longo dos capítulos que seguem. Este livro serve de referência para a análise comparativa entre a organização da voz no português brasileiro e na língua italiana e é resenhado por Ranna e Paduanelli nos capítulos finais desta obra.

As análises foram orientadas por alguns questionamentos, entre outros destes derivados, a saber:

- a. Como é tratado o fenômeno da voz por gramáticos e linguistas italianos contemporâneos?
- b. Considerando-se que a voz é uma construção abstrata, que informações funcionais e construcionais estão atreladas à sua organização na língua italiana?
- c. Como se dá a sua configuração morfossintática e semântica dos tipos de voz na língua italiana e qual a sua funcionalidade no gênero entrevista?
- d. Quais tipos de *Estados de coisas* são representados pelos verbos que instanciam cada uma dessas vozes e qual a sua funcionalidade para o projeto de texto?
- e. Considerando-se a organização enunciativa do gênero entrevista, para qual elemento da enunciação e interlocução o tipo de voz analisado é mais funcional? (entrevistador/entrevistado)
- f. Considerando-se a organização informacional do texto em plano de figura e de fundo, como os tipos de voz estão correlacionados a cada um desses planos e qual a sua funcionalidade nesse plano?
- g. Considerando-se a descrição e a análise promovidas por Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), quais aspectos da configuração na voz no português brasileiro são relevantes em uma comparação com sua configuração formal e funcional na língua italiana?

Logo, ao longo das análises da voz, tem-se sempre em consideração a funcionalidade na constituição textual do gênero entrevista e os aspectos distintivos ou aproximativos da língua italiana em relação ao português brasileiro, considerando as redes construcionais especificadas em Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), como por exemplo na página 95.

A escolha do gênero entrevista é motivada por ser esse um tipo de texto muito próximo da fala cotidiana, e, apesar de ter um forte componente de controle, a revisão, ele é um importante exemplar da língua em uso contemporânea. Azeredo (2010) reconhece que as entrevistas são tipicamente produzidas nas condições do discurso espontâneo, logo, fazem parte de uma tipologia discursiva “oblíqua”, que se localiza entre o texto escrito e o discurso falado e, por isso, transita ao mesmo tempo no domínio formal e informal da linguagem. A partir dos dados obtidos no *corpus* de entrevistas em língua italiana, exploramos de maneira minuciosa a expressão da voz gramatical nesse gênero de discurso jornalístico, com especial destaque à voz reflexiva, que é analisada em três capítulos. O *corpus* utilizado é composto por 50 entrevistas escritas, e é denominado “O italiano contemporâneo - entrevistas (2021)”, idealizado por Casseb-Galvão e organizado com a assistência de Angelica Pantaleo, estudante da licenciatura em Ciências e Técnicas da Mediação Linguística na *Università del Salento*. O intervalo de tempo entre as entrevistas é de 15 anos (2005 - 2020). Os sujeitos entrevistados são personalidades nacionalmente conhecidas: o *corpus* inclui atores, cantores, apresentadores de televisão, empresários, políticos, escritores etc. Esses sujeitos compartilham um nível de escolaridade médio-alto. Dos 50 sujeitos entrevistados, 30 são do sexo masculino e 20 do feminino e não se considerou as faixas etárias, no entanto, na ocasião das entrevistas, os sujeitos mais jovem e mais velho tinham, respectivamente, 17 e 94 anos. Além disso, considerando-se as regiões de origem dos sujeitos, as entrevistas são altamente heterogêneas. Logo, o *corpus* “O italiano contemporâneo - entrevistas” (2021) oferece um panorama indubitavelmente significativo dessa realidade sociolinguística italiana.

Outros aspectos metodológicos importantes envolvem o tipo de análise, a seleção de dados relevantes, e os critérios de análise, que seguem rigorosamente as perguntas de pesquisa.

A pesquisa é de base qualitativa e os dados relevantes para a análise em todos os capítulos deste livro constituem um exemplário organizado a partir de entrevistas aleatoriamente selecionadas em uma análise amostral dos tipos de voz presentes nesses textos. A escolha dessa metodologia decorre da alta complexidade do fenômeno da voz, o que exige precisão na distinção tipológica que embasa uma análise da configuração textual como a que aqui se apresenta. Foram excluídos enunciados interrogativos e modalizadores ancorados na primeira pessoa, para analisar a voz impessoal.

Na organização dos capítulos, Barros apresenta um estudo bibliográfico da voz gramatical na Língua italiana a partir de gramáticos e linguistas contemporâneos; Casseb-Galvão apresenta uma análise da voz como construção gramatical, ou seja, como um par de forma e significado que preenche certas condições morfossintáticas, semânticas e

discursivas, enfocando o processo de mudança que originou a rede hierárquica formada pelos tipos de voz; Campanelli analisa a configuração morfossintática e semântica da voz ativa na língua italiana e a sua funcionalidade no gênero entrevista; Polimeni estuda de maneira minuciosa a configuração morfossintática, semântica e discursiva da voz média na língua italiana e a sua funcionalidade no gênero entrevista. Três capítulos dão destaque à voz reflexiva: Mazzoccoli traz uma análise construcional da voz reflexiva prototípica em seus aspectos sintáticos, semânticos e funcionais, e atenta para os usos abstratizados desse tipo de voz; Caione estuda os aspectos discursivos da voz reflexiva a partir da noção de planos de figura e fundo; Quatraro analisa usos do pronome reflexivo em contextos não esperados na língua italiana e compara os resultados com aqueles verificados para o português brasileiro, que vão em direção oposta ao que verificou Barros (2016). Santoro e Casseb-Galvão enfocam as estratégias de voz impessoal, atentando para seus aspectos funcionais e discursivos. Devido a limites editoriais, nos limitamos aos tipos de voz cujo evento parte do agente/sujeito ou é representado a partir da sua ausência, não foi reservado um capítulo específico para as vozes passiva, recíproca e adjetival, que serão tratadas tangencialmente ao longo da obra, e que serão objeto de outra publicação a ser lançada brevemente. Ranna e Paduanelli resenham Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), trazendo as principais ideias ali desenvolvidas a respeito da voz gramatical no português brasileiro.

Déborah Magalhães de Barros
Vânia Cristina Casseb-Galvão

O FENÔMENO DA VOZ VERBAL NA GRAMÁTICA DA LÍNGUA ITALIANA

Déborah Magalhães de Barros

Introdução

Sob o arcabouço da proposta do livro “Construções de voz e interlinguagem”, este capítulo descreve a voz na língua italiana a partir das prescrições da Gramática Tradicional (doravante GT) e de descrições linguísticas sobre o fenômeno.

A associação das lições da tradição gramatical com estudos linguísticos se justifica porque, como a GT determina comportamentos linguísticos a partir da prescrição de normas de uso da língua, mesmo que as prescrições nem sempre sejam cumpridas no uso, elas o impactam consubstancialmente porque ditam os meios e os recursos pelos quais a língua deve ser usada em situações formais de interação verbal. Ou seja, para uma análise linguística é também importante compreender em que medida as categorias e prescrições da tradição gramatical são ou não cumpridas no uso real da língua.

A voz é um fenômeno altamente complexo sobre o tipo de relação formal e significativa estabelecida entre o argumento na função de sujeito e o predicador (o verbo) na estruturação da oração para a descrição dos eventos do mundo. Ela se materializa nas línguas de diferentes formas, fazendo com que sua caracterização e sua tipologia sejam, inclusive, motivo de discordância entre os estudiosos, sejam eles gramáticos ou linguistas.

Não é tarefa simples entender perspectivas diversas, e até contraditórias, de um fenômeno linguístico, por isso, busco aqui recuperar e reunir as questões centrais sobre a voz verbal na língua italiana com o objetivo fornecer ao leitor conhecimentos básicos,

permitindo-lhes uma leitura mais produtiva dos capítulos subsequentes do livro, os quais descrevem e analisam os diferentes tipos de voz na língua em uso por falantes nativos da língua italiana. A pretensão, dessa maneira, é instrumentalizar o leitor do livro com uma sistematização sumarizada de conhecimentos sobre a voz na língua italiana. Reitero que se trata de um estudo panorâmico sem a pretensão de promover uma discussão exaustiva e completa sobre o tema.

Em Barros (2011), descrevi como o pronome clítico em função reflexiva não está sendo usado em algumas variantes do português no Brasil e, em Barros (2016), constatei mudanças no sistema de voz do Português Brasileiro (PB) a partir de uma análise em diferentes momentos históricos de formação da língua portuguesa. Para essas análises, foi necessário, e metodologicamente produtivo, mapear estudos já existentes sobre a concepção e a caracterização do fenômeno não só no português, mas em outras línguas com base em Benveniste (2005), Camacho (2002, 2003), Kemmer (1993, 1994) e Givón (1990). Uma das importantes conclusões teóricas foi a complexidade da categoria e, por consequência, também da sua análise e descrição. Rememorar alguns dos pontos implicados e que tornam a voz um fenômeno complexo é importante para iniciar qualquer texto sobre a categoria. Ainda que este capítulo tenha como proposta resenhar a voz na língua italiana a partir de prescrições e descrições, tenho sempre como pressuposto que:

- I. A voz não pode ser definida de maneira rígida, a sua categorização e o limite entre os seus tipos são tênues, haja vista que ela envolve diversos níveis linguísticos, tornando-a uma categoria singular na língua e diferenciada das demais categorias verbais como modo, pessoa e número (Benveniste, 2005; Camacho, 2002);
- II. As construções atuais originaram-se diacronicamente de diversas construções primitivas, justificando a diversidade tipológica da voz nas línguas (Benveniste, 2005);
- III. Os gramáticos e linguistas que tratam da voz sempre revelam uma preocupação em classificá-la a partir de critérios ora formais ora semânticos, mas nem sempre apresentam uma conceituação explícita ou completa sobre o que é categoria;
- IV. A caracterização da voz pela tradição gramatical é feita em torno do verbo e não da sua relação na oração;
- V. A concepção, também pela tradição gramatical, de que vozes diferentes podem ser apenas uma inversão dos lugares dos termos na oração, fazendo com que uma voz se transforme em outra como mera transposição formal;

VI. A noção de voz, em uma proposta funcionalista, deve ser concebida como fundamentalmente pragmática uma vez que, por uma questão de perspectiva pragmático-discursiva, *agente* e *paciente* podem ser topicalizados e a topicalização de um ou de outro termo é de motivação pragmática e tem como fim alterar o comportamento dos interlocutores da enunciação, a voz, então, é um domínio multifatorial, daí a voz ser uma categoria complexa e, por consequência o seu entendimento e descrição (Givón, 1990).

As considerações mencionadas (i-vi) são base para a proposta sobre a voz no PB desenvolvida em Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022, p. 16), segundo a qual “a voz estabelece uma relação forma-significado entre verbo e sujeito na organização predicativa”, por isso, se trata de um fenômeno linguístico multifuncional com constituição complexa. Em divergência com a maioria dos manuais de GT, a concepção de voz proposta pelas autoras não é centrada unicamente nem na forma do verbo e nem no significado do verbo, e trazê-la aqui neste momento inicial do texto é importante porque servirá como pressuposto para algumas reflexões linguísticas acerca de como a voz é prescrita e descrita nos manuais consultados.

A seguir é apresentada uma caracterização da voz na gramática da língua italiana a partir de pressupostos prescritivistas e descritivistas.

A voz na gramática da língua italiana

O reconhecimento da categoria voz e o tratamento dado a ela quanto à sua classificação em tipos e as características de cada um deles é diversificado em cada um dos materiais analisados. Nos manuais de gramática da língua italiana consultadas, Trifone e Palermo (2000), Ferrari e Zampese (2018), Schwarze (2009), a voz foi encontrada sob as denominações *La forma del verbo* (A forma do verbo), *La Diatesi* (A diátese) e *Voce* (Voz), e até mesmo foi tratada como fenômeno correlato a outro no sistema linguístico e não como categoria distinta na língua.

Os textos consultados não atribuem à voz um tratamento unificado. Há os que a concebem como uma categoria linguística, porém divergindo quanto à classificação dos tipos de voz e quanto à caracterização de cada um deles. Uns atribuem-lhe classificação centrada no verbo, como verbo na forma ativa, forma passiva, forma reflexiva etc. Mas ainda há aqueles que contemplam o fenômeno somente por meio de uma vinculação a outros fenômenos correlatos no sistema linguístico. Em Schwarze (2009), por exemplo,

consta apenas uma explicação sobre a passivização e a reflexivização para justificar alterações na valência verbal, uma abordagem mais do ponto de vista semântico do verbo em detrimento uma abordagem mais verticalizada sobre organização predicativa em torno da relação verbo e sujeito, isto é, da voz.

A primeira gramática consultada é a “*Grammatica italiana di base*”, de Pietro Trifone e Massimo Palermo (2000). Nela, os autores propõem uma tipologia de voz centrada no verbo, que pode ter as formas ativa, passiva, reflexiva e pronominal (p. 113). Essa gramática prescreve como devem ser os usos da língua sem demonstrar muita preocupação com reflexões linguísticas.

As formas ativa e passiva são distintas prioritariamente por critérios semânticos. Os únicos papéis semânticos atribuídos ao sujeito são de agente e paciente para a distinção dessas duas formas, como nos exemplos apresentados:

(1a) *Giorgio mangia la minestra.* (George come a sopa.)

(1b) *La minestra è magiata da Giorgio.* (A sopa é comida por George.)

As orações em (1a) e (1b) são exemplos dos autores para as formas ativa e passiva e o único critério requisitado para explicá-las é a atribuição do papel de semântico de agente ao sujeito *Giorgio*, e de paciente ao objeto *minestra*. Observa-se uma sustentação teórica da voz em torno da “forma assumida pelo verbo” na organização da oração, entretanto, para a caracterização e definição das formas ativa e passiva, os critérios são semânticos. Em (1a), o sujeito *Giorgio* “desempenha um papel ativo na ação¹”; em (1b), o sujeito *minestra* “sofre os efeitos da ação”.

O sujeito da forma ativa é do ponto de vista semântico como aquele que “desempenha papel ativo na ação”, o que pode também indicar uma participação na ação sem a pretensão de que ele provoque os efeitos da ação em algo ou alguém, ou seja, para esses autores a forma ativa nem sempre representa um evento de ação prototípico, sugerindo que basta o sujeito estar inserido no processo verbal e não necessariamente a estar executando uma ação. É o que se verifica no terceiro exemplo apresentado por Trifone e Palermo (2000, p. 13):

(2) *Anna è partita per Madrid.* (Ana partiu para Madri.)

Em (2), o sujeito *Anna* desempenha um papel ativo na ação (descrita pelo verbo *partir*, no sentido de “ir”, “mover-se”), o que caracteriza a oração como forma ativa,

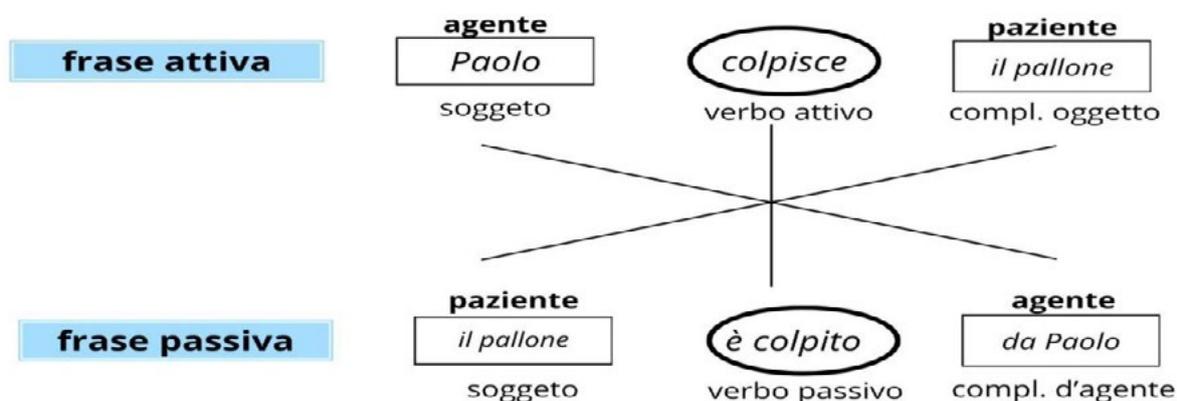
¹ No original: “svolge cioè un ruolo attivo nell’azione”.

entretanto, percebe-se uma diferença semântica distintiva nesse tipo atuação ativa no evento em relação aos exemplos em (1). Naqueles, a ação do sujeito provoca um efeito no objeto e, em (2), o efeito se passa no próprio sujeito, que é somente um envolvido no processo verbal do que um agente ativo. Em termos de Givón (1990), a oração em (2) não descreve um evento transitivo prototípico, uma vez a ação do verbo não presume um efeito causado no paciente, que não registra nenhuma mudança de estado saliente porque o evento se processa no próprio sujeito, mas, mesmo assim, a oração é caracterizada como forma ativa. A inclusão de orações como a em (2) pela GT italiana na forma ativa - assim como ocorre nas gramáticas do português - pode ser uma decorrência do não reconhecimento da voz média. Mesmo recorrendo a um critério unicamente semântico para definição das formas ativas e passivas, ele é tomado de maneira genérica e ampla, uma vez que um verbo como “partir” deveria ser considerado mais de processo do que de ação.

Essas duas formas verbais somente são analisadas distintivamente do ponto de vista formal, com critérios morfossintáticos, quando os autores argumentam que a passiva é uma transformação de uma ativa equivalente.

Trifone e Palermo (2000, p. 114) destinam uma subseção, “*La trasformazione passiva*”, para tratar da forma passiva ou *il passivo* (o passivo), que é obtido com o verbo auxiliar *essere* (ser) no tempo equivalente ao verbo ativo, seguido do particípio passado do verbo principal. Para a transposição, o sujeito da ativa é precedido da preposição “*da*” e se torna complemento agente e o complemento objeto se torna sujeito, porém os seus papéis semânticos permanecem os mesmos. A relação de transposição da voz é representada pelos autores com a figura a seguir (Figura 1):

Figura 1: Esquema comparativo frase ativa x passiva



Fonte: Adaptado de Trifone e Palermo (2000, p. 14).

Segundo os autores, as duas formas têm o mesmo significado apresentado por estruturas diferentes, por isso, a diferença entre a ativa e a passiva significa apenas uma troca de lugares dos termos na organização predicativa. A primeira oração na figura, *Paolo colpisce il pallone* (Paolo bate a bola, está na voz ativa e a troca de lugares dos termos que ocupam as funções de sujeito e objeto do predicado fazem que a oração se transforme na passiva *Il Pallone è colpito da Paolo* (A bola é batida por Paolo.)

Eles admitem também que o complemento agentivo pode ser implícito, sendo então dispensado na oração, como em *i trasgressori saranno puniti* (os transgressores serão punidos) e *il quadro è stato danneggiato* (o quadro foi danificado).

A elaboração da ativa e da passiva é vinculada diretamente com a transitividade do verbo porque para esses gramáticos somente verbos que exigem um complemento expreso admitem uma passiva, entretanto, a ativa se constitui tanto com verbos transitivos ou intransitivos, daí que o exemplo em (1a) admite uma passiva (1b) e o exemplo em (2) não.

Além da passiva transposta de uma ativa, para Trifone e Palermo (2000) “o passivo” também pode se materializar na língua de mais outras quatro formas:

- I. o auxiliar *venire* (vir) no lugar do *essere* (ser), como em “*le automobili **vengono sottoposte** a controlli periodici*” (os automóveis são sujeitos a controles periódicos);
- II. o auxiliar *andare* (ir) com o sentido de “necessidade”, como em “*questo filme **va visto** in compagnia*” (o filme deve ser visto em companhia);
- III. o auxiliar *andare* (ir) junto a verbos, como *perdere*, *smarrire*, *sprecare*, *distuggere*, como em “*l’edificio **andò distrutto** durante i bombardamenti* (o edifício foi destruído durante o bombardeamento);
- IV. e com a partícula pronominal apassivante “*si*” precedendo a forma ativa de um tempo simples como em “*non **si conosce** la provenienza di questo reperto archeologico*” (não se conhece a proveniência desta exposição arqueológica). Nesse caso, **non si conosce** equivale a “não é conhecido”.

O texto não deixa claro, mas os exemplos permitem a inferência de que os autores fazem uma distinção entre “*forma passiva*” e “*il passivo*”. A forma passiva, equivalente à voz passiva propriamente dita, é elaborada na língua italiana somente com o auxiliar “*essere*”. E o “*il passivo*” diz respeito a outras construções que permitem o sentido passivo, de passividade relativa ao sujeito afetado pelo processo verbal, como nas quatro formas apresentadas.

A forma reflexiva é particularidade de somente a alguns verbos transitivos. Nela, o sujeito e o objeto coincidem - isto é, são um mesmo referente no mundo - e o objeto é representado por um pronome equivalente a pessoa verbal, são eles *mi, ti, si, ci* e *ví*, como em *tu ti lavi* (você se lava) ou *Andrea si veste* (Andrea se veste).

Ainda sobre a forma reflexiva, Trifone e Palermo (2000) explicam que pode ocorrer a forma reflexiva aparente e a forma reflexiva recíproca. A primeira, também chamada de reflexiva pronominal, ocorre quando o pronome reflexivo não funciona como um objeto (não ocupa a casa destinada a um objeto), mas sim como um complemento do termo (sujeito), os exemplos dos autores são *Paolo si (= a sé) lava le mani* (*Paulo se lava as mãos) e *Andrea si (= a sé) taglia la barba* (*Andrea se corta a barba). A tradução para o português dessas duas orações não é muito produtiva, visto que não temos usos como esses do pronome reflexivo adjungido aos verbos “lavar” e “cortar” em uma estrutura argumental com a presença do argumento dois (arg2), na função de objeto.

Já a forma pronominal, ocorre quando o verbo possui sentido ativo e, formalmente, é idêntica à forma reflexiva pela presença do pronome junto ao verbo, mas a diferença é que nesse caso o pronome não acrescenta ao verbo nenhum significado particular, isto é, o pronome não cumpre nenhuma função na estrutura argumental, os autores explicam que “*in questo caso il pronome non aggiunge al verbo nessun significato particolare; quel che cambia è la funzione svolta dalla particella pronominale*”² (Trifone; Palermo, 2000, p. 114). São exemplos de verbos pronominais na língua italiana: **verbos intransitivos** *accorgersi, arrabbiarsi, pentirsi, ribellarsi, vergognarsi* (notar-se, irritar-se, arrepender-se, rebelar-se, envergonhar-se); **verbos transitivos** *abbandonarsi, alzarsi, commuoversi, decidersi, svegliarsi* (render-se, levantar-se, comover-se, decidir-se, acordar-se); e os também intransitivos *affacciare, approfittare, sedere*, que existem na forma pronominal, mas sem nenhuma diferença de significado da forma não pronominal. Por exemplo, *la finestra affaccia sulla strada* ou *si affaccia sulla strada*, em que *affaccia* e *si affaccia* possuem um mesmo sentido de “ter vista”. Então, essas duas orações possuiriam um mesmo sentido, o qual pode ser traduzido por “a janela tem vista para a rua”.

Por fim, os autores chamam atenção para aqueles usos - recorrentes especialmente na língua falada - em que o pronome junto a verbos transitivos não assume nenhum valor gramatical, mas somente um valor expressivo, indicando uma maior intensidade da participação do sujeito no evento verbal. São exemplos desses usos: *Marco ha bevuto una birra* vs *Marco si è bevuto una birra*, que traduzidos significam “Marco bebeu uma cerveja”, de tal maneira que o pronome *si* na segunda oração não assume nenhum

² Traduzindo, “neste caso o pronome não adiciona nenhum significado particular ao verbo; o que muda é a função executada pela partícula pronominal.” (Tradução própria).

valor além do de realce. A semelhante modo, temos também no português o pronome expletivo ou de realce.

Embora Trifone e Palermo (2000), ao prescreverem a voz, sugerem inicialmente que os critérios serão apenas formais e relacionados unicamente ao verbo - como ocorre também em algumas gramáticas do português -, a descrição e a distinção geral entre os tipos de voz se faz pelos critérios semânticos de agente e paciente para, respectivamente, as formas ativa e passiva e, por critérios semânticos e morfossintáticos para a forma reflexiva (e recíproca) e para a forma pronominal. Isto é, em alguma medida, esses autores extrapolam o nível unicamente do verbo ao proporem descrição envolvendo a forma e a função entre sujeito e verbo no estabelecimento da organização predicativa. Nesse sentido, merece destaque também a observação que os autores fazem à língua falada para explicarem a existência do pronome de realce.

A “*Grammatica: parole, frasi, testi dell’italiano*”, de Angela Ferrari e Luciano Zampese, que tem a sua primeira edição em 2016, pela *Carocci editore*, é uma gramática que se propõe, a partir das “mais importantes contribuições oferecidas pela linguística contemporânea”³ (Ferrari e Zampese, 2018), apresentar uma descrição morfossintática detalhada da língua italiana em interação com a dimensão textual. Logo, o que se verá a partir desses autores é uma concepção de gramática a serviço de um processo comunicativo que se estabelece via texto.

A voz em Ferrari e Zampese (2018) é abordada em dois momentos. Um em que eles tratam da diátese e em outro que tratam dos tipos de frases simples, a frase afirmativa e a frase passiva. A diátese é o termo empregado pelos autores para designar a relação entre sujeito e verbo no estabelecimento da distinção entre ativa e passiva, ou seja, diátese, então é voz. Nesse sentido, Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022, p. 23) explicam que a origem do termo é do grego *diáthesis*, que significa “a maneira de ser do verbo”, ele foi “adaptado na gramática latina por *vox* > voz, por isso, considerando o seu sentido original, diátese equivale à voz”. Com isso, é legítimo afirmar que os autores tratam do fenômeno como uma categoria sob a nomenclatura de diátese e não de voz.

A diátese ativa, segundo Ferrari e Zampese (2018), é disponível (ou aceitável) para todos os verbos, porém a forma da diátese passiva para os verbos que permitem função de sujeito e de objeto, ou seja, os verbos transitivos, como em:

(3a) *Un sasso ha rotto il vetro.* (Uma pedra quebrou o vidro.)

³ No original, “... più importante contributi offerti dalla linguística contemporânea”.

(3b) *Il vetro è stato rotto da un sasso.* (O vidro foi quebrado por uma pedra.)

Os exemplos em 3 “a” e “b” são possíveis porque o verbo (*rotare > rotto*) permite a inversão sintática entre o sujeito e o objeto.

Por outro lado, há verbos que permitem frases ativas, mas que não permitem a inversão sintática. Observe:

(4a) *Michela há tossito tutto il giorno.* (Michela tem tossido todos os dias.)

(4b) **Tutto il giorno è stato tossito Michela.* (*⁴Todos os dias é tossida a Michela.)

Os autores explicam que a diátese ativa é a mais frequente na língua, enquanto a passiva é uma forma alternativa à ativa correspondente, disponível para escolha de quem escreve ou fala. O menor uso da passiva deve-se às restrições sintáticas, uma vez que nem todas as ativas permitem uma passiva. A escolha de uma passiva decorre de diversas razões, entre elas o desejo ou a necessidade de se manter subentendido o agente causador do evento ou porque ele é muito óbvio ou porque é desconhecido. Por exemplo, em *All'imbrunire le vetrine erano già tutte illuminate* (Ao anoitecer, as janelas já estavam todas iluminadas) a informação “pela luz” é óbvia e, portanto, desnecessária. Assim, naquelas situações em que o agente da ação - que ocuparia a função de sujeito em uma ativa - é óbvio, o falante ou escritor tem a sua disposição uma organização na passiva, a qual dispensa o argumento agentivo. O mesmo ocorre nas situações em que o agente é desconhecido ou não pode ser informado. No mais, a passiva permite a topicalização do objeto, isto é, do elemento do qual a frase fala.

A passiva então, é uma forma alternativa e o seu uso depende de uma opção do usuário da língua a depender das suas necessidades comunicativas. Essa ideia é reiterada na subseção em que tratam dos tipos de frase, a frase ativa a frase passiva ao afirmarem que “as duas frases se referem a um mesmo evento” expresso de diferentes formas por cada uma dessas frases. Para Ferrari e Zampese (2018, p. 131), “em geral, as frases que contêm um complemento objetivo admitem uma reformulação passiva”, entretanto, algumas frases, mesmo possuindo complemento objeto, não admitem uma passiva, como em *Questa storia riguarda solo Michela* (Esta história diz respeito somente a Michela). Michela é o complemento objeto, mas ela não pode ser o sujeito de uma passiva.

Assim, as características de uma frase passiva: i) o complemento objeto de um verbo transitivo assume a função de sujeito; ii) o sujeito de um verbo transitivo (na ativa) se torna um sintagma introduzido preferencialmente pela preposição “da” (por); iii) o

⁴ Indicativo de uma construção agramatical no português.

verbo principal assume a forma de particípio passado precedido de um verbo auxiliar *essere* (ser) ou *venire* (ir/vir) flexionado.

As formas reflexiva e recíproca ou voz reflexiva/recíproca não são descritas como um fenômeno oracional indicando a relação entre sujeito e objeto. A noção semântica de reflexividade é mencionada nessa gramática somente para explicar a função do pronome reflexivo, ficando circunscrita ao verbo e não uma a uma relação oracional.

O que se observa em Ferrari e Zampese (2018) sobre a diátese é que ela se configura como uma categoria da língua que trata da possibilidade de diferentes formas de descrição linguística para um mesmo evento e que depende do usuário (aquele que fala ou escreve) a escolha entre uma das formas a partir dos seus objetivos no projeto comunicativo. A parte destinada a tratar da diátese cuida prioritariamente de apresentar uma explicação mais voltada para os sentidos produzidos em cada tipo, ficando reservado para a seção destinada as frases ativas e passiva um tratamento mais morfosintático do fenômeno, o que leva ao entendimento de que a voz (diátese) não se configura plenamente pela relação indissociável entre forma e significado.

Mesmo não havendo reconhecimento da voz reflexiva ou recíproca, nota-se uma preocupação de Ferrari e Zampese (2018) em estruturar uma proposta de gramática mais ampla, atentando-se para como a língua como um sistema complexo e condicionado pelo uso, assim se ratifica a proposição dos autores de um estudo de gramática a serviço da comunicação e voltado para o texto.

Parece que o tratamento dado à voz é feito com uma preocupação mais voltada para explicar a diferença existente entre um predicado estruturado de forma simples, em torno de um único verbo, ou estruturado em forma de perífrase, em torno do verbo auxiliar e do principal, resultando respectivamente na ativa e na passiva. Em nenhum dos manuais a voz foi abordada explicando que a caracterização de cada uma delas envolve uma relação formal e semântica entre o sujeito e o verbo. Autores como Ferrari e Zampeze (2018) demonstram ampla preocupação com o significado e até com as indicações de usos mais adequadas para cada uma das formas, mas não se atentam para a voz como um sistema complexo relacionando todas as subcategorias nele envolvidas.

A "*Grammatica della lingua italiana*", de Christoph Schwarze (2009), não aborda a voz como uma categoria na língua, mas se refere às noções de passivização e reflexivização para explicar as alterações na valência do verbo. E, com isso, trata da organização da oração na forma ativa e passiva, mas sempre com foco na valência.

Para o autor, o *Mutamenti di valenza* (mudança de valência) ocorre de três formas: mudança simples, passivização e reflexivização. Um exemplo para o primeiro tipo é o verbo “*sembrare*” (parecer), como em *Il cane sembra dormire* (O cão parece dormir) e *Sembra piovere* (Parece chover). Nota-se que a mudança simples se refere aos verbos que naturalmente admitem usos monoargumentais ou biargumentais conforme o sentido que assumem na oração. Nesse tipo de mudança não há impacto na estrutura do predicado e nem nas funções sintáticas exercidas pelos argumentos.

A mudança no verbo com o objetivo de passivização, ao contrário da mudança simples, causa transformações na organização do predicado, nas funções sintáticas dos argumentos e provoca alterações nos papéis temáticos. Uma das condições para a passivização é que o sujeito da ativa (“sujeito originário”, conforme Schwarze) tenha papel temático de agente ou eficiente. Segundo o autor (2009, p. 141), “o objeto do verbo a ser passivizado torna-se sujeito do verbo passivo”⁵. Do ponto de vista morfológico, o verbo assume a forma de particípio perfeito e concorda com o sujeito e se o verbo não é a cabeça de uma construção particípio é preciso a recorrência a um verbo auxiliar do passivo a fim de exprimir as categorias gramaticais de tempo, modo, pessoa e número. Os verbos que funcionam como auxiliares na construção da passiva são *essere*, *venire*, *andare* e *rimanere* (ser, vir, ir e permanecer) e a escolha de qual deve ser utilizado atende a critérios semânticos e pragmáticos.

Os exemplos do autor são:

(5a) *Anna indirizzò la lettera a Mario.* (Ana enviou a carta ao Mário.)

(5b) *La lettera fu indirizzata a Mario.* (A carta foi enviada a Mário.)

(5c) *La lettera fu indirizzata a Mario da Anna.* (A carta foi enviada a Mário por Ana.)

Schwarze (2009) demonstra preocupação em explicar as formas distintas em 5 (a-c) como formas possíveis para estabelecer uma coesão textual em alinhamento com perspectivas discursivas. Explica que a possibilidade de omissão do agente da ação pode atender aos objetivos textuais e discursivos a depender das necessidades comunicativas.

A reflexivização também é outro fenômeno que o autor recorre para explicar a valência, uma vez que por meio dela pode haver um cancelamento de funções gramaticais, a do objeto, no caso de verbo transitivos (isto é, naqueles que não são intrinsecamente

⁵ L’Oggetto del verbo da passivizzare diventa Soggetto del verbo passivo (Schwarze, 2009, p. 141).

reflexivos como *pentear-se*). O verbo *lavare* (lavar) é um exemplo de verbo que, ao ser reflexivizado, implica a redução de valência, como em:

(6a) *Cesare lava i piatti.* (Cesar lava os pratos.)

(6b) *Cesare si lava.* (Cesar se lava.)

Em (6a), o verbo *lavar* aciona uma estrutura bivalente, porém quando é reflexivizado em (6b) o verbo passa por uma redução de valência. Essa perspectiva do autor vai de encontro a de Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), visto que para essas autoras a presença do pronome em (6b) é para preencher a casa destinada a um argumento dois em uma ativa correspondente, logo, não há uma redução da casa argumental, apenas a forma de preenchimento que deixa de ser lexical para pronominal.

Para Schwarze (2009), os verbos reflexivos assumem as interpretações de: propriamente reflexiva (*Mario si lava* - Mario se lava); recíproca (*Tristano e Isotta si amano* - Tristano e Isotta se amam); abstrata-genérica (*Adesso si mangia* - Agora se come) e média (*Il sale si scioglie* - O sal está derretendo). E, para cada uma dessas formas, o autor explica um tipo de mudança da valência por meio da reflexivização, sempre atentando aos elementos semânticos e pragmáticos e as implicações de cada uma das formas para os sentidos do texto.

Ao contrário de Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), que reconhecem a voz média como um macro domínio semântico ao qual se vincula a voz reflexiva, por exemplo, Schwarze (2009) admite a média como um subdomínio, uma “interpretação da reflexiva”. Ele parte do princípio da presença do pronome reflexivo para a caracterização dos quatro tipos de interpretação reflexiva, ou seja, nesse ponto da sua descrição sobre a voz, recorre somente ao critério formal, porém mesmo assim revela constante preocupação em explicar os diferentes valores contextuais (no uso efetivo) que cada um dos diferentes valores pode assumir, porém sempre no direcionamento de justificar que o sentido reflexivo pode causar mudança na valência.

É notável que em Schwarze (2009) consta uma proposta mais ampla da gramática da língua italiana, porque envolve os níveis sintático, semântico e pragmático a serviço do texto e dos efeitos de sentido na comunicação. Ademais, convém destacar que, mesmo não tratando da voz enquanto categoria distinta das demais categorias do verbo na sua gramática, ele foi o único dentre os autores consultados a reconhecer a voz média.

Considerações finais

A incursão pelas lições gramaticais mencionadas neste texto, as quais prescrevem e descrevem a voz na língua italiana, permite concluir que a voz não é caracterizada de maneira completa, isto é, integrando forma e função para sua descrição no interior do sistema linguístico, bem como não há entre os autores um consenso sobre a classificação tipológica da voz. Somente as mais prototípicas são abordadas na seguinte ordem de prioridade: ativa, passiva, reflexiva e recíproca. A ativa é, na gramática italiana, a ordem natural - e até mais recomendável - e a passiva, uma forma correspondente à ativa, é empregada apenas em contextos específicos, por exemplo, quando há a necessidade de omissão do elemento agentivo.

Trifone e Palermo (2000), a partir de uma perspectiva mais prescritiva, são os únicos que reconhecem os quatro tipos, porém em alguns momentos priorizam critérios mais formais e em outros, critérios mais semânticos. No mais, esses autores não apresentam uma preocupação dos efeitos de sentido que cada um dos tipos pode assumir em uma situação de uso, ao contrário de Schwarze (2009), que se preocupa com sentido de cada um dos tipos de voz assume no texto para efetivar a comunicação, por extensão e também por inferência, pois, é possível afirmar que esse autor tem uma preocupação com o uso linguístico.

Outra conclusão importantíssima é também a falta de consenso sobre o reconhecimento da própria categoria, não só pela diversidade de nomes que a voz recebe, como “forma”, “diátese” e “voz”, mas também porque em momentos o fenômeno é tratado por outras perspectivas ou fenômenos correlatos, como Schwarze (2009), que trata dos processos de reflexivização e passivização implicados na valência. O autor faz uma relevante discussão sobre como esses dois fenômenos semânticos se materializam na língua ao conjugar elementos sintáticos, semânticos e pragmáticos a serviço do texto e da produção de sentidos, mas não menciona em nenhum momento que se trata da voz.

Ademais, como já se disse, o tratamento se volta para os tipos prototípicos da voz. Em uma visão de descrição da língua em uso Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022, p. 16), por exemplo, propõem uma descrição da voz no português brasileiro com sete tipos, ativa, passiva, média, reflexiva, recíproca, impessoal e adjetival. Nos textos consultados não encontramos referências sobre a impessoal e adjetival na língua italiana enquanto tipos distintos de voz.

Por fim, o que se encontrou sobre a voz na gramática da língua italiana se alinha com o tratamento feito ao fenômeno na maioria das línguas do mundo. Em consonância com estudiosos sobre a voz em diversas línguas, como Kemmer (1993), Keenan e

Dryer (2007) e Givón (2001), esta revisão panorâmica sobre a voz na gramática da língua italiana permite mais uma vez constatar que a complexidade da categoria que envolve uma relação abstrata entre sujeito e verbo para a representação dos eventos do mundo é desconsiderada no tratamento da voz e, por isso, ora priorizam características morfossintáticas ora semânticas.

Referências bibliográficas

BARROS, D. M. *Aspectos funcionais relativos ao (des)uso do reflexivo na fala goiana*. 2011. 214 f. Dissertação (Mestrado Estudos Linguísticos e Literários) - Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.

BARROS, D. M. *Um estudo panorâmico da voz reflexiva em perspectiva construcional*. 2016. 177 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

BENVENISTE, È. *Problemas de lingüística geral*. Campinas: Pontes, 2005 [1966].

CAMACHO, R. G. Construções de voz. In: ABAURRE, B. M.; RODRIGUES, A. C. S. R. (Org.). *Gramática do Português Falado*. v. VIII. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p. 227-316.

CAMACHO, R. G. Em defesa da voz média no português, *Delta*, São José do Rio Preto (SP). v. 19, n. 1, p. 91-121, 2003.

CASSEB-GALVÃO, V.; BARROS, D. M.; BERTOQUE, L.A.P.D. *Construções de voz no português brasileiro - norma uso e funcionalidade*. Goiânia: CEGRAF-UFG, 2022.

FERRARI, A.; ZAMPESE, L. *Grammatica: parole, frasi, testi dell'italiano*. Roma/It: Carocci, 2018.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

KEMMER, S. *The Middle Voice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

KEMMER, S. Middle Voice, Transitivity, and the Elaboration of Events. In: FOX, Barbara; HOPPER, Paul J. *Voice: form and function*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 119-149, 1994.

KEENAN, E. L.; DRYER, M.S. Passive in the world's languages. *In: SHOPEN, T. Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 325-361.

SCHWARZE, C. *Grammatica della lingua italiana*. Roma/It: Carocci, 2009.

TRIFONE, P.; PALERMO, M. *Grammatica Italiana di base*. Milano/It: Zanichelli, 2000.

A VOZ COMO CONSTRUÇÃO

Vânia Cristina Casseb-Galvão

Introdução

Os resultados da análise biográfica promovida por Barros no primeiro capítulo mostram a necessidade de uma descrição mínima dos tipos de voz na língua italiana e mais, a distinção de seu status categorial, uma vez que se trata de um fenômeno gramatical altamente complexo cuja descrição e análise pressupõe uma perspectiva alargada da constituição linguística, que não se esgota na análise do verbo ou de qualquer um único outro elemento da configuração predicativa a partir da qual os respectivos tipos de voz se organizam.

Por isso, este capítulo pretende descrever o caráter categorial construcional da voz gramatical, a partir da distinção de propriedades que assim a especifiquem, e também esboçar uma escala que ateste o processo de abstratização (mudança) que gerou os membros dessa categoria. Pressupõem-se que essa escala se constitui em múltiplos feixes e que esse paradigma formata uma rede funcional-cognitiva decorrente de relações de hierarquias e de herança que estão correlacionadas à mudança linguística no interior da categoria.

As perguntas de pesquisa são:

1. Quais fatores identificam a voz gramatical como construção?
2. Como os tipos de voz se desenvolvem, ou, como se dão as relações de herança categorial no interior da rede que eles projetam?

A voz é um mecanismo da organização gramatical que instancia as relações de forma e de significado entre o sujeito e o verbo. Ela está a serviço da representação da diátese, uma dimensão da organização predicativa que diz respeito às diferentes possibilidades de um mesmo verbo se relacionar com o sujeito e, conseqüentemente, descrever diferentes estados de coisas, em diferentes perspectivas, cumprindo diferentes intenções pragmáticas.

Uma vez que se realiza em variadas formas de superfície, produzindo diversos significados, tem-se que a voz é uma categoria, logo, é uma esfera gramatical organizada por princípios de semelhança de família. Sendo assim, tem-se que a voz ativa é o ponto mais concreto do contínuo de abstratização de significado que os demais tipos representam e que, logo, é a candidata à construção, fonte do processo de mudança que gerou os demais elementos categoriais, oferecendo material conceitual e estrutural para o seu desenvolvimento.

De igual maneira, considero que aqueles tipos de voz mais à esquerda do contínuo contribuem conceitual e estruturalmente para os tipos subsequentes, em diferentes graus de herança.

Parto de Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022) e da rede construcional ali proposta, mas, inspirada em Traugott (2007), proponho uma rede construcional mais sintética, a fim atribuir maior visibilidade à sua configuração construcional. Recorro também a Goldberg (1995), Traugott e Trousdale (2013), Masini (2017), Casseb-Galvão (2022a), Casseb-Galvão (2022b), entre outros.

Como em Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), em relação ao português brasileiro, reconhece-se para a língua italiana a ocorrência dos mesmos tipos de voz ali descritos: ativa, passiva, média, reflexiva, recíproca, impessoal e adjetival, o que se confirma através das ocorrências de (1) a (7):

Abbiamo cambiato l'agenda della politica - Ativa

1. *Il conformismo dei mezzi di comunicazione non è cambiato, salvo poche ammirevoli eccezioni **la prima delle quali è rappresentata dal giornale che oggi festeggiamo.*** - Passiva
2. *Ricordo **gli ufficiali nazisti che dopo la sconfitta si tolsero la divisa come fosse un camice da lavoro** per voltare pagina con terribile naturalezza.*
- Reflexiva

3. *Il fatto che poi i grillini nelle istituzioni si siano rivelati inconcludenti, contraddittori e del tutto incapaci non deve tranquillizzare.* - Media
4. **Oggi si battono perché dei poveri disgraziati non siano lasciati ad affogare** in mezzo al mare e non muoiano di gelo tra le montagne. - Recíproca
5. *Quando Scarantino iniziò a collaborare, si percepiva chiaramente che era una figura ambigua, paradossale.* - Impessoal
6. **Ho accolto con soddisfazione il fatto che si vada verso la revisione del processo** e che finalmente si inizi a parlare di una verità diversa da quella che fino ad oggi ci è stata fornita. - Adjetival

Os pressupostos de análise conjugam postulações da Gramática de construção e da Teoria clássica de gramaticalização e mudança, seguindo-se ao que Traugott vem propondo ao longo de seus estudos a respeito dos processos de mudança linguística desde os anos de 1990 até os dias atuais, ao aderir à visão construcional da linguagem:

- A. Os construtos são o *locus* da mudança linguística e ela pode se dar em qualquer nível de organização linguística.
- B. As mudanças podem ser graduais ou instantâneas, acontecerem no tempo histórico e/ou entrarem em uma determinada sincronia.

Atentarei para a codificação da voz na língua italiana, em especial, para os usos verificados no *corpus* de entrevista, “*Corpus do italiano contemporâneo - Entrevistas*” (CICE), idealizado por Casseb-Galvão e organizado com a assistência de Angelica Pantaleo, no curso de licenciatura em Ciências e Técnicas da Mediação Linguística, da *Università del Salento* (Unisalento), na cidade de Lecce, Itália. O conjunto de 50 entrevistas traz um panorama da identidade linguística italiana a partir da voz de personalidades de diversos segmentos sociais contemporâneos. O quadro 1 resume o perfil desses sujeitos.

Quadro 1: Critérios para a composição do *corpus* CICE

Sexo	Masculino e Feminino
Faixa etária	17-94
Profissão	poetista, escritores, atletas, músicos, chefe de cozinha, atores, empresária, intelectual, estilistas, jornalistas, diretores, políticos, dirigente, artista, médico, filósofos, arquiteto etc.

Fonte: Casseb-Galvão (2024).

As entrevistas foram realizadas num intervalo de 15 anos (2005 - 2020) e os entrevistados são sujeitos nacionalmente conhecidos. A maioria apresenta escolaridade média ou alta. São 50 sujeitos entrevistados, 30 identificados com o sexo masculino e 20 com o feminino. O *corpus* é heterogêneo quanto à faixa etária e à região de origem dos sujeitos. Devido a essa configuração, o *corpus* CICE fornece um quadro detalhado de uma porção representativa da realidade sociolinguística e da comunicativa italiana, interagindo na modalidade semi-informal.

Para cumprir esses objetivos, este capítulo se organiza em quatro seções: 1. Introdução; 2. As bases teóricas da gramática de construções relevantes para a análise; 3. A descrição e a análise da constituição construcional da voz; 4. Considerações finais.

As bases teóricas

Segundo os modelos teóricos de análise linguística de base cognitiva, como a Gramática de Construções, a constituição das línguas envolve rotinas cognitivas que são, sempre, moldadas, mantidas e modificadas no uso, na interação entre os usuários (Langacker, 1987). Isso porque se reconhece, como afirma Tomasello (2003), que a comunicação humana é sempre uma atividade compartilhada, uma atividade na qual se pressupõe dois participantes. Sempre se fala para alguém, e, completando a tríade dêitica, de alguém.

Logo, a construção do significado ocorre em contextos específicos, o que o torna constantemente construído, (re)significado. Inseridas nas rotinas cognitivas estão as representações de conceitos de base lexical e gramatical, e essas bases fornecem material para essa ressignificação. Além dos aspectos contextuais, situacionais e sociais, habilidades cognitivas gerais (linguísticas e não linguísticas) são responsáveis pela organização, estruturação e mudança linguística que operam na constituição dos sistemas linguísticos.

Segundo Bybee (2015), algumas dessas habilidades, acionadas na mudança linguística, envolvem os processos cognitivos gerais da categorização, prototipia, iconicidade, perspectiva e memória rica. Isso ocorre porque a categorização está relacionada ao modo como arranjamos os elementos do mundo e da língua por semelhança de família, e a partir de um membro central, que apresenta os traços mais representativos dessa categoria, o protótipo. Essa perspectiva também implica reconhecer uma motivação para as representações linguísticas, visão que afasta a hegemonia da noção de arbitrariedade e reconhece uma vinculação conceitual entre as categorias do

mundo e as categorias da linguagem. Sendo assim, o modo como o usuário da língua perspectiviza o enunciado vai influenciar na interpretação pragmática do interlocutor e, conseqüentemente, favorecer uma determinada interpretação do evento descrito. Além disso, as relações entre conceitos, categorias e construções linguísticas ocorrem como produto do trabalho da memória enriquecida do falante, formada com base em suas experiências sociais, cognitivas e discursivas.

Essa premissa fundamenta as análises funcionais-cognitivas em geral, desde as clássicas àquelas da Gramática de Construção, as quais reconhecem que a organização da gramática interna do falante apresenta íntima relação com a capacidade cognitiva de perceptualização e conceptualização do mundo.

Sendo assim, a interpretação entre o símbolo e as coisas que ele simboliza estão na base da organização da linguagem. O significado é construído cognitivamente em um processo que envolve simultaneamente vários princípios e relações e se dá em rede, através de padrões de significação. Esses padrões identificam as construções.

Como construção, os construcionistas (Goldberg; Traugott; Traugott e Trousdale; Masini etc) reconhecem qualquer elemento na língua, independente do seu tamanho, que se associe diretamente a algum sentido ou função pragmática. Conforme a definição precisa de Goldberg (1995), uma construção é um pareamento de forma e significado um par de forma e de sentido. No plano da forma estão um conjunto de condições morfossintáticas e fonológicas. O significado, por sua vez, é estabelecido a partir de um conjunto de condições de significado e uso, logo, de condições contextuais culturais, situacionais e cognitivas.

Alguns autores preferem definir a construção a partir do par forma e sentido, outros do par forma e função. Trata-se de um pareamento porque cada parte é como se fosse uma das faces de uma mesma moeda. Sem uma delas, a moeda deixa de existir.

Porque centro minha atenção em um fenômeno sintático, me é especialmente útil a clássica definição de Construção gramatical, proposta por Fillmore ainda em 1988 (p. 36), em sua obra inaugural do modelo CxGr:

By grammatical construction we mean any syntactic pattern which is assigned one or more conventional functions in a language, together with whatever is linguistically conventionalized about its contribution to the meaning or the use of structures containing it.¹

¹ Por construção gramatical entendemos qualquer padrão sintático ao qual são atribuídas uma ou mais funções convencionais numa língua, juntamente com tudo o que é linguisticamente convencionalizado sobre a sua contribuição para o significado ou o uso das estruturas que o contém.

A definição de Fillmore (1988) tem uma estreita relação com o conceito de convencionalização, o que significa que esse padrão deve ser aceito, replicado, difundido e compartilhado por uma comunidade de falantes, logo, se é frequente e não é um padrão artificialmente proposto ou de uso de um falante individual. Construcionalmente, a todo padrão sintático é atrelada uma função ou um significado, o que não é diferente com as construções de voz.

Em termos de Masini (2017, p. 42), pode-se dizer que uma construção é:

um objeto linguístico que tem alguma propriedade (formal ou funcional) não estritamente previsível de seus constituintes internos (ou por outras Construções precedentemente individuadas), ou que apresenta uma alta frequência, tal que resulta ser guardada como um conjunto.

A partir dessa definição, Masini (2017) então faz e tenta responder duas perguntas: o que significa exatamente “não estritamente previsível”? E como se identifica uma Construção? Para responder ela recorre a Hilpert (2014, p. 12-22), que traz uma discussão a esse respeito a partir de quatro estratégias, que constituem diferentes tipos de idiosincrasia e que estão relacionados: 1. à forma das Construções; 2. à sua função; 3. à presença de restrições idiosincráticas; 4. à presença de preferências de colocação. Apoiando-se nos princípios *usage-based* de Goldberg (2006), Masini (2017) acrescenta uma quinta estratégia, a alta familiaridade do uso. Estas estratégias me servirão de parâmetro para distinguir a voz como construção na seção de análise e ali serão mais detalhadas.

Como o dinamismo está na base da formação do multissistema gramatical, pressupõe-se que a formação do subsistema de voz deu-se por um processo de mudança, conforme já mencionado na introdução deste capítulo.

No âmbito dos estudos construcionais, as postulações de Traugott (2008) rompem definitivamente com a perspectiva atômica da mudança, restrita à análise das expressões linguísticas individuais, de um item específico, e se voltam para as relações mais amplas entre os elementos da constituição linguística, vista então como uma rede de relações formais e funcionais. Sendo assim, e baseada em Traugott (2008), considero que:

- A mudança é inerente à língua devido ao seu caráter **dinâmico**.
- O reconhecimento desse dinamismo não nega a existência de padrões regulares que orientam o uso linguístico: pode-se dizer que a língua se estabiliza entre o regular e o dinâmico, o que equivale a afirmar que existem **padrões linguísticos coletivos ou princípios gerais** e usos particulares.

- Os padrões de uso particulares são o *locus* da mudança e esta, por sua vez, num processo recíproco, interfere e altera também os padrões coletivos, ambos são interdependentes).

Em termos de Traugott e Trousdale (2013), significa reconhecer que a língua é uma organização em rede (que, como um todo, pode ser entendida como algo relativamente mais estável) e, dentro dela, existem graus de instabilidade que são responsáveis pelas mudanças. A língua é uma rede de construções.

Considerando-se a sua constituição pareada (forma e significado), tem-se então que alterações em uma, em outra ou nas duas interfaces da construção linguística resultam em mudanças. Essas alterações podem se dar tanto na **dimensão formal** (fonético-fonológica e morfossintática) quanto na **dimensão significativa** (semântica, pragmática e discursiva).

Essa nova perspectiva ampliou o foco da análise sobre os fenômenos de mudança nas línguas, dando atenção especial para a dimensão contextual, o que significa que as mudanças ocorrem além do item e com a interferência direta do contexto que, simultaneamente, mantém e modifica o sistema da língua.

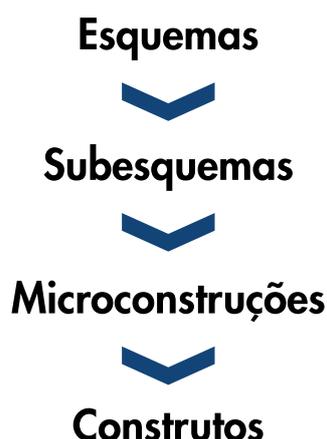
Traugott e Trousdale (2013) reconhecem dois tipos de mudança (construcionalização e mudança construcional), baseados na noção de conceptualização, ou seja, consideram que eles estão relacionados ao modo como a mente constrói a experiência do falante no mundo.

A construcionalização envolve a criação de um novo pareamento de forma e significado, de uma nova construção a partir de um pareamento pré-existente, constitui uma nova combinação de signos, em outras palavras, significa o surgimento de um novo padrão fonológico, sintático ou morfológico, e um novo significado ou função. Esse tipo de mudança é acompanhado por mudanças no grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade da construção, ou seja, por mudanças na sua composição interna.

Traugott e Trousdale (2013), apoiados em Bybee (2010), reconhecem dois importantes parâmetros para analisar os processos de mudança, as frequências *type* e *token*. Os *types* são padrões sintático-semânticos e os *tokens* consistem nas realizações individuais dos falantes nos contextos de interação. Ambos são importantes para aferir o grau de esquematicidade (previsibilidade de seus componentes) e a produtividade (recorrência e variedade de uso) de uma construção e, conseqüentemente, seus padrões esquemáticos gerais de funcionamento, desde as relações mais específicas até as relações entre diferentes esquemas na rede gramatical geral.

A nova construção constitui um novo nó na rede. O processo pode ocorrer em qualquer nível da hierarquia construcional. Traugott e Trousdale (2013), por exemplo, propõem uma hierarquia construcional a fim de explicar a gradualidade das mudanças linguísticas, explicação que deve estar baseada em uma análise que considere uma sucessão de domínios constituintes da construção, conforme o seguinte padrão hierárquico:

Figura 1: Hierarquia Construcional de Traugott e Trousdale (2013)



Fonte: Traugott e Trousdale (2013).

Os esquemas são padrões sintático-cognitivos abstratos, relativos ao funcionamento linguístico. No caso, podemos considerar a predicação, onde se estabelecem as relações de transitividade, o macroesquema de onde são geradas as relações de voz. Os subesquemas correspondem aos paradigmas construcionais com padrões sintáticos, semânticos e cognitivos semelhantes, como, por exemplo, as vozes ativa, passiva, reflexiva etc. Cada um desses subesquemas atualiza microconstruções perfeitamente distinguíveis e analisáveis, como as ativas prototípicas, as reflexivas prototípicas, as reflexivas não prototípicas etc. Elas constituem os *types*, indicadores das categorizações internas aos subesquemas e que são distintos a partir de *tokens*, os construtos de um usuário particular da língua, e que é *lócus* da inovação e da convencionalização. O construto equivale a cada ocorrência verificada no uso da língua.

A construcionalização de esquemas não é abrupta, resulta de uma sucessão de micro-passos, é gradual. Novas micro-construções podem também ser criadas de forma gradual, mas elas também podem ser instantâneas. Micro-construções gradualmente criadas tendem a ser procedurais (abstratas) e micro-construções instantaneamente criadas tendem a ser conteudísticas.

A mudança construcional, por sua vez, acontece em uma parte de uma construção já existente, em uma das faces do pareamento, afetando ou o plano da forma ou o do significado. Não é necessário haver simultaneamente alteração na forma e no sentido para se reconhecer a mudança. Se houver mudança em apenas um dos componentes dessas duas interfaces já se constata uma mudança construcional.

Além disso, nem toda mudança construcional resulta em uma construcionalização, mas a construcionalização se inicia em uma mudança construcional, uma micromudança.

A constituição construcional da voz na língua italiana

Partindo das postulações construcionais apresentadas anteriormente, cabe submeter a voz aos critérios que identificam uma construção e o processo de mudança que gerou os tipos de voz identificados no sistema da língua italiana.

O caráter construcional da voz

Baseada em Goldberg (2006), Hilpert (2014), Masini (2017), Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), distingo as propriedades construcionais prototípicas da voz na língua italiana, com base nos seguintes critérios:

Quadro 2: A forma construcional

Subesquemas de voz	Constituição formal / Padrão morfossintático e semântico / Type prototípico
Ativa	Suj. agente V. ação Obj. paciente
Passiva	Suj. Paciente/afetado V. essere V. ação Obj. agente
Reflexiva	Suj. agente + volitivo V. ação Obj. pronominal correferente ao sujeito
Média	S. agente - volitivo V. ação Obj. pronominal correferente ao sujeito
Recíproca	Sujeito agente/paciente/correferencial ao objeto Verbo ação Objeto agente/paciente/correferencial ao sujeito
Impessoal	Suj. não expresso, 3ª pessoa s/p não referencial V. ação Obj. paciente/afetado/referencial
Adjetival	Suj. experienciador V. estativo

Fonte: Casseb-Galvão (2024).

A função construcional

Cumprindo uma função definida no nível do esquema, os subesquemas de voz se distinguem e atuam na organização da diátese, ou seja, na subcategorização de diferentes construções de natureza verbal e da sua relação com o sujeito, estabelecendo uma correspondência entre a forma e o sentido da predicação que eles instanciam.

Restrições idiossincráticas

Todos os subesquemas de voz apresentam restrições idiossincráticas e um exemplo está na determinação do sujeito. O subesquema da voz ativa, por exemplo, se organiza somente a partir de um sujeito agente; na passiva, o sujeito é sempre afetado ou paciente; na voz reflexiva, o sujeito agente, além de ser sempre correferencial ao objeto ele deve ter o traço semântico [+ volitivo] ou [+intencional], oposto do que ocorre na distinção da voz média, na qual o sujeito é sempre [- volitivo] e [- intencional] e assim por diante.

Preferências de colocação

Nas vozes média (ii) e reflexiva (iii e iv), o elemento pronominal é sempre anteposto ao verbo. Essa é uma tendência forte na organização da gramática da língua italiana, pois ocorre até mesmo em construtos na voz ativa (i).

- I. Vi **racconto** i segreti dei miei cento anni.
- II. **Si** è **ammorbidita** con il tempo?
- III. **Mi ferma** davanti alla stanza 33.
- IV. **Si** è **alzato** e si è fatto il segno della croce.

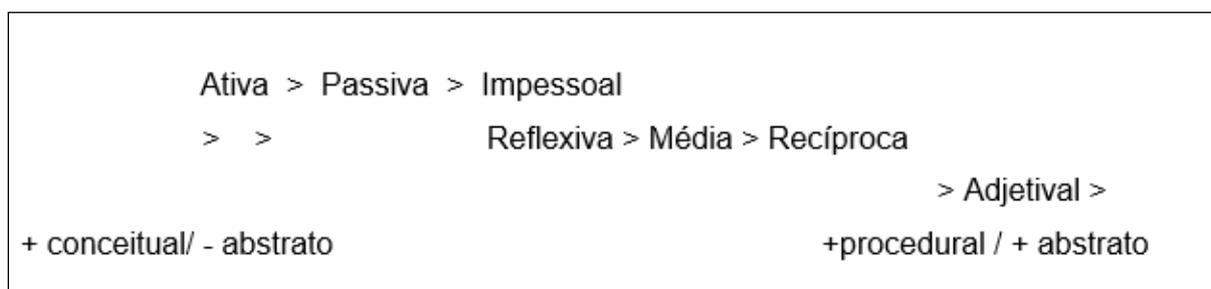
A familiaridade do uso

Todos os subesquemas de voz descritos anteriormente são presentes no *corpus* em maior ou menor frequência. São certamente construções cognitivamente disponíveis aos falantes da língua italiana, que as usam em situações reais de interação.

A constituição da rede de voz

Considerando as postulações de Traugott (2008) e de Traugott e Trousdale (2013), a constituição semântica do sujeito, a entidade da qual parte o processo descrito no estado de coisas descrito no predicado (verbo), logo, a constituição da estrutura argumental e o padrão de predicação dos subesquemas anteriormente descritos, proponho que o processo de mudança que resultou nesses padrões construcionais pode ser esboçado na forma de múltiplos contínuos que descrevem trajetórias unidirecionais cujos pólos são [+ conceitual, - abstrato] e [+ procedural, + abstrato]. Isso significa reconhecer que relações entre os tipos de voz configuram uma escala que se espraia a partir de representações mais concretas para representações mais abstratas, formando os seguintes contínuos unidirecionais:

Figura 2: Esquema 1: Contínuos de abstratização da voz



Fonte: Casseb-Galvão (2024).

Esses contínuos de abstratização formatam a rede construcional da voz e, como tal, admitem leituras nos planos horizontal e vertical.

Quanto ao plano horizontal, no eixo da ativa, o sujeito é plenamente realizado, referencial; na passiva ele é deslocado da sua função prototípica, mas continua expresso e distinto, na impessoal ele é implícito e perde conteúdo referencial.

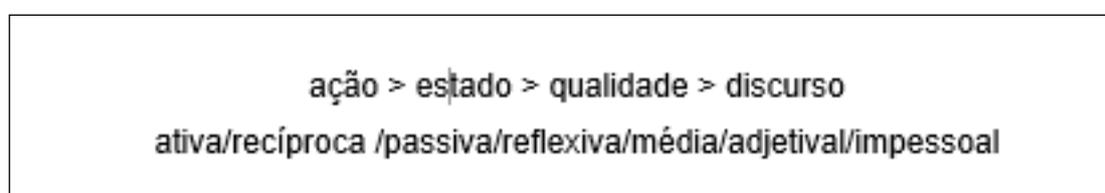
No eixo da reflexiva, o sujeito é plenamente realizado, cumprindo papel prototípico de ponto de partida e de chegada da ação verbal, se distingue formalmente do objeto correferencial; no nó da voz média. Ele perde plenitude conceitual e procedural e, por isso, se distingue pelo traço semântico de [- volição], [- intencionalidade]. Na voz recíproca, as forças que desencadeiam a ação provêm de agentes mutuamente equivalentes quanto à participação na representação do estado de coisas e que se fundem na organização oracional, prescindindo do objeto. Na voz impessoal, o protagonismo do sujeito é apagado, ele é não explícito e não referencial. Na voz adjetival, o sujeito é não ativo, é

experienciador, e a predicação representa um estado, um evento estativo-resultativo, não dinâmico. A oração é intransitiva.

Considerações finais

Esta primeira incursão no domínio da voz na língua italiana mostra seu status categorial, sua diversidade e funcionalidade de sua rede construcional, cuja organização, numa perspectiva sincrônica, revela um processo de mudança na forma do *continuum*

Figura 3: Esquema 2. *Continuum* de abstratização semântica dos subesquemas da voz



Fonte: Casseb-Galvão (2024).

Essa rede decorre de um processo de construcionalização, na medida em que decorrem de alterações no plano da forma e do significado.

Referências bibliográficas

- BARROS, D. M. *Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional*. 2016. Tese. (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, 2016.
- BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CASSEB-GALVÃO, V. C.; BARROS, D. M.; BERTOQUE, L. A. D. P. (org.) *Construções de voz no Português Brasileiro: norma, uso e funcionalidade*. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.
- CASSEB-GALVÃO, V.C.; FLORES, E. A. *Aspectos conceptuais da reversibilidade semântica da construção-suporte no macroesquema da predicação*, Revista Moara, 60, p. 71-91, 2022.

- FILLMORE, C. J. The mechanisms of "Construction Grammar". *Proceedings of the 14th annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 35-55, 1988.
- GOLDBERG A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structures*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG A. E. *Construction at Work: The nature of Generalization in Language*. New York: Oxford University Press, 2006.
- HILPERT, M. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*, v. 1. Theoretical prerequisites. Stanford, Cal.: Stanford University Press, 1987.
- MASINI, F. *Grammatica delle costruzioni*. Roma, Carocci, 2017.
- TOMASELLO, M. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*. Cambridge/London: Harvard University Press, 2003.
- TRAUGOTT, E. C. Discourse markers, modal particles, and contrastive analysis, synchronic and diachronic, *Catalan Journal of Linguistics*, v.6, p. 139-157, 2007.
- TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: EDCKARD, R; JAGER, G; VEENESTRA, T. (eds.) *Variation, Selection, Development- Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, p. 219-250, 2008. Disponível em: <http://web.stanford.edu/~traugott/resources/TraugottEckardtProofs.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2015.
- TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

A VOZ ATIVA NA LÍNGUA ITALIANA

Eleonora Campanelli

Introdução

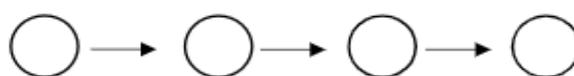
As categorias gramaticais variam de uma língua para outra. Por exemplo, o gênero existe em italiano, mas não em inglês. No entanto, a análise lógica aspira a ter um valor universal, válido para todas as línguas. Desde a antiguidade, de fato, os linguistas acreditavam que todas as línguas do mundo deveriam representar de maneira semelhante as relações entre os homens, os acontecimentos e as ações. Os franceses Arnauld e Lancelot, que publicaram a *“Grammaire générale et raisonnée”* (Gramática geral e fundamentada), estavam convencidos de que na base de todas as línguas do mundo havia um único sistema lógico, ou seja, eles acreditavam que toda língua deve ter sujeito, predicado e complementos (Dardano; Trifone, 2002). A pesquisa linguística explora as nuances e peculiaridades das línguas, oferecendo uma janela fascinante para entender como diferentes culturas se expressam e comunicam. Neste estudo, direcionamos nossa atenção para a voz ativa na língua italiana, desvendando suas características prototípicas. A voz ativa representa a relação sujeito-verbo de forma mais básica, “pelo fato de ser o evento tratado como uma ação, ou atividade de determinada entidade, representada pelo sujeito, de quem pelo menos parte o processo na representação linguística” (Câmara Jr., 1970). O objetivo deste capítulo é compreender a estrutura, função e uso da voz ativa em italiano, destacando sua importância na comunicação e expressão linguística. Fontes importantes incluem os estudos de Hopper e Thompson (1980), Langacker (1987, 1991), Givón (1990), Masini (2005), De Barros (2016) e Casseb-Galvão e Dias Pereira Bertoque (2022), referentes aos conceitos teóricos da linguística, da gramática de construções e construções de voz. O *corpus* deste trabalho consiste em

diversas entrevistas administradas a diversas pessoas relevantes no panorama popular italiano, incluindo políticos, escritores, filósofos, jornalistas e pessoas do mundo do esporte.

Base Teórica

A voz (ou diátese, ou forma) expressa a relação do verbo com sujeito e objeto. “[A voz] pode ser ativa quando o sujeito coincide com o agente da ação” (Serianni, 1988). Em italiano, a voz ativa é caracterizada formalmente pela estrutura SVO (Sujeito - Verbo - Objeto), visto que o sujeito realiza a ação expressa pelo verbo, sendo tanto crucial quanto amplamente utilizada em diferentes contextos linguísticos. Em geral, a voz relaciona-se à transitividade, encarada não apenas como uma relação entre verbo e complemento, mas como uma propriedade semântica escalar mais geral, ligada à conceitualização de eventos, em que entram fatores relativos ao sujeito, ao objeto e ao verbo (Hopper e Thompson, 1980; Givón, 1993; Shibatani, 2006), tais como: (1) a quantidade de participantes; (2) a classificação semântica do verbo; (3) o contorno temporo-aspectual do evento; (4) a modalidade e o tipo de frase; (5) a agentividade do sujeito; (6) a afetação e individuação do objeto. Todos os parâmetros definidores da transitividade são relativos à efetividade com que uma ação toma lugar e é transferida de um participante a outro (Cunha; Cintra, 1985). As demais vozes representam afastamentos dessa transitividade prototípica, codificando formas alternativas de conceber um evento, de modo a permitir diferentes tipos de oposição na estrutura do evento (Croft, 1994). Esses eventos ocorrem no mundo em que objetos discretos se movem no espaço, entram em contato uns com os outros e participam de interações energéticas. O movimento dos objetos é comandado por energia (ou força), que alguns retiram de recursos internos e outros recebem do exterior (Langacker, 1991). Quando esses elementos entram em contato uns com os outros, forma-se uma cadeia de ação: um objeto entra em contato com outro, resultando em transferência de energia. O segundo objeto entra em contato com outro, resultando de novo em transferência de energia e assim indefinidamente, até que a energia se acabe ou nenhum contato seja feito.

Imagem 1: Cadeia de ação



Fonte: Langacker (1987).

A ativa prototípica codifica um evento causativo canônico, em que há dois participantes numa relação assimétrica, um dos quais é *agente arquetípico*: “pessoa que voluntariamente inicia uma atividade física, resultando, através de contato físico, numa transferência de energia a um objeto externo” (Langacker, 1991), e o outro, um *paciente* também *arquetípico*: “objeto inanimado que absorve a energia transmitida via contato físico iniciado externamente e, por isso, experimenta uma mudança de estado” (Ibid.). De forma mais clara, a construção ativa prototípica pode ser representada por uma estrutura argumental que exija dois papéis distintos, uma entidade agente e intencional, um evento de ação pontual e um paciente afetado.

Assim consideradas, as construções de voz situam-se em um continuum cujos extremos são, de um lado, o grau máximo de causalidade/transitividade, representado pela ativa prototípica [...] (Lima, 2021).

A voz ativa prototípica representa eventos causativos e apresenta alto grau de transitividade, ao contrário da voz passiva a qual demonstra um grau mais baixo. A transitividade implica uma atividade de transferência (Cunha; Souza, 2007) entre os termos da oração, portanto, é uma atividade de complementação sintática e semântica. Hopper e Thompson (1980) desenvolvem a transitividade como um conceito contínuo e escalonado, não categórico, que pode variar em graus, dependendo da descrição de um evento no mundo pela linguagem. Os parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson podem ser interpretados como aspectos do modelo de evento canônico e estão incluídos *de facto* na caracterização do protótipo: inclui, portanto, dois participantes expressos por nominais que funcionam como sujeito e objeto; a descrição de um evento (em oposição a uma situação estática), que é energético, relativamente curto e com um ponto final bem definido; um sujeito e um objeto que eles representam entidades físicas discretas, altamente individualizadas e distintas que existem independentemente do evento (ou seja, não constituem um produto dele); assunto e objeto estão envolvidos em um relacionamento assimétrico (ou seja, unidirecional) e a natureza de sua participação no evento é diferente, pois é volitiva apenas em caso do sujeito, que é a origem da energia, enquanto o objeto é o seu destino e, portanto, ele participa da ação de uma forma não volitiva e está, de fato, totalmente envolvido nela. É importante considerar também que o grau de transitividade está relacionado a uma modalidade (oral ou escrita) e ao registro (formal ou informal), pois em dados de fala a transitividade tende a ser mais reduzida, já que há supressão de participantes, ou seja, o não preenchimento das casas argumentais, que, somado a outros parâmetros, especialmente ao aspecto e à pontualidade, interferem na percepção da transferência (Casseb-Galvão, 2022). Na sua expressão prototípica, uma construção transitiva descreve um evento como uma transferência de uma ação (*cinese*) de um participante para outro, concebida em

sua completude (*telicidade*), pontualidade (falta de complexidade interna) e realidade (normalmente expresso no indicativo, presente ou passado, e afirmado). Desse modo, a transitividade não está concentrada apenas no verbo, como afirmam as gramáticas tradicionais, mas percorre toda a estrutura argumental da construção, mantendo estreitas relações do predicado com seus argumentos internos e externos (Cunha; Tavares, 2007). Em geral, a clareza da forma ativa é evidente: uma frase curta que permite compreender quem faz o quê, sem complicações.

Construção ativa

Considerando uma oração como *Maria lê um livro*, a estrutura argumental é:

Figura 1: Esquema de construção ativa

SN ¹ Arg¹ [+ controle/ – afetado]	+	SV [V (ação)]	+	SN ² Arg² [afetado/não controlador]
Maria		lê		um livro

Fonte: Casseb-Galvão, Barros e Bertoque, (2022).

Na voz ativa, topicaliza-se o sintagma nominal na função sujeito, que é iniciador da ação. Isso acontece porque a perspectiva do enunciador parte, preferencialmente, do argumento na função de sujeito que ocupa a primeira posição na sentença e controla a concordância (Camacho, 2002). No exemplo dado, o sujeito *Maria* (SN¹) realiza a ação (V) de *ler* o objeto direto (SN²) da ação, *um livro*.

Construção ativa prototípica

A estrutura argumental para a oração *O motorista feriu o pedestre*, é:

Figura 2: Esquema de construção ativa prototípica

SN ¹ Arg¹ (Agente) [+ controle/ – afetado]	+ SV [V (ação)] +	SN ² Arg² (Paciente) [afetado/não controlador]
O motorista	feriu	o pedestre

Fonte: Casseb-Galvão, Barros e Bertoque, (2022).

O argumento na função sujeito (S) é o *motorista*, cuja função semântica é agente (Ag); o objeto (O) é o *pedestre*, que apresenta função semântica de paciente (Pat) afetado. Semanticamente, *ferir* é um verbo dinâmico de ação que exige um participante causativo. Para Givón (1990), num evento transitivo prototípico, o agente se caracteriza por ser o responsável pelo evento, é iniciador volicional e controlador e causa uma ação notável; o paciente é inativo, não volicional, não controlador, registra ou recebe uma mudança de estado perceptível; e o evento é compacto (não durativo), limitado (não alongado) e real (não hipotético). A construção ativa destaca quem realiza a ação e sobre quem a ação é exercida, seguindo uma sequência direta e linear, e que pode causar uma mudança no estado de coisas ou na condição dos objetos ou das pessoas envolvidas. Então, é importante reconhecer que a voz ativa prototípica não é uma construção estática, mas sim flexível e sujeita a variações, a qual desempenha papéis cruciais na estruturação da língua italiana, permitindo uma comunicação clara e eficaz. É importante destacar que, embora a voz ativa prototípica siga os padrões convencionais da língua, pode variar em sua complexidade e expressividade dependendo do contexto e do registro linguístico utilizado. Em certos contextos, pode haver alterações na ordem dos elementos da frase ou mesmo a omissão de certos elementos, dependendo das necessidades comunicativas e das ênfases desejadas. Em contextos formais, por exemplo, a voz ativa prototípica tende a ser mais estruturada e direta, enquanto em contextos informais pode ser mais flexível e adaptável às nuances da conversação cotidiana. Essas variações adicionam riqueza e complexidade à voz ativa em italiano, permitindo uma expressão mais precisa e sutil.

A voz ativa na Língua Italiana

As intuições dos falantes nativos de uma determinada língua constituem a base empírica da sintaxe, constituem os dados que a ciência linguística deve interpretar e explicar. Nem todos os linguistas concordam com a identificação de dados empíricos como intuições de falantes, mas qualquer que seja a posição escolhida, permanece indiscutível que cada falante de uma determinada língua possui intuições sobre ela. Aqueles que acreditam que os dados empíricos da linguística são aqueles fornecidos por um *corpus* argumentam que eles são mais concretos e objetivos do que as intuições dos falantes, portanto um *corpus* de sentenças italianas deveria fornecer uma imagem objetiva do que realmente é a língua italiana (Graffi, 2021). A sintaxe, sendo uma disciplina descritiva não normativa, não pode limitar-se a levar em consideração apenas as sentenças julgadas corretas pelas gramáticas escolásticas e normativas, mas deve antes basear-se nos julgamentos intuitivos de boa ou má formação que os falantes nativos de uma determinada língua atribuem às combinações de palavras produzidas nessa linguagem. A voz ativa é amplamente utilizada em diferentes contextos comunicativos devido à sua clareza e eficácia na transmissão de mensagens, é particularmente adequada para expressar ações diretas e envolventes, tornando-a uma escolha frequente em textos jornalísticos, narrativos e informativos. Em situações em que a comunicação precisa ser direta e incisiva, a voz ativa é preferida, pois coloca o foco na ação realizada pelo sujeito de forma assertiva. É, portanto, essencial para transmitir informações de maneira clara e concisa, garantindo que a mensagem seja facilmente compreendida pelo público-alvo (Serianni; Castelvechi, 2012).

Francesca Masini, durante seus estudos sobre a língua italiana, explorou as diferenças significativas nos padrões de concordância verbal, ordem das palavras e construções sintáticas que caracterizam a voz ativa italiana em comparação com outras línguas do mesmo grupo linguístico. Em relação à ordem das palavras, ela estudou como o italiano utiliza uma disposição flexível de elementos na frase, permitindo variações na ordem sujeito-verbo-objeto. Este aspecto pode diferenciar a voz ativa italiana das estruturas verbais correspondentes presentes em outras línguas românicas como o português, que podem ter regras mais rígidas quanto à ordem das palavras (Masini, 2005). Isso pode acontecer especialmente na fala coloquial ou em certas formas dialetais. O exemplo a seguir destaca exatamente esse caráter *dinâmico* da língua italiana, em que a estrutura canônica da voz ativa é alterada, mantendo inalterado o significado da frase.

1. *Ieri ho comprato i pomodori al mercato.* (S - V- O) - (Ontem comprei tomates no mercado.)

2. *I pomodori ho comprato al mercato ieri.* (O - S - V) - (Os tomates, comprei no mercado ontem.)

Ambos os exemplos utilizam a voz ativa, porém apresentam uma disposição diferente das palavras. A primeira frase segue a ordem canônica sujeito - verbo - objeto (S - V - O), enquanto a segunda é organizada em objeto topicalizado - sujeito - verbo (O - S - V). O objeto topicalizado é uma forma de reorganização da estrutura da frase para colocar ênfase no objeto direto. Ao destacar o objeto, o falante indica que ele é o tópico principal da comunicação, merecendo atenção especial (Cunha; Cintra, 1985). Em termos gerais, é uma estratégia linguística em que um objeto direto é colocado no início da frase para destacá-lo ou enfatizá-lo. Essa técnica é comumente usada em diversas línguas para focar a atenção no objeto da ação, em vez do sujeito ou do verbo. Além disso, o objeto topicalizado pode ser usado para tornar a frase mais natural na conversação, ajustando a ordem das palavras de acordo com o contexto comunicativo. Esse fenômeno gramatical reflete a flexibilidade da linguagem em expressar significados de maneiras diferentes para atender às necessidades comunicativas específicas. É, então, uma estratégia discursiva que permite ao falante destacar certos elementos da frase para enfatizar sua importância na comunicação, enfatizando-o como o foco da mensagem. Na frase acima, “os tomates” é o objeto direto da frase e aparece após o verbo *comprar* de acordo com a ordem normal das palavras. Na segunda frase, o objeto direto movido para o início da frase, enquanto o sujeito e o verbo permanecem em sua posição original. Esse posicionamento destaca o objeto, tornando-o o foco da frase. A segunda construção, reflete um uso tipicamente coloquial da língua italiana, típico do sul. Certamente, esse tipo de ordem lógica não seria apropriado em um contexto formal ou oficial. No contexto dos discursos políticos, por exemplo, o uso da voz ativa desempenha um papel fundamental na transmissão de mensagens claras e concisas. Os oradores, muitas vezes, preferem o emprego desta forma verbal pela sua capacidade de conferir imediatismo ao discurso, delinear com precisão as ações tomadas, os responsáveis e os objetivos alcançados, contribuindo assim para uma maior transparência e compreensão por parte do público. Além disso, a voz ativa permite evitar ambiguidades e mal-entendidos, uma vez que o sujeito da ação é claramente identificado, facilitando a interpretação da mensagem pelos ouvintes ou leitores.

Análise do corpus

Após apresentar as diferentes variações na construção da voz ativa, podemos prosseguir com a análise efetiva do *corpus*. Os critérios de pesquisa que foram aplicados são:

- a) Quais tipos de verbos de ação são mais frequentemente utilizados na organização do predicado da voz ativa?
- b) A ordem das palavras nos exemplos do *corpus* é canônica ou topicalizada? Qual prevalece?
- c) Qual construção predomina? A voz ativa ou a voz ativa prototípica?

Antes de tudo, é necessário esclarecer os diferentes tipos de verbos de ação. Na língua italiana, os verbos podem ser classificados em diferentes categorias de acordo com suas características semânticas e aspectuais. Existem quatro categorias principais de verbos: *state*, *activity*, *achievement* e *accomplishment*. Os verbos de *state* descrevem estados ou qualidades e são durativos, não dinâmicos e não télicos. Por outro lado, os verbos de *activity* representam ações contínuas e são durativos, dinâmicos e não télicos. Em outras palavras, esses verbos representam atividades que ocorrem ao longo do tempo, envolvem movimento ou mudança. Eles indicam a realização de uma ação que pode ser prolongada no tempo e que não tem necessariamente um objetivo final ou uma conclusão definida. Os verbos de ação, portanto, podem ser *concretos* e *físicos*, quando se refere a uma atividade tangível que envolve um objeto físico ou uma ação física realizada no mundo real. Os seguintes são exemplos identificados no *corpus*:

3. *Già a 3-4 anni **caricavo** i fucili allo stand in cui lavoravamo io e mia madre.* (Virginia Raffaele, Rollingstone, 2016).
4. *[Paolo Borsellino] stava proprio **scrivendo** la risposta a una lettera di alcuni studenti di Verona.* (Rita Borsellino, Famiglia Cristiana, 2012).
5. *Abbiamo **sviluppat**o sul sito un magazine che in pochi anni è cresciuto in maniera sorprendente.* (Paolo Veronesi, La Repubblica, 2017).

No exemplo (3), desde os 3-4 anos de idade, eu já carregava os rifles no estande onde eu e minha mãe trabalhávamos, o sujeito (quem está falando) executa a ação física sobre o objeto, seguindo uma sequência direta e linear. De acordo com a escala de

Hopper e Thompson (1980), essa estrutura exibe um alto grau de transitividade e envolve uma transferência direta de uma entidade para outra, com dois participantes claramente identificados: o sujeito (Virginia Raffaele) e o objeto direto (*os rifles*). O verbo *carregar* é um verbo *aktionsart* (verbo de atividade, verbo continuativo) durativo, dinâmico e télico que denota uma ação clara e específica e indica um processo contínuo ao longo do tempo. O mesmo critério se aplica aos outros dois exemplos, 4) [*Paolo Borsellino*] estava escrevendo a resposta a uma carta de alguns estudantes de Verona e 5) desenvolvemos no site uma revista que, em poucos anos, cresceu de forma surpreendente. A primeira frase mostra um grau moderado de transitividade, com dois participantes (o sujeito *Paolo Borsellino* e predicativo do objeto *alguns estudantes*), um verbo dinâmico (em forma progressiva, indica uma ação contínua no passado), não télico (indica uma ação em curso sem um ponto de conclusão definido) e envolve transferência direta. Além disso, a natureza dinâmica do verbo *escrever* implica que a ação ocorre no momento em que é realizada. Por isso, neste caso, o verbo é definido como durativo, sem um limite temporal definido para sua conclusão. Não há um resultado específico ou um ponto final associado a esta ação; é um processo contínuo que pode continuar no tempo. Na frase 6), há um tempo definido (*em pouco anos*) e o verbo *desenvolver* é sempre dinâmico, mas não durativo, pois não continua ao longo do tempo e implica a conclusão de uma ação, conseqüentemente pode ser classificado como télico.

Por outro lado, os verbos de ação podem ser também *abstratos* ou *mentais*, quando descrevem uma ação não tangível, que ocorre na mente ou no pensamento. Segue alguns exemplos identificados no *corpus*:

6. Vi **racconto** i segreti dei miei cento anni. (Rita Levi Montalcini, La Stampa, 2009).
7. Gli italiani hanno **scoperto** il bipolarismo e l'alternanza di governo. (Silvio Berlusconi, Il Foglio, 2016).
8. Sin da ragazzina ho **capito** il potenziale seguito che avevo in ogni cosa che facevo. (Chiara Ferragni, Ansa.it, 2019).

Esses exemplos foram escolhidos porque apresentam o uso de um verbo de ação mental em três contextos diferentes e com três objetivos diferentes: de fato, esses verbos são usados para adicionar precisão conceitual e profundidade emocional à mensagem. Em 6), *conto para vocês os segredos dos meus cem anos*, o verbo *contar* se destaca pelo seu caráter imaterial, pois se refere a um processo mental que envolve a narrativa ou o compartilhamento de memórias, histórias ou eventos. Em vez de denotar uma

ação física concreta no mundo externo, implica um processo interno de elaboração, seleção e expressão de pensamentos. Quando alguém conta algo, está transmitindo um conteúdo que reside na esfera das ideias, emoções ou experiências pessoais. Como resultado, isso indica uma ação que envolve tanto o sujeito (*eu*, implicitamente incluído no pronome “*vi*”, *para vocês*) quanto o objeto direto (*os segredos dos meus cem anos*): é dinâmico, indica uma ação que envolve um processo contínuo no tempo (durativo) e não tem um ponto de conclusão definido (atélico). Portanto, podemos dizer que a frase apresenta um grau moderado de transitividade. Na frase 7), *os italianos descobriram o bipolarismo e a alternância de governo*, o grau de transferência é alto, pois o sujeito *os italianos* executa a ação de *descobrir* (dinâmico, não durativo, télico), que não indica uma descoberta no seu sentido literal, mas uma atividade cognitiva ou tomada de consciência. No exemplo 8), *desde criança, percebi o potencial seguimento que tinha em tudo o que fazia*, há um grau moderado de transitividade, dois participantes, um verbo que indica uma ação que envolve uma mudança de estado mental ou cognitivo (dinâmico), tem um ponto de conclusão definido (télico) e não implica um processo contínuo ao longo do tempo (não durativo).

Além disso, alguns verbos de ação podem ser *simbólicos* ou *metafóricos*, o que significa que representam algo mais do que sua definição literal. Isso significa que tais verbos podem ser utilizados para expressar conceitos abstratos, estados emocionais ou situações complexas que vão além da ação física propriamente dita. Por exemplo, expressões como *abraçar uma causa*, *combater a injustiça* ou *iluminar uma ideia* não se limitam apenas a ações físicas, mas transmitem significados mais amplos e figurativos. Essa capacidade dos verbos de adquirir camadas adicionais de significado contribui para a riqueza e a versatilidade da linguagem, permitindo que os falantes se comuniquem de forma mais expressiva e precisa. A seguir estão alguns exemplos desses verbos encontrados no *corpus*:

9. *Ho **nesso** la testa a posto.* (Irene Grandi, Vanity Fair, 2015).

10. *Noi abbiamo fatto **cadere** il governo Letta su questo tema.* (Mariastella Gelmini, IlCittadinoonline.it, 2015)

11. *Vogliamo **riportare** Roma in Europa.* (Virginia Raggi, Il Corriere, 2017).

Na frase 9), *coloquei a cabeça no lugar*, considerando o contexto, o verbo *colocar* assume um significado simbólico, metafórico, que vai além de sua definição literal: não se refere literalmente ao movimento físico de arrumar a cabeça, mas sim

indica o restabelecimento do equilíbrio mental, a recuperação da calma ou da lucidez, ou a resolução de um problema ou de uma situação complicada. Portanto, a frase adquire um significado figurado que vai além da ação física de colocar algo em um lugar específico. Esse tipo de uso da linguagem é comum em expressões idiomáticas ou modos de dizer, onde as palavras assumem significados figurados. Do ponto de vista gramatical, o verbo é dinâmico e télico, mas não durativo. Da mesma forma, no exemplo seguinte, (literalmente, *nós fizemos cair o governo Letta sobre este assunto*), o verbo *cair* (dinâmico, não durativo, télico) é usado figurativamente para indicar um ataque de uma facção do governo contra o *governo Letta* ou o seu fim, em relação a um tema ou assunto específico. Enfim, no 11), *queremos trazer Roma de volta para a Europa*, o verbo *trazer* (dinâmico, não durativo, não télico) sugere uma ação voltada para restaurar um determinado estado anterior ou implica o desejo de trazer Roma de volta a uma posição ou condição de pertencimento, participação ou influência dentro da Europa. Os exemplos apresentados até agora esclarecem a diferença entre os tipos de verbos usados na organização do predicado na voz ativa e nos permitem responder à primeira pergunta dos critérios de pesquisa: quais tipos de verbos de ação são mais frequentemente utilizados na organização do predicado da voz ativa? A análise do *corpus* revela a presença de 55% de construções ativas que utilizam verbos abstratos ou mentais, 33% de verbos físicos e concretos, enquanto apenas 12% de verbos com sentido simbólico e metafórico. Isso é facilmente compreensível quando se considera que a língua italiana possui uma longa tradição literária e poética, o que poderia influenciar o uso de verbos abstratos ou mentais para expressar conceitos mais complexos ou emotivos. Além disso, esses tipos de verbos podem ser mais adequados para comunicar conceitos complexos ou ideias que não podem ser facilmente representadas por ações físicas, pois permitem uma maior sutileza e riqueza expressiva.

Quanto ao segundo ponto da pesquisa, os exemplos identificados geralmente mostram uma ordem de palavras canônica, com exceção de alguns casos:

12. **Il leader** del centrodestra lo **scelgono** gli elettori. (Mariastella Gelmini, IlCittadinoonline.it, 2015)
13. È la **pelle**, quella che stiamo **cambiando**. (Remo Bodei, La chiave di Sophia, 2017)

Em ambos os exemplos, o líder do centro-direita escolhem os eleitores e é a pele, aquela que estamos mudando o objeto direto é topicalizado, ou seja, intencionalmente colocado em uma posição proeminente no início da frase para enfatizá-lo ou destacá-lo

em relação ao sujeito e ao verbo. Esse tipo de construção ajuda a esclarecer o foco da declaração e tornar a comunicação mais clara. Além disso, para enfatizar ainda mais a importância do objeto, são utilizados dois verbos semanticamente fortes (*escolher* e *mudar*) para transmitir uma ação direta e criar um impacto emocional mais forte.

Chegando ao critério final de pesquisa, em geral a forma mais utilizada dentro das entrevistas é certamente a voz ativa, mas há alguns exemplos de construção ativa prototípica. Deve-se lembrar que muitos dos entrevistados são políticos que, em sua forma de falar, precisam necessariamente atacar ou criticar a oposição. De fato, a grande maioria dos exemplos de frases contendo uma construção ativa prototípica foi encontrada dentro de discursos políticos. Por exemplo:

14. *I fondamentalisti hanno ucciso* Ipazia. (Roberto Saviano, *L'agone il giornale della tuscia romana*, 2020)

15. *Ho obbligato* Eugenio Borgna a scrivere. (Umberto Galimberti, *Il Corriere*, 2019)

Ambos os exemplos contêm verbos definidos como verbos dinâmicos de ação que exigem um participante causativo e verbos *dominantes*, pois não se limitam a descrever a ação do sujeito, mas enfatizam a relação de poder ou controle sobre o que é o objeto da ação. Ainda, em todos esses exemplos, ao sujeito é conferido um papel de agente, enquanto o objeto direto (paciente) é diretamente influenciado pela ação expressa pelo verbo. No 14), *os fundamentalistas mataram Hipátia*, o verbo *matar* é utilizado pois carrega consigo uma intensidade notável, evocando assim uma ação extrema e definitiva. A escolha de um verbo tão forte contribui para enfatizar a gravidade do ato e provocar uma reação emocional no leitor ou ouvinte. No 15), o sujeito executa diretamente a ação de *obrigar* sobre o objeto, que é Eugenio Borgna, para que este realiza outra ação, *escrever*. Do ponto de vista lógico, esta construção implica que o falante em si foi responsável por forçar Eugenio Borgna a escrever. É implicitamente sugerido que, sem a intervenção do falante, Borgna não teria realizado voluntariamente a ação de escrever. Portanto, devido à natureza persuasiva e direta dos discursos políticos, a voz ativa prototípica é frequentemente empregada como uma ferramenta eficaz para transmitir mensagens e influenciar a opinião pública.

Conclusões

Durante o desenvolvimento deste estudo, foi conduzida uma análise detalhada do uso da voz ativa e ativa prototípica, especialmente no contexto da língua italiana, com o objetivo de compreender suas características fundamentais e o papel que desempenha na comunicação linguística. Ao explorar diversas fontes teóricas e examinar um *corpus* de entrevistas, foi possível identificar uma série de conclusões sobre os padrões de utilização da voz ativa.

Através dos dados coletados foi possível mostrar o uso predominante no italiano de verbos de ações mentais ou abstratos, o qual decorre da natureza intrinsecamente complexa da cultura italiana, que valoriza a eloquência e a sutileza nas expressões linguísticas. Em muitos casos, a recorrência a este tipo de verbos é justificada pelo propósito da comunicação, que pode ser, por exemplo, adicionar precisão conceitual e profundidade emocional à mensagem. Esse padrão reflete a influência da tradição literária e poética italiana, que favorece o uso de verbos abstratos para expressar conceitos complexos ou emotivos, proporcionando maior sutileza e riqueza expressiva. Com relação ao segundo ponto da pesquisa, os exemplos identificados geralmente apresentam uma ordem canônica das palavras, com exceção de alguns casos nos quais o objeto direto da frase, o *focus* da conversa, é colocado no princípio da sentença para ser enfatizado (especialmente em discursos políticos e institucionais). Por último, foi destacada, nas entrevistas, uma tendência mais alta no uso da voz ativa em comparação com a voz ativa prototípica. Esta última é normalmente empregada com verbos semanticamente fortes como *ferir*, *matar* e *obrigar*, que enfatizam a relação de poder ou controle sobre o paciente da ação.

É importante ressaltar que este estudo apresenta algumas limitações, como a natureza do *corpus* utilizado e a exclusão de certos contextos linguísticos que poderiam fornecer uma compreensão mais abrangente do fenômeno analisado. No entanto, essas limitações oferecem oportunidades para pesquisas futuras e para aprimorar nossos métodos de investigação.

Referências bibliográficas

ARNAULD, A.; LANCELOT C. *Grammaire générale et raisonnée*. Paris: Allia, 2010.

BARROS, D. M. *Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional*. Tese. (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, 2016.

CAMACHO, Roberto G. Construções de voz. In: ABAURRE, B. M.; RODRIGUES, A. C. S. R. (Org.). *Gramática do Português Falado*. v. 8. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p. 227-316.

CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 33. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1970.

CASSEB-GALVÃO, V. C.; BARROS, D.; BERTOQUE, L. A. D. (Org), *Construções de voz no português brasileiro*. Goiânia. CEGRAF/UFG, 2022.

CROFT, W. Speech act classification, language typology and cognition. In: Savas Tsohatzidis (ed.), *Foundations of Speech Act Theory: Philosophical and Linguistic Perspectives*. London: Routledge, 1994.

CUNHA, C.; CINTRA L.L., *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro- RJ : Editora Nova Fronteira, 1985.

CUNHA, M.A. F.; SOUZA, M. M., *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2007.

CUNHA, M. A. F.; TAVARES, M. A. (Org), *Funcionalismo e Ensino de gramática*. Lagoa Nova Natal - RN :EDUFRN, 2007.

DARDANO, M.; TRIFONE P, *Grammatica italiana con nozioni di linguistica*. Bologna: Zanichelli, 2002.

GIVÓN. T. *English Grammar: A function-based introduction*. v. 1. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1993.

GIVÓN. T. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

GRAFFI, G. *Introduzione alla Sintassi*. Roma: Carocci, 2021.

HOPPER, P. J.; THOMPSON S. A., Transitivity in grammar and discourse, *Language*, v. 56, n. 2. Washington D.C: Linguistic Society of America, 1980.

LANGACKER, R.W., *Foundations of Cognitive Grammar*, v. 1. Theoretical prerequisites. Stanford, Cal.: Sanford University Press, 1987.

LANGACKER, R.W. *Foundations of Cognitive Grammar*. V. 2. Descriptive Application. Califórnia: Stanford University Press, 1991.

LIMA, M. C. Tipologia de construções mediais em português: uma proposta cognitivo-funcional, *Revista Soletas*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, 2021.

MASINI, F. Multi-word expressions between syntax and the lexicon: the case of Italian verbparticle constructions, *SKY Journal of Linguistics*, Finlândia, v. 18, p. 145-173, 2005.

SERIANNI, L. *Grammatica Italiana*. Milão: Garzanti Editore, 1988.

SERIANNI, L.; CASTELVECCHI, A. *Dizionario Garzanti Italiano*. Milão: Garzanti Editore, 2012.

SHIBATANI, M. *Typological Studies in Language*. V. 48. The grammar of causation and interpersonal manipulation. John Benjamins Publishing Company, 2006.

A VOZ MÉDIA

Chiara Polimeni

Introdução

A voz média é certamente um dos elementos mais interessantes da paisagem da língua portuguesa. Neste capítulo, tentaremos definir esse tipo particular de voz por meio de uma comparação com a língua italiana, dando especial atenção ao gênero entrevista, um gênero muito próximo da fala cotidiana que permite ter uma visão completa da língua em uso contemporâneo através da espontaneidade de entrevistadores e entrevistados.

Como dados para a análise do estudo de vozes neste livro, serão utilizados exemplos retirados de um *corpus* detalhado composto por vinte entrevistas. Esse *corpus* é particularmente interessante porque, sem dúvida, representa parte de um panorama altamente significativo da realidade sociolinguística italiana. Nesta introdução, definiremos a voz média no Português Brasileiro e traçaremos uma comparação com a língua italiana. Na primeira seção, será descrita a configuração morfossintática e semântica desta voz, bem como os papéis semânticos que seleciona, considerando as diferenças entre as duas línguas analisadas e referindo-se a uma análise construtiva. A segunda seção destacará os estados de coisas representados pelos verbos que instanciam a voz média e a função dessa voz no gênero entrevista. A terceira seção mostrará a configuração dos planos de figura e de fundo, ou seja, a tendência da voz média de aparecer predominantemente nas orações principais ou secundárias. Na quarta seção, será descoberto, por meio da análise do *corpus* selecionado, se a voz média é mais funcional nas perguntas dos entrevistadores ou nas respostas dos

entrevistados. A última seção, por sua vez, permitirá compreender quais aspectos da configuração da voz média no Português Brasileiro são relevantes na análise formal e funcional da voz na língua italiana. Seguem-se as considerações finais e a bibliografia.

A Academia da Crusca (a mais antiga academia linguística do mundo - uma instituição de linguistas e filólogos de língua italiana com personalidade jurídica fundada em 1582) foi recentemente questionada se expressões como *“ora ci ascoltiamo una canzone”* (agora nós nos vamos ouvir uma canção-agramatical) ou *“stasera ci mangiamo una torta”* (esta noite nós nos comemos um bolo -agramatical) em vez de *“ora ascoltiamo una canzone”* (agora vamos ouvir uma canção) ou *“stasera mangiamo una torta”* (esta noite comemos um bolo) estavam corretas e qual era a função delas. Segundo a academia, esse uso cada vez mais frequente de pronomes pessoais ao lado de verbos transitivos não é necessário para a completude sintático-gramatical do enunciado nem para os propósitos do seu significado. A Crusca argumenta que essas construções particulares em uso na língua italiana são usadas para expressar um envolvimento particular do sujeito no evento descrito pelo verbo. Trata-se, portanto, de um uso pronominal intensivo, que é empregado para satisfazer uma necessidade que no sistema gramatical italiano não é representada por nenhuma voz verbal específica. No latim pré-literário e no grego antigo, a voz “diátese média”, ou seja, um sistema de conjugação verbal intermediário entre as formas ativa e passiva, existia para esse fim. Esse uso possibilitou expressar uma participação particular do sujeito na ação verbal. Comparada à forma ativa, que descreve um processo que parte do sujeito e termina fora dele, na forma média o evento parte do sujeito e recai sobre o próprio sujeito ou seus interesses. Um exemplo em italiano são os verbos *“dispiacersi”* (sentir-se muito) ou *“nutrirsi”* (comer). Embora a gramática tradicional da língua italiana não reconheça voz média, como Casseb-Galvão, Barros e Bertorque (2022) a reconheçam no Português Brasileiro, naquela língua a função média transparece em uma série de verbos pronominais em que o uso do pronome é obrigatório (os assim chamados *intransitivos pronominais*) como: *“annoiarsi”* (aborrecer-se), *“pentirsi”* (arrepender-se), *“ricordarsi”* (lembrar-se), *“vergognarsi”* (envergonhar-se) etc. A voz média, aliás, se manifesta em italiano, segundo a Academia da Crusca, no uso redundante dos assim chamados *“pronomes intensivos ou afetivos”* em expressões como: *“mangiarsi un gelato”* (tomar-se um sorvete-errado) ou *“godersi lo spettacolo”* (aproveitar-se o espetáculo-errado). Mas o que exatamente caracteriza esse uso na língua italiana? Quais as semelhanças e diferenças desse uso em relação à voz média em Português? Para responder a essas perguntas, nós devemos primeiro ter em mente um importante ponto comum. Assim como na voz média do Português, o uso da voz média em italiano indica um envolvimento particular do sujeito na ação da frase. Uma outra analogia reside no fato de que, assim como no Português, a voz média é expressa por um verbo que pode

ou não ser acompanhado por um pronome clítico, também no italiano a medialidade pode ser expressa tanto por verbos acompanhados de um pronome quanto por verbos não pronominais, embora estes últimos sejam muito mais raros. Em italiano há quase sempre uma variação morfológica do verbo transitivo que se torna pronominal para todos os fins e, portanto, prevê na maioria dos casos o uso de um pronome, embora haja exceções. Há também uma mudança de auxiliar. Exemplo: *“abbiamo fatto la nostra carriera”* (fizemos nossa carreira) passa a ser *“ci siamo fatti la nostra carriera”* (nós nos fizemos nossa carreira-errado) - entrevista com Chiara Ferragni selecionada no *corpus*. De acordo com a Academia da Crusca, os verbos que selecionam uma espécie de medialidade em italiano são quase sempre verbos intransitivos pronominais como *“addormentarsi”* (adormecer), *“pentirsi”* (se-arrepender) etc., ou verbos transitivos pronominais também chamados *“reflexivos aparentes”, “indiretos”* ou *“impróprios”*. Estes últimos revelam o pertencimento do objeto à pessoa do sujeito. Exemplo: *“lavarsi le mani”* (lavar as mãos), *“togliersi il cappello”* (tirar o chapéu) etc. Em italiano, todas essas formas verbais que expressam a medialidade pertencem, portanto, a usos geralmente reflexivos com base em uma concepção gramatical estendida que atribui um valor reflexivo a todas as formas verbais acompanhadas de um pronome átono que indica o próprio sujeito. De Benedetti (escritor e linguista italiano) em uma das suas análises (*Val più la pratica*, 2009) define esses usos como uma forma de *“hipercodificação da pessoa verbal”*, que se divide e aparece tanto como sujeito quanto como beneficiário da ação.

1. *Mi sono costruita un personaggio.* (Eu me construí um personagem. agramatical)

Em alguns casos particulares, a medialidade da ação pode ser expressa em italiano através do uso de uma partícula pronominal *“redundante”* que tem uma função conativa e comunica atitudes ou ações do interlocutor que afetam afetivamente o falante ou vice-versa.

2. *Cosa mi hai combinato?* (O que você fez comigo?)

Todos esses usos descritos que expressam a medialidade em italiano pertencem a um registro coloquial e familiar, difundido principalmente na área centro-sul da Itália. De acordo com a Academia da Crusca, a maioria dessas formas verbais são geralmente permitidas na fala, mas são inadequadas em escritos mais formais e guardados. As exceções são os casos em que a forma pronominal é obrigatória, que são sempre corretos. Exemplo: *“congratularsi”* (parabenizar), *“vergognarsi”* (se-envergonhar) etc. e casos em que a presença do pronome não é indiferente, pois envolve a transformação do verbo de transitivo para pronominal intransitivo. Nesse caso, a construção e a perspectiva da ação mudam. Exemplo: *“sbagliare/sbagliarsi”* (errar). O uso do pronome nesses casos é de fundamental importância e serve para evitar ambiguidades

do ponto de vista semântico, principalmente quando se refere a roupas, acessórios ou partes do corpo que pertencem ao sujeito. Exemplo: “*asciugarsi le lacrime -a se stesso/ asciugare le lacrime*” (se-enxugar suas lágrimas - para si mesmo - errado / enxugar suas lágrimas [o sujeito pode enxugar as lágrimas para si mesmo ou para uma outra pessoa]). Segundo a Academia, as construções a serem absolutamente evitadas na escrita são, ao contrário, aquelas em que o uso do pronome é menos motivado do ponto de vista lógico, ou seja, todas aquelas expressões em que o uso ou não do pronome não altera o sentido da frase. Trata-se de casos em que prevalece a função “afetivo-intensiva” ou casos atribuíveis a atividades psicobiológicas do corpo. Esses usos geralmente envolvem uma mudança na construção da frase. Seguem os exemplos:

3. *Ho mangiato una mela* (Eu comi uma maçã) passa a ser *Mi sono mangiato una mela* (Eu me comi uma maçã - agramatical) - mudança auxiliar;
4. *Ho sbagliato* (Eu errei) passa a ser *Mi sono sbagliato* (Eu me errei - agramatical) - mudança auxiliar.

De modo geral, pode-se dizer que a correção desses usos depende sempre do contexto comunicativo e textual em que ocorrem. De fato, o contexto pode admitir ou exigir expressões de afetividade ou, nos textos literários, imediatismo narrativo. Já no latim clássico, como mencionado acima, essa dimensão afetiva se expressava por meio do uso de um pronome. Esses tipos de expressões eram comuns e corretas. Nas gramáticas usadas nas escolas secundárias italianas, a voz média latina é chamada “dativo ético”.

5. *Quid mihi Tulliola agit? - Cicerone = Che mi fa la piccola Tullia?* (Como está a pequena Tulliola, tão querida para mim?)

O português brasileiro, ao contrário do italiano, tem uma voz média mais definida. Apesar disso, não é fácil identificá-la, pois está localizada no meio das outras organizações da voz e tem muitos pontos em comum com elas, tanto formalmente quanto semanticamente. A voz média tem semelhanças com as vozes reflexivas, recíprocas, impessoais, passivas e construções ergativas. Em particular, na tradição gramatical portuguesa, as construções reflexivas representam, na maioria dos casos, um subconjunto das construções médias.

No Português Brasileiro, a voz pronominal média e a voz reflexiva, como no italiano, descrevem uma ação que afeta o sujeito e ambas são caracterizadas por uma marca nominal. Essa incompreensão terminológica e analítica fez com que a voz média não tivesse recebido atenção especial nos estudos gramaticais da voz.

No entanto, apesar de a voz média não ser incluída nas análises linguísticas há muito tempo, alguns estudos importantes foram realizados recentemente sobre ela, um exemplo é o de Câmara Jr. (1972), que distingue a voz média em média reflexiva, média recíproca e média dinâmica (ou média propriamente dita). Nas duas primeiras categorias, o pronome clítico tem uma função valencial. A última categoria, por outro lado, expressa plenamente a centralidade do verbo no sujeito e refere-se a uma categoria flexível do verbo presente em algumas línguas como o latim, o sânscrito e o grego.

Um outro linguista conhecido, Émile Benveniste, decidiu empreender estudos aprofundados sobre a voz média. A partir da comparação entre latim, grego e sânscrito, Benveniste determinou a existência de um grupo de verbos apenas ativos como “ir” “comer”, “dar” e um grupo de verbos apenas médios, por exemplo, “nascer”, “morrer”, “suportar” “sentir” etc.

A voz média em Português é bem adequada para qualquer tipo de necessidade de comunicação e é muito versátil, como no italiano em uso, por isso, essa voz pode selecionar vários tipos de construções. Algumas construções de voz média envolvem um pronome reflexivo argumental, nesse caso o sujeito não é intencional.

6. *Mi sono fatto male cadendo dalla bicicletta.* (Eu me machuquei quando caí da bicicleta.)

Em outras construções de voz média, o pronome não é argumental.

7. *Mi sono sentito felice per la tua laurea.* (Eu me senti feliz pela sua formatura.)

Há também verbos prototipicamente médios e intransitivos em que a ação descrita começa e termina no sujeito.

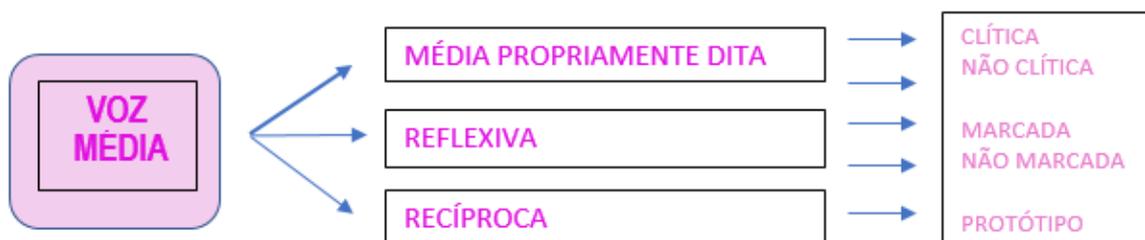
8. *È nata la sua seconda figlia.* (A sua segunda filha nasceu.)

A voz média em português pode, portanto, ser considerada como um macro domínio semântico que cria redes articuladas com muitos outros tipos de voz.

Essa voz representa um grande todo que engloba muitos pequenos subconjuntos de vozes, como a voz média propriamente dita, a voz recíproca e a voz reflexiva, que por sua vez são subdivididas em muitas micro construções: média clítica, média não clítica, reflexiva marcada, reflexiva não marcada e recíproca prototípica. A densa e ampla rede que estabelece esse tipo de voz permite considerá-la em estudos construcionais a partir do modelo de Traugott e Trousdale (2013).

A configuração morfossintática e semântica da voz média

Figura 1: Diagrama de microconstruções da voz média no Português Brasileiro



Fonte: Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022).

O diagrama aqui proposto destaca as microconstruções geradas pela voz média no Português Brasileiro. Em particular, será descrita a subcategoria da voz média propriamente dita, representativa e funcional para uma análise finalizada a determinar as principais estruturas morfossintáticas em que esta voz aparece e estabelecer uma comparação com a língua italiana. A partir de um estudo cuidadoso e aprofundado promovido por Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), é possível dizer que a voz média propriamente dita é semanticamente definida pelo fato de o sujeito ser interno ao processo verbal. Do ponto de vista estrutural, como mencionado anteriormente, essa voz pode ser apresentada na forma clítica, ou seja, com a presença de um pronome ou na forma não clítica, ou seja, sem a presença de qualquer pronome.

A voz média propriamente dita seleciona, em particular, os seguintes subesquemas construcionais:

- SUBESQUEMA CLÍTICO MÉDIO: sujeito + pronome + verbo
- SUBESQUEMA MÉDIO NÃO-CLÍTICO: sujeito + verbo
- SUBESQUEMA MÉDIO DE REALCE: Sujeito + pronome de realce + verbo + complemento
- SUBESQUEMA MÉDIO COM VERBO ESSENCIALMENTE PRONOMINAL: sujeito + verbo pronominal + complemento

Os usos mais frequentes são certamente os da voz média clítica e não-clítica. Abaixo estão dois exemplos representativos desses dois tipos de construção:

- EXEMPLO DA VOZ MÉDIA CLÍTICA

(...) **eu me apaixonei por ele** dois segundos depois de vê-lo e nunca vou deixar de amá-lo. (História de um casamento - filme)

- EXEMPLO DA VOZ MÉDIA NÃO CLÍTICA

(...) Finalmente **nasceu a concepção da obra**. (Chega no Carnaval a "Ópera do Malandro", clássico de Chico Buarque - artigo da crítica)

A voz média clítica tem a mesma configuração formal que a voz reflexiva e a voz impessoal. Por outro lado, a voz média não clítica tem a mesma estrutura da voz ativa.

Do ponto de vista morfossintático, as vozes médias (clíticas e não-clíticas) estão ambas relacionadas à baixa transitividade. Isso se deve ao fato de que, muitas vezes, o objeto não está presente na oração porque a ação expressa pelo verbo é plenamente realizada no sujeito, ao contrário do que acontece na voz ativa ou reflexiva.

De modo geral, portanto, é possível dizer que no Português Brasileiro a voz média é geralmente expressa por verbos intransitivos e seleciona os papéis semânticos (relativos ao predicado) de agente, paciente ou experimentador.

9. Helena se maquia. (o sujeito dá origem à ação verbal) / ARG.1 + verbo;

10. Helena nasceu. (o sujeito é afetado pela ação verbal) / ARG.1 + verbo;

11. Helena sente frio. (o sujeito experimenta o conteúdo semântico da ação verbal) / ARG.1 + verbo.

Em italiano, como mencionado na seção introdutória, a medialidade pode ser expressa tanto por verbos transitivos quanto por verbos intransitivos e, ao contrário do que ocorre no Português Brasileiro, é muito mais frequente que o verbo também possa selecionar mais de um argumento.

12. *Io mi bevo un caffè*. (Eu bebo um café.) - ARG.1 + verbo + ARG.2;

(verbo transitivo com uso pronominal intensivo - verbo aparente - indireto - impróprio)

13. *Paula si è mangiata una torta.* (Paula comeu um bolo.) - ARG.1 + verbo + ARG.2;
(verbo transitivo com uso pronominal intensivo - verbo aparente - indireto - impróprio)

14. *Denise si annoia.* (Denise fica entediada.) - ARG.1 + verbo;
(verbo intransitivo pronominal)

15. *Mi sto sbagliando.* (Eu estou errando.);
(verbo intransitivo pronominal)

Nos dois últimos casos (14 e 15) a presença do pronome não é nada supérflua. Essa presença é essencial e envolve a transformação do verbo que passa de transitivo para pronominal intransitivo e, com isso, o sentido da oração é modificado.

16. *Anna ha sbagliato esercizio.* (Anna fez o exercício errado.) - Voz ativa - Verbo transitivo.

17. *Anna si è sbagliata.* (Anna estava errada.) - voz média - verbo intransitivo

Já nas orações coloquiais (12) e (13) o pronome é supérfluo e serve apenas para reforçar o conceito de medialidade e subjetividade da oração que desloca o foco do objeto para o sujeito. O foco nesses casos está no tópico 1 e não no tópico 2.

Os estados de coisas representados pelos verbos que instanciam a voz média

De acordo com a análise promovida por Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), Émile Benveniste decidiu empreender estudos aprofundados sobre a voz média. Ele concentrou o seu estudo na distinção entre voz média e voz ativa a partir da noção de “estado verbal”. Segundo Benveniste (2005), na voz ativa o sujeito é externo ao processo verbal, na voz média, ao contrário, o sujeito é interno ao processo verbal. Por isso, a voz passiva, em que o sujeito está dentro do processo verbal, deriva da voz média.

A partir da comparação entre o latim, o grego e o sânscrito, Benveniste (2005) determina a existência de um grupo de verbos apenas ativos, como “ir”, “comer”, “dar” e um grupo de verbos apenas médios, por exemplo, “nascer”, “morrer”, “suportar”, “sentir” e muitos outros. Todos os verbos que instanciam a medialidade dentro de uma oração constituem a representação linguística do escritor ou falante e refletem a sua

visão do mundo. Isso acontece tanto em italiano quanto em Português Brasileiro, e em qualquer outro idioma. O verbo de um enunciado, portanto, representa sempre um elemento essencial para os propósitos de comunicação e favorece a representação sintático-semântica do estado de coisas. Essa representação mental dos eventos envolve a identificação dos papéis semânticos dos argumentos (agente, paciente, beneficiário, experienciador etc.) e, ainda, revela a perspectiva relativa ao ponto de vista a partir do qual o evento é representado. Os papéis semânticos, papéis temáticos ou funções semânticas dizem respeito ao modo de participação das entidades envolvidas em um evento qualquer do mundo. Em poucas palavras, os papéis temáticos representam a experiência humana dentro da estrutura linguística. No entanto, os argumentos (1,2,3...) são entidades pertencentes ao nível do predicado e nem sempre coincidem com as funções sintáticas de sujeito, objeto direto, objeto indireto etc. Estes últimos pertencem ao nível de predicação, ou seja, ao processo de saturação do predicado. O estado de coisas é, portanto, essencial para realizar uma análise linguística precisa e detalhada das vozes. Na maioria dos casos, tanto em português quanto em italiano, a voz média é expressa por meio de predicados que selecionam um único argumento. Por outro lado, o objetivo primordial desta voz, desde o seu nascimento, a partir do latim e do grego antigo, sempre foi internalizar a ação expressa pelo verbo e aprimorá-la tanto no nível emocional quanto, às vezes, no nível físico. Há, no entanto, alguns usos cada vez mais difundidos na língua italiana, especialmente na língua falada, que envolvem o uso de múltiplos argumentos. Como mencionado nos parágrafos anteriores, essas expressões específicas são consideradas incorretas na escrita, mas são comumente aceitas na língua falada cotidiana e informal. Nessas expressões, o sujeito da frase tem um alto foco informacional e se divide, tornando-se assim o centro da expressão linguística. A ação, portanto, é instituída de tal forma que a atenção do leitor ou ouvinte recai sobre o indivíduo que a realiza.

18. (...) *si è sposata un uomo ricco* (...) (...**casou-se com** um homem rico...)

(Donatella Versace)

A função da voz média no gênero entrevista é, portanto, deslocar o foco da história para o falante de tal forma que as ações sejam exteriorizadas em um nível emocional e que a atenção do leitor ou ouvinte seja colocada no sujeito da frase. O gênero entrevista italiano permite que as pessoas contem as suas histórias, exteriorizem as suas emoções e forneçam uma visão altamente subjetiva do mundo e do seu estado de coisas, visto a partir da perspectiva do entrevistado. A medialidade linguística, portanto, ainda que não explicitada nas gramáticas da língua italiana, manifesta-se em muitas expressões e construções cada vez mais atuais e que contribuem para delinear as novas tendências linguísticas na língua comum e espontânea da vida cotidiana.

A voz média e a configuração dos planos de figura e de fundo

A análise do *corpus* escolhido de entrevistas em italiano oferece, sem dúvida, uma visão significativa da realidade sociolinguística atual e é muito valioso para fins de análise linguística das vozes. O gênero entrevista está muito próximo da fala cotidiana e revela espontaneamente a língua em uso contemporânea em diversos contextos. As entrevistas no *corpus* tratam de diferentes temas, desde questões políticas até esportes, cultura, psicanálise, música, o mundo das mídias sociais e muito mais. Apesar da diversidade dos temas abordados, as entrevistas são todas unidas por uma língua direta e pessoal que representa a visão de mundo do falante e permite que ele/ela conte sobre si mesmo. Por isso, a voz média é muito recorrente nas entrevistas desse *corpus*, facilita a expressão e narração dos entrevistados aos entrevistadores e expressa um ponto de vista muito próximo do pensamento do falante. Em entrevistas com motivação política, por outro lado, a voz média é menos frequente do que em entrevistas que lidam com questões mais sociais e juvenis. Isso acontece porque quando falamos de política tendemos a usar um registro um pouco mais alto e, portanto, a voz predominante é a passiva, pois permite estabelecer uma espécie de formalidade comunicativa.

De acordo com a Academia da Crusca, como mencionado na introdução deste capítulo, hoje há expressões muito frequentes da língua italiana na língua falada que expressam uma forte medialidade comunicativa, apesar do fato de que as gramáticas italianas não incluem a voz média nas suas prescrições. Essas expressões em uso são muito recorrentes no *corpus*, principalmente em entrevistas com jovens que lidam com temas atuais como música, mídias sociais, moda etc.

Abaixo seguem sete diferentes categorias nas quais a voz média pode emergir.

Uso redundante dos “pronomes intensivos/afetivos”

Nos exemplos a seguir, o verbo utilizado dentro da oração expressa uma participação particular do sujeito na ação verbal por meio do uso redundante dos “pronomes intensivos/afetivos”. Além disso, a construção da frase é modificada pelo falante por meio de uma mudança de auxiliar. Essas expressões que expressam a medialidade não são consideradas corretas, conforme a Gramática Normativa da língua italiana, na escrita, mas são comuns e aceitas na língua falada informal.

19. ***Ci siamo fatti*** da soli la nostra carriera. (**Nós fizemos** nossas próprias carreiras.)

No italiano padrão, a frase deveria ser: *“Abbiamo fatto da soli la nostra carriera”*. Há, então, uma mudança de auxiliar de “ter” para “ser” e há a adição de um pronome intensivo “ci”, o qual faz com que a ação expressa pelo sujeito recaia sobre o mesmo sujeito. Veja outros exemplos desse tipo retirados do *corpus*:

20. ...*piuttosto che **sfilarmi** le scarpe sotto al tavolo...* - em vez de -**sfilare** (... em vez de **tirar** os meus sapatos debaixo da mesa...)
21. ... **si è sposata** un uomo ricco... - em vez de -**ha sposato** (... **casou-se com** um homem rico...)
22. **Mi sarei presa** i soldi. -- em vez de - **avrei preso** (Eu teria pegado o dinheiro.)
23. ...**mi sono costruita** un personaggio... - em vez de -**ho costruito** (...eu construí um personagem...)
24. ...**mi metto** la matita nera dentro l'occhio... - em vez de - **metto** (...coloquei o lápis preto dentro do meu olho...)
25. Non **mi sono** mai più **guardata** indietro. -- em vez de - non **ho mai più guardato** (Eu nunca olhei **para** trás.)
26. **Si è tirata** su lo scollo a barca della maglia. -- em vez de - **ha tirato** (Ela **puxou** o decote à barco da camisa.)
27. ...*la mia, di bellezza, non è **che me la vedo** tanto.* -- em vez de - non è **che la vedo** (... eu **não vejo** muito a minha beleza.)
28. ... *questa positività **me la porto** dentro...* -- em vez de - **la porto** (...eu **carrego** essa positividade dentro de mim...)
29. **Me la facevo** da solo la copertina. -- em vez de - **la facevo** (Eu mesmo **fazia** a capa.)

Analisando o *corpus* e considerando os exemplos, é possível dizer que a medialidade da voz no gênero entrevista italiana é muitas vezes expressa nas orações principais e em menor número em proposições secundárias como a relativa.

30. ... *con i francesi che **ci vomitavano** ogni tipo di insulto...* - em vez de -*vomitavano* (... com os franceses que **vomitavam** todos os tipos de insultos...)

Expressões de dúvida, pensamentos ou crenças pessoais

A voz média também pode ser encontrada em expressões reflexivas que expressam dúvidas, pensamentos ou crenças pessoais. Nesse caso, a medialidade encontra-se, sobretudo, nas proposições principais. Observe os dados retirados do *corpus*:

31. **Mi sembra** *l'unico modo per uscire...* - (**Parece-me** a única saída...)
32. *Io **sono convinto** che...* -- (**Eu estou convencido** de que...)
33. ...*quello che **a noi sembra**...* -- (... o que **nos parece**...)
34. **Mi sarei aspettata**... -- (**Eu esperava**...)
35. **Credo** *sia stato apprezzato...* - (**Eu acho** que foi apreciado...)
36. ... *è **convinto** che...* -- (...**está convencido** de que...)
37. **Ci siamo resi conto** *che ...* - (**Percebemos** que...)
38. **Mi pare** *che...* -- (**Parece-me** que...)

Ações centradas no sujeito ou seus interesses

A medialidade também pode ser encontrada em expressões em que a ação recai estritamente sobre o sujeito ou sobre os seus interesses. Os exemplos retirados do *corpus* permitem essa análise:

39. **Hanno fallito**. -- (**Falharam**.)
40. **Non fallisce**... -- (**Não falha**...)
41. **Non mi do pace**. -- (**Eu não me dou** paz.)

42. **Sono consapevole...** -- (Eu estou ciente...)
43. ... **mi laureai.** -- (... Eu me formei.)
44. *L'impero romano* **cadde** così... -- (Foi assim que o Império Romano **caiu**...)
45. *La passione per la causa delle donne* è **intatta.** -- (A paixão pela causa das mulheres **está intacta**.)
46. **Si intitola** *Le tue antenate.* -- (**Chama-se** *Le tue antenate*.)
47. ...in cui l'Italia **ha** spesso **brillato**... -- (... em que a Itália muitas vezes **brilhou**...)
48. ...**siamo** di nuovo in crisi... -- (...**estamos** em crise de novo...)
49. *Dobbiamo* **qualificarci.** -- (Nós temos que **nos classificar**.)
50. ... **si** è **regalata** un documentario sulla sua vita... - (... **ela deu a si mesma** como presente um documentário sobre a sua vida...)
51. ...è **iniziato** tutto... -- (... **tudo começou** ...)

Predicados nominais

A voz média no gênero entrevista ocorre também em predicados nominais constituídos a partir de um verbo estativo ou de mudança de estado (*revelar-se, transformar-se, tornar-se, etc.*) mais um elemento nominal predicativo, com força adjetival, seja uma frase ou um item (*gerador simbólico de valor, inconclusivo, agressivo etc*), conforme se observa nos exemplos a seguir:

52. I grillini **si sono rivelati inconcludenti**... - (Os grillini se revelaram **inconclusivos**...)
53. L'Italia è **tornata a essere** irrilevante. -- (A Itália **voltou a ser irrelevante**.)
54. Il denaro è **diventato l'unico generatore** simbolico di valori. -- (O dinheiro **tornou-se o único gerador simbólico** de valores.)

55. Sono **diventata** anche io **azionista**. -- (Eu **também me tornei acionista**.)

Verbos existenciais

A voz média também emerge em frases organizadas com verbos existenciais. Exemplos retirados do *corpus*:

56. **Non esiste**. - (**Não existe**.)

57. ...oggi quella sinistra **non esiste** quasi più. - (...hoje aquele movimento de esquerda **não existe** mais.)

58. ...**esiste** una differenza profonda... -- (...**há** uma diferença profunda...)

59. **Non esiste** una corretta valutazione dell'insegnante. -- (**Não existe** uma avaliação adequada do professor.)

60. L'indifferenza **regna**. -- (A indiferença **imperava**.)

61. È **finita** l'idea di bene comune. -- (A ideia do bem comum **acabou**.)

62. **Non muoio** io, **muore** il corpo. -- (Eu **não morro**, o corpo **morre**.)

63. Le false credenze **sono sempre esistite**.-- (As falsas crenças **sempre existiram**.)

64. **Emerge** in particolare il binomio antitetico ragione-passioni. -- (Em particular, **surge** o binômio antitético razão-paixões.)

65. Nulla **si crea**, nulla **si distrugge**, ma tutto **si trasforma**. -- Giusy Versace (Nada **se cria**, nada **se perde**, tudo **se transforma**.)

Verbos que indicam mudança de estado do sujeito

A voz média no gênero entrevista também emerge em frases que contêm verbos de mudança de estado de um sujeito. Exemplos retirados do *corpus*:

66. Le scienziate **aumentano**... -- (O número de mulheres cientistas **está aumentando**...)
67. ...un magazine che in pochi anni è **creciuto**... -- (... uma revista que **creceu** em poucos anos...)
68. ... la metafisica o la fede **potevano estendersi**... -- (... a metafísica ou a fé **poderiam se estender**...)
69. ...**ci si richiude** in sé stessi... -- (... **nós nos fechamos em** nós mesmos...)
70. ... questi modelli **sono cambiati**... -- (... esses modelos **mudaram**...)
71. ... questi modelli **si sono indeboliti**... - (... esses modelos **enfraqueceram**...)

Verbos de sentimento ou humor

Finalmente, a voz média emerge em frases que contém verbos de sentimento ou verbos que expressam o humor do sujeito. Exemplos retirados do *corpus*:

72. **Ci vogliamo** molto **bene**. - (Nós **nos amamos** muito.)
73. I ragazzi **non stanno bene**. - (Os meninos **não estão bem**.)
74. I padri **si lamentavano**... - (Os pais **reclamavam**...)
75. **Mi fa piacere** che... - (Eu **fico feliz** que...)
76. **Mi ha fatto piacere** la visita del ministro... - (Eu **fiquei satisfeita** com a visita do ministro...)
77. ... **sono contento**... - (... **Estou feliz**...)
78. ...**sono stupito e preoccupato**... - (...**estou espantado e preocupado**...)
79. ...non **ero abituata**... - (... Eu não estava **acostumada**...)
80. **Mi sono trovata** in sintonia... - (**Eu me encontrei** em sintonia...)

81. ...**mi hanno fatto molto male** i commenti cattivi... - (... os comentários ruins **me machucaram muito**...)
82. ...**mi fa ridere**... - (...**faz-me** rir...)
83. **Non mi sono** mai davvero **spaventata**. - (Eu nunca **tive medo**.)
84. ... **sono** più **serena**... - (...**estou** mais **serena**...)
85. **Mi sorprendo**... - (**Eu estou surpresa**...)
86. ...io **mi sono** sempre **divertita**... - (... sempre **me diverti**...)
87. ...ci **ho sofferto** un po'... - (...**sofri** um pouco...)
88. **Sono** assolutamente **tranquillo**. - (Eu **estou** absolutamente **calmo**.)

Em todas as sete categorias, é possível encontrar a maioria das proposições principais. No entanto, como pode ser observado, a voz média também pode ser encontrada em uma minoria de casos em proposições secundárias, especialmente proposições relativas introduzidas por um pronome relativo como “*che*” (que), “*il quale*” (o qual), etc.

A voz média e a configuração enunciativa do texto

Por meio da análise do *corpus* de entrevistas italianas analisado, é possível notar uma prevalência de expressões que contêm a voz média nas respostas dos entrevistados e não nas perguntas dos entrevistadores. Esse tipo de voz é, de fato, utilizado no italiano, assim como no Português Brasileiro, para expressar a centralidade do sujeito dentro da ação comunicativa de cada enunciado. O entrevistado tem a necessidade, através do gênero entrevista, de contar sobre si mesmo e sobre a sua visão do mundo. As expressões que contêm medialidade são, portanto, altamente funcionais nesse gênero textual, especialmente nas respostas dos entrevistados. No entanto, elas estão presentes, ainda que em menor número, nas perguntas dos entrevistadores. A voz média pode ocorrer em perguntas nas frases expressas na forma de proposições interrogativas. Em alguns casos particulares, a voz média pode se manifestar em perguntas de entrevista por meio de preposições não interrogativas, mas afirmativas. São casos em que o entrevistador fornece um “input” ao entrevistado na forma de uma suposição ou disputa. Os exemplos retirados do *corpus* são:

Exemplos com proposições interrogativas em perguntas:

89. Su quali basi culturali secondo lei **nasce** il grillismo? - (Em que base cultural você acha que **nasceu** o grillismo?)
90. Anche lei riuscì a **nascondersi** per un periodo? - (Você também conseguiu **se esconder** por um tempo?)
91. **Stava meglio** quando **stava peggio**? - (**Você estava melhor** quando **estava pior**?)
92. Buffa, come è **diventato** il principe dei narratori in televisione? - (Buffa, como você **se tornou** o príncipe dos contadores de histórias na televisão?)
93. Anche lei **ha fatto fatica** nel suo mondo? - (Você também **lutou** no seu mundo?)
94. **Si è ammorbida** con il tempo? - (Você **suavizou** com o tempo?)
95. Non **si perdona** gli errori? - (Você não **perdoa** os seus erros?)
96. Lei è **innamorata**? - (Você está **apaixonada**?)
97. Come **ti senti** rappresentato in quella copertina? - (Como **você se sente** representado nessa capa?)

Exemplos com proposições NÃO interrogativas em perguntas:

98. In tutto il mondo, compresa l'Italia, si sta rafforzando sempre di più la retorica del **-non esiste** alcuna differenza tra destra e sinistra. - (Em todo o mundo, incluindo a Itália, a retórica de **- não há** diferença entre o movimento de esquerda e o movimento de direita - está ficando cada vez mais forte.)
99. In questi ultimi giorni ha dichiarato che **esiste** un problema... - (Nos últimos dias você declarou que **há** um problema...)
100. **Mi pare** che gli italiani lavorino - (**Parece-me** que os italianos trabalham)
101. Oggi tutto è **cambiato**. O no? - (Hoje tudo **mudou**. Ou não?)

102. Contando che viviamo in una società in cui tutti amano **lamentarsi...** -
(Contando com o fato de vivermos em uma sociedade onde todos gostam **de reclamar...**)

Aspectos da configuração dessa voz no português brasileiro relevantes na configuração formal e funcional da voz na língua italiana

Existem inúmeros aspectos da voz média no português brasileiro que são relevantes para uma comparação formal e funcional com a língua italiana. Em primeiro lugar, é importante ressaltar, como mencionado nos parágrafos anteriores, que na gramática italiana não há uma voz média real, e reconhecida pela tradição gramatical. No entanto, uma espécie de medialidade pode ser encontrada em frases e expressões em uso na língua italiana e o Português Brasileiro é fundamental para os estudos linguísticos e análises desse tipo, pois ajuda a estabelecer critérios e entender quais são os casos em que a voz média ocorre. O Português Brasileiro, de fato, tem uma voz média bem definida na sua gramática que vai se delineando cada vez mais com o passar do tempo. Inicialmente, o estudo dessa voz foi deixado de lado pelos linguistas, pois se pensava que ela possuía características muito semelhantes a outros tipos de vozes predominantes. No entanto, atualmente, cada vez mais análises e estudos são realizados sobre o tema da voz média. Considerando a análise promovida por Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), é possível identificar algumas classes verbais específicas que podem ser muito úteis na identificação da voz média em italiano. De acordo com essa análise, Kemmer (1993) e Pereira (2007) identificam algumas classes específicas de verbos que selecionam semanticamente a voz média. (Os verbos de 1 a 4 implicam mais controle na ação e são principalmente reflexivos, os verbos de 5 a 8 são verbos psicológicos/abstratos e representam plenamente a voz média):

- A. Ações realizadas pelo indivíduo sobre si mesmo: vestir-se, maquiar-se ...
- B. Ações que indicam movimentos de um corpo estacionário: abaixar-se, inclinar-se...
- C. Ações que indicam movimentos de um corpo em movimento: deitar-se, levantar-se...
- D. Ações que indicam movimento no espaço: mover-se, separar-se...
- E. Ações que indicam processos mentais emocionais: alegrar-se, ofender-se...

- F. Ações que indicam processos mentais cognitivos: lembrar-se, preocupar-se...
- G. Ações que indicam um ato de fala de natureza emocional: lamentar-se, gabar-se...
- H. Ações que indicam um ato de fala de natureza declarativa: declarar-se, culpar-se...
- I. Ações em que o agente é o mesmo que o beneficiário da ação: apossar-se, apropriar-se...
- J. Ações em que a relação entre os participantes muda: abraçar-se, casar-se...
- K. Ações que indicam eventos espontâneos: originar-se, tornar-se...
- L. Ações em que o agente não é expresso: se-vende, se diz...

Considerações finais

Concluindo, é importante ressaltar a importância do estudo da voz média no Português Brasileiro e a sua utilidade para os estudos linguísticos de comparação com outras línguas. Uma análise aprofundada do *corpus* escolhido mostra quão recorrente e produtiva é a voz média no gênero entrevista em língua italiana. Essa voz representa uma forma direta e pessoal de expressar o próprio ponto de vista e os próprios sentimentos. Ela também permite que o sujeito se coloque no centro do discurso, dessa forma, a comunicação é altamente subjetiva e pessoal. Embora as gramáticas italianas não incluam uma voz média efetiva, como afirma a Academia da Crusca, existem inúmeras expressões com alto grau de medialidade na língua em uso. Elas podem ser encontradas principalmente na fala cotidiana e têm se mostrado muito recorrentes no uso espontâneo da língua.

A presença, no *corpus* escolhido, de inúmeras expressões contendo verbos que expressam medialidade, por meio do uso de partículas emocionais intensivas e transformações morfossintáticas, confirma a hipótese desta análise e permite estudar em profundidade o uso de construções particulares tanto no nível formal quanto funcional da língua. Em italiano, essas expressões não são consideradas gramaticalmente corretas na escrita, mas são amplamente aceitas na língua falada e em contextos informais, pois representam um modo único, recorrente e cada vez mais atual de expressão linguística. Além dessas construções particulares, é possível encontrar na língua italiana das entrevistas inúmeras construções semelhantes às presentes no Português Brasileiro, que instanciam nesta última língua uma voz média efetiva. Dentre todos esses usos,

destacam-se a essa categoria frases contendo verbos que indicam processos emocionais ou cognitivos, verbos que indicam eventos espontâneos, mudanças e, sobretudo, verbos em que o agente coincide com o beneficiário da ação. A ação expressa pelo verbo, portanto, origina-se no sujeito e termina não sobre um objeto externo, mas sobre o próprio sujeito que realiza a ação expressa pelo verbo.

O gênero entrevista é, portanto, rico nessas expressões linguísticas em que o falante (o entrevistado) coloca o seu próprio “eu” no centro do discurso. O propósito das entrevistas, por outro lado, é justamente contar a própria história, as próprias experiências e, em geral, a própria visão do mundo. Nesse sentido, a voz média é, sem dúvida, um meio de expressão comunicativa interessante, eficaz e funcional, capaz de transmitir plenamente o grau de envolvimento do falante na sua própria história contada por meio de uma entrevista.

Referências bibliográficas

BELLINA M. *Mangiarsi una pizza, fumarsi una sigarro, ascoltarsi una canzone*, Accademia della Crusca, 23/06/2016. Disponível em: <https://accademiadellacrusca.it/it/consulenza/mangiarsi-una-pizza-fumarsi-una-sigaretta-ascoltarsi-una-canzone/1123>. Acesso em: 21 fev. 2024.

BENVENISTE, È. *Problemas de lingüística geral*. Campinas: Pontes, 2005 [1966].

CÂMARA Jr., J.M. *Princípios de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 4. ed. revista e aumentada, 1972.

CASSEB-GALVÃO V. C. *O italiano contemporâneo - entrevistas*, 2021.

CASSEB-GALVÃO, V. C.; BARROS, D. M de.; BERTOQUE, L. A. D. (Org). *Construções de voz no português brasileiro*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 2022.

KEMMER, S. *The Middle Voice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

PEREIRA. D.C. *Variação e mudança no uso de pronomes reflexivos no português popular da capital paulista: Uma abordagem funcionalista e cognitivista*. 2007. 351 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo - São Paulo, 2007.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

A VOZ REFLEXIVA PROTOTÍPICA NA LÍNGUA ITALIANA: CONTEXTOS MORFOSSINTÁTICOS E CONSTRUÇÕES COM PREDICADOS ABSTRATOS

Valentina Mazzocoli

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar a voz reflexiva na língua italiana, examinando suas características e configurações. Em particular, estas páginas se concentram na voz reflexiva prototípica, ou seja, aquela que é considerada voz reflexiva marcada (VRM), a forma padrão encontrada mais comumente na língua escrita.

A voz reflexiva prototípica é utilizada para expressar uma relação de correferencialidade entre o sujeito agente e o objeto paciente, ou seja, indica uma situação em que a ação se reflete sobre o próprio sujeito. Portanto, a estrutura básica de uma voz reflexiva prototípica requer: um sujeito agente, que é sempre animado, um verbo de ação ativo e transitivo, que sempre expressa uma ação voluntária, e um pronome pessoal, que desempenha a função de objeto paciente. Um caso de voz reflexiva prototípica é exemplificado na seguinte frase:

*Luca **si veste** di nero quando va a lavoro.* (Luca se veste de preto quando vai para o trabalho.)

A marca de reflexividade é um elemento muito presente na gramática italiana. Por isso, para evitar confusões entre construções de tipos diferentes, é necessário listar os outros tipos de voz reflexiva que podem ser encontrados, de modo que possam

ser excluídos da análise. A maioria dos linguistas identifica outros dois tipos: a forma reflexiva indireta e a forma reflexiva recíproca.

Na forma reflexiva indireta, a marca de reflexividade se refere ao argumento do verbo, mas ocupa o *slot* do complemento indireto. Portanto, a ação envolve o sujeito, mas é realizada usando outra entidade ou circunstância.

Quanto à forma recíproca, não temos apenas um único sujeito sobre o qual a ação se reflete, mas dois sujeitos que realizam uma ação mutuamente entre si; há duas ações que se cruzam. Neste caso, portanto, a partícula “se” não indica reflexividade em um nível morfossintático e semântico, mas apenas destaca a reciprocidade da ação.

Para a escrita deste capítulo, várias fontes foram fundamentais. Primeiramente, o *corpus* “O Italiano Contemporâneo - Entrevistas”, que constituiu uma base de pesquisa válida e rica, contendo entrevistas com personalidades italianas proeminentes, pertencentes a diferentes áreas, garantindo assim uma grande variedade sociocultural entre os sujeitos analisados. Entre as entrevistas, foram identificados casos de voz reflexiva prototípica, voz média (embora a voz média não esteja reconhecida pela gramática tradicional italiana, mas apresenta usos médios) e eventuais formas atípicas e irregulares, que apresentam a marca de reflexividade.

Esta investigação foi inspirada na Tese da Doutora Barros (2016), que após alguns estudos já conduzidos em 2011, concentrou seu trabalho em uma análise da voz reflexiva, após observar um fenômeno que está se manifestando na língua portuguesa e, em particular, na fala goiana. Trata-se da ausência de marca pronominal na voz reflexiva, que demonstra uma mudança na configuração gramatical da língua portuguesa. A tese realiza uma análise pancrônica, examinando a evolução da voz reflexiva ao longo do tempo, desde o latim vulgar até o português moderno, com o objetivo de fornecer uma explicação linguística e discursiva para esse fenômeno.

Barros (2016) opta por adotar uma perspectiva da Gramática de Construções para o aspecto qualitativo de sua análise. Este modelo teórico reflete a intenção da tese de uma abordagem em uma gramática baseada no uso da língua, que coloque a interação social e a cognição no centro da discussão. Os dados coletados por Barros (2016) realmente revelam uma alteração nos traços semânticos do agente e do paciente que levaram a uma transformação, não apenas na estrutura da voz reflexiva, mas em toda a rede construcional da voz na língua portuguesa.

Na língua oral italiana, e especialmente nos dialetos, observamos fenômenos semelhantes, mas opostos aos examinados por Barros em português. O trabalho dela

nos levou a conduzir uma análise da língua italiana para fornecer documentação às nossas suposições.

Este capítulo é dividido em quatro partes: na primeira, são fornecidas informações breves sobre os princípios básicos da Gramática de Construções (GC), a construção da voz e as diferenças entre a voz reflexiva e a voz média. Alguns dos autores fundamentais para esta seção foram Goldberg (2006), Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2010) e Kemmer (1993).

A segunda parte, por sua vez, trata das considerações metodológicas e fornece informações mais detalhadas sobre o *corpus*, a quantidade e a qualidade dos dados, e quais elementos do *corpus* foram relevantes para a própria análise, que é o destaque da terceira parte do artigo. Na análise, serão examinados os dados extraídos das entrevistas em termos morfossintáticos e semânticos, para tentar fornecer respostas às perguntas de pesquisa na última parte do artigo, as conclusões, de forma a oferecer uma visão da construção da voz prototípica na língua italiana paralelamente à realizada por Barros na língua portuguesa.

Princípios básicos da Gramática de Construções

Este capítulo discute o fenômeno da voz reflexiva prototípica, os seus contextos de uso e a sua funcionalidade segundo a perspectiva teórico-metodológica da Linguística Funcional Centrada no Uso, em especial, na Gramática de Construções (GC).

O princípio central que orienta a GC é a construção como unidade básica da gramática e da análise linguística. As construções são definidas como unidades simbólicas convencionalizadas, que se configuram como pareamentos de forma e significado. Todavia, para ser considerado uma construção, o sentido de um padrão linguístico não deve ser previsível a partir das partes integrantes (Goldberg, 2006). De acordo com Fillmore (1975) e Goldberg (2006), a língua é uma rede de construções interconectadas, organizada por relações de herança que determinam uma estrutura hierárquica.

A Gramática de Construções compartilha com a Linguística Funcional não separação rígida entre o léxico e a gramática e coloca ao centro da sua teoria um padrão de uso, a construção, que conseqüentemente está relacionada com o uso que os falantes fazem da língua em contextos reais de interação. Assim sendo, a GC permite uma análise apropriada para um *corpus* que apresenta uma estrutura marcadamente oral e coloquial.

A literatura sobre a Gramática de Construções analisa três propriedades principais das construções: esquematicidade, composicionalidade e produtividade. A esquematicidade é uma propriedade de categorização que está relacionada com a abstração e estabelece uma hierarquia entre as construções (conf. Traugott; Trousdale, 2013). Podemos distinguir um nível mais abstrato, o esquema, um nível intermediário, o subesquema, e por último um nível mais específico, a microconstrução. A microconstrução é também o penúltimo estágio da “Trajetória de Mudança Construcional” de Traugott e Trousdale (2013), que coloca hierarquicamente os padrões linguísticos no processo de gramaticalização.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), um nível mais alto de esquematicidade corresponde a uma posição mais alta na hierarquia de inter-relação com outras construções, e a um grau superior de abstração. Todavia, considerando a dinamicidade da língua, esses níveis de abstração podem mudar ao longo do tempo e se adaptarem às necessidades dos falantes. Esse assunto reforça a ideia de que o uso efetivo da língua contribui para a representação mental da linguagem e, então, que a organização gramatical é forjada pelo uso linguístico (Bybee, 2010).

A composicionalidade refere-se ao grau de transparência entre a forma-função de uma construção. Se uma construção é composta semanticamente, o ouvinte entenderá o significado das partes integrantes e conseqüentemente o significado do todo. Uma construção não composicional apresenta uma discrepância entre o significado das partes e o significado do todo. De acordo com Traugott e Trousdale (2013), muitas vezes, as mudanças linguísticas causam uma redução da composicionalidade, em especial ao nível das microconstruções.

Por fim, a produtividade de uma construção diz respeito a sua “extensibilidade”, o que Bybee (2010) chama “frequência de type” e indica o aumento gradual de categorias que estabelecem novas relações semânticas e sintáticas com uma construção, não previstas no pareamento protótipo de forma-função da construção mesma. A produtividade parece relacionada com o nível de abstração, porque requer a presença de slots vazios na construção.

Todavia, de acordo com Masini (2017), é importante considerar também a natureza das variáveis e as restrições impostas sobre a construção.

A voz

A voz é a categoria gramatical abstrata que descreve as diferentes relações que podem ser estabelecidas entre o sujeito e o verbo. A voz é baseada no princípio da diátese verbal, que significa literalmente “a maneira de ser do verbo” e atribui diferentes estatutos da relação sujeito-verbo conforme a necessidade ou a intenção pragmática do interlocutor.

Langacker (2008) refere-se a voz como as opções possíveis por um falante de colocar o foco da ação num sujeito agente ou paciente. O autor distingue, então, sistemas com uma prevalência de Vozes Ativas (sistemas com sujeito agente) e sistemas com uma prevalência de Vozes Passivas (sistemas com sujeito paciente ou tema).

A descrição de Voz da gramática tradicional é redutora e incompleta e os critérios de descrição divergem muito dependendo do autor. Efetivamente, a voz é um fenômeno multifuncional e pela sua compreensão e elaboração é necessário considerar vários fatores internos e externos, como a estrutura sintática da frase, a intenção comunicativa do falante, o uso pragmático da diátese.

Por conseguinte, o estudo da Voz em uma perspectiva construcional oferece uma descrição mais completa da voz na língua, analisando a voz não apenas como uma categoria gramatical isolada, mas sim como uma propriedade de construções específicas que envolvem os verbos e seus argumentos.

A gramática tradicional reconhece três tipos de voz, a ativa, a passiva e a reflexiva, com as respectivas subcategorias. Geralmente, essa classificação não abrange a voz média porque é incluída no domínio da voz reflexiva. Na verdade, as duas vozes compartilham características formais e semânticas, além da estrutura com o pronome clítico. Efetivamente, em muitas línguas a marca de reflexividade e a marca de medialidade são morfologicamente idênticas (Kemmer, 1993).

A voz média e reflexiva

A voz média tem um amplo campo de aplicação na linguística. Ao longo do tempo, seu domínio tem sido associado a fenômenos de natureza disparada tanto do ponto de vista funcional quanto formal. Alguns estudos recentes no campo da voz consideram a voz média como um macro domínio semântico ramificado, caracterizado pela centralidade do processo verbal no sujeito. De acordo com essa visão, a voz média incluiria, por sua vez, a voz média propriamente dita, a voz reflexiva e a voz recíproca (Barros, 2016).

A voz média em português muitas vezes foi associada à voz reflexiva e confundida com ela devido à presença da partícula clítica. No entanto, a voz média propriamente dita também possui uma forma não clítica, ou seja, sem pronome. A voz média não clítica apresenta a configuração formal da voz ativa e apresenta uma construção composta pelo sujeito experienciador (S) e o processo (V) - o verbo - e designa uma mudança de condição de estado e exprime uma relação entre um nome paciente e um estado (Chafe, 1979).

Existem, portanto, três tipos de construções que apresentam a voz média.

- A. A voz média prototípica descreve uma ação que se reflete no sujeito, mas não é intencional.
- B. Construções formadas com verbos pronominais, em que o pronome não tem uma função reflexiva, mas estrutural e pragmática, e sua ausência altera o significado do verbo.
- C. O terceiro tipo foi proposto por Kemmer (1993), segundo a qual a voz média compreenderia uma classe de verbos intransitivos que ela chama “semanticamente médios”, que não exigem argumento e geralmente descrevem eventos naturais espontâneos, como o verbo “morrer” ou “enlouquecer” (Casseb-Galvão, Barros, Bertoque, 2022).

Conforme relatado pela Accademia della Crusca, a instituição italiana com personalidade jurídica dedicada ao estudo e à preservação da língua italiana nacional, não há uma função gramatical específica em italiano que atenda aos requisitos da voz média. No entanto, estava presente no latim e no grego antigo a “diátese média”, ou seja, uma conjugação entre a voz passiva e a voz ativa, que descrevia um evento interno ao sujeito. Essas influências têm levado a usos médios na língua italiana.

Todas essas formas verbais têm um valor fundamental em comum: indicam que o sujeito é o ponto de partida e o ponto de chegada do evento descrito pelo verbo. Em particular, podemos identificar dois tipos de usos:

- A. Analogamente às construções com a voz média em língua portuguesa, há verbos intransitivos pronominais nos quais o uso do pronome prescinde do significado do próprio verbo. Esses verbos costumam ser categorizados como reflexivos na gramática italiana, juntos com os verbos recíprocos.
- B. Alguns verbos transitivos são tratados como verbos pronominais e, portanto, passam por uma verdadeira mutação morfológica. Nesses casos, a partícula

pronominal é pleonástica, mas na linguagem familiar e coloquial é usada para dar um valor intensivo ao verbo, enquanto geralmente não é aceita na escrita. De acordo com Serianni, o italiano usa essas formas pronominais, que ele chama “*intensivos pronominais*” para compensar a falta de uma voz média autônoma (Masini, 2008).

Tanto Barros (2016) quanto Kemmer (1993) consideram a principal diferença entre voz média e reflexiva: a organização da voz em uma estrutura monoargumental ou biargumental.

A voz média é encontrada em estruturas monoargumentais, que preveem, portanto, um único argumento: o sujeito. A voz reflexiva prototípica, por outro lado, é encontrada em estruturas biargumentais, que preveem a presença de outro complemento, além do sujeito. Então a voz reflexiva é um subesquema da voz média, mas ao mesmo tempo é vinculada ao domínio semântico da reflexividade (Barros, 2016).

A voz reflexiva é uma das possíveis construções através das quais é possível expressar o conceito de reflexividade. A reflexividade é uma propriedade que se refere a uma relação de correferencialidade entre o iniciador (agente) de um evento e a entidade afetada (paciente). Efetivamente, a ação causada pelo sujeito em si mesmo, poderia ser praticada em favor de outra entidade.

Essa relação de correferencialidade implica que o verbo na construção da voz reflexiva prototípica deve ser biargumental, pois o iniciador da ação desempenha simultaneamente duas funções semânticas, a de sujeito (Arg1) e a de objeto direto (Arg2). De modo que possa desempenhar a sua função semântica, um dos poucos requisitos para a construção é que o verbo de ação seja ativo e transitivo. Consequentemente, a construção da voz reflexiva é um subesquema da voz ativa e da transitividade. A construção da reflexividade é extremamente esquemática e abstrata, não apresentando itens linguísticos fixos.

Em português e italiano, sua construção requer um verbo ativo flexionado, um pronome reflexivo que representa a marca de reflexividade, desempenhando a função de complemento direto. A posição do pronome é geralmente proclítica no italiano e no português brasileiro, enquanto o português europeu prefere uma forma enclítica (Castilho, 2010).

A tese de Barros (2016) classifica a voz reflexiva como uma mesoconstrução exemplificada pelo seguinte esquema:

[SN agente + V ação + SP correferencial/átono/paciente]

De acordo com a Gramática de Construções, a voz reflexiva não é vista como uma categoria gramatical separada, mas como uma construção que pode ser usada em diferentes contextos e que apresenta propriedades sintáticas e semânticas específicas. A análise das construções reflexivas em diferentes línguas pode revelar diferenças e semelhanças na forma como essa construção é expressa e interpretada em diferentes contextos e usos semânticos.

Considerações metodológicas

Esta seção trata de indicar como os dados foram coletados para poder proceder à análise. O *corpus* que foi utilizado consiste em uma seleção de entrevistas realizadas pela Professora Vânia Casseb-Galvão com a colaboração de Angelica Pantaleo, uma estudante da licenciatura em Ciências e Técnicas da Mediação Linguística, da Università del Salento, na cidade de Lecce, Itália, no ano acadêmico 2020-2021. Este *corpus* tinha como objetivo fornecer uma representação realista do italiano contemporâneo, através de uma miscelânea de entrevistas selecionadas de jornais, revistas de atualidade, cultura e moda.

A escolha por analisar entrevistas responde à necessidade de uma fonte linguística que esteja o mais próximo possível da língua oral, pois nela as mutações linguísticas são mais rápidas e espontâneas. Portanto, uma entrevista nos permite observar a estrutura da forma reflexiva prototípica em um contexto menos rígido e pelo menos em parte livre das restrições da língua escrita e das atenções dadas na fase editorial a ela.

O *corpus*, composto por um total de 50 entrevistas, apresenta uma notável variedade de entrevistados, distintos em termos de idade, sexo e profissão. Os dados mais detalhados são apresentados no Quadro abaixo:

Quadro I: Dados dos entrevistados

Entrevistados de Sexo Masculino	30
Entrevistados de Sexo Feminino	20
Idade dos Entrevistados	*18 - 100

¹*Considerando que alguns dos personagens estão falecidos, a idade relatada é aquela que os entrevistados tinham no momento da entrevista.

Profissão dos entrevistados	Poetisa, escritores, atletas, músicos, chef, atores, empresária, historiador de arte, estilistas, jornalistas, diretores, políticos, artistas, filósofos, arquitetos, neurologistas, comediantes.
------------------------------------	---

Fonte: Mazzoccoli (2024).

A motivação para esta pesquisa começou após estudo e análise da tese da Dra. Barros da Universidade Federal de Goiás, intitulada “Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional”, elaborada em 2016. Essa tese analisa a voz reflexiva como parte integrante da rede construcional da voz e, posteriormente, procura responder à tendência do português contemporâneo de eliminar o pronome reflexivo na construção da voz reflexiva. A análise parte da observação desse fenômeno na fala goiana e pressupõe que, por motivos estruturais e semânticos, tenha ocorrido uma variação na rede construcional da voz.

Surgiu espontaneamente a curiosidade de investigar se essa tendência também se refletia na língua italiana ou se, pelo contrário, havia uma tendência diferente. As alunas do curso de tradução e interpretação da Universidade do Salento, sob a supervisão da professora Casseb-Galvão, identificaram no texto os casos de voz reflexiva prototípica, voz média e quaisquer formas irregulares, em que a marca de reflexividade foi utilizada sem necessidade gramatical.

Analisando as 50 entrevistas, foram identificados 98 casos de voz reflexiva prototípica, resultando em uma média de quase dois casos por entrevista. Dentro do *corpus*, alguns verbos reflexivos ocorrem várias vezes no texto:

1. *Fermarsi* (Parar): quatro repetições
2. *Difendersi* (Defender-se): duas repetições
3. *Alzarsi* (Levantar-se): três repetições
4. *Nascondersi* (Esconder-se): três repetições
5. *Dedicarsi* (Dedicar-se): duas repetições
6. *Schermirsi*: (Proteger-se): duas repetições
7. *Trasferirsi* (Mudar-se): duas repetições

8. *Travestirsi* (Disfarçar-se): duas repetições
9. *Prepararsi* (Preparar-se): duas repetições
10. *Amarsi* (Amar-se): duas repetições
11. *Trasformarsi* (Transformar-se): três repetições
12. *Rilassarsi* (Relaxar-se): duas repetições
13. *Avvicinarsi* (Aproximar-se): duas repetições
14. *Attenersi* (Conformar-se): (duas repetições)

A ocorrência de casos de voz reflexiva prototípica foi igualmente observada dentro de construções que incluíam um verbo suporte, nomeadamente os verbos “mettere”, “fare” e “prendere”. Além destes casos, entre as 98 ocorrências, também se encontram construções mais abstratas, designadamente expressões idiomáticas, entre as quais algumas apresentam um verbo suporte na construção.

Quadro 2: Casos de vozes

Número de entrevistas	50
Número de casos de voz reflexiva prototípica	98
Número de casos de voz reflexiva prototípica com verbos suporte	11
Número de casos de voz reflexiva em expressões idiomáticas	12
Número de casos de voz prototípica contidos em expressões idiomáticas com verbos suporte	6

Fonte: Mazzoccoli (2024).

Desta pesquisa foram excluídos os reflexivos aparentes e recíprocos, bem como as formas passivas reflexivas presentes no texto, uma vez que não correspondem à construção prototípica da voz reflexiva.

Análise dos dados

Nesta seção, analisamos mais detalhadamente os dados recolhidos no *corpus* sob uma perspectiva construtiva. Tendo em consideração que, como afirmado por Barros (2022), a voz prototípica é altamente abstrata e esquemática para descrever o seu funcionamento na língua italiana, será necessário prestar atenção às suas características morfossintáticas e semânticas. Assim, através da análise do *corpus*, o objetivo será responder às seguintes perguntas:

- A. Quais são os contextos morfossintáticos e semânticos da voz reflexiva no italiano escrito?
- B. Como se organizam estas configurações quanto ao grau de abstratização do predicado?
- C. Há contextos onde a marca de reflexividade é prescindida?

Analisemos a configuração sintática e semântica da VRP em italiano utilizando um exemplo extraído do *corpus*:

1. *Io non mi sottraggo mai a selfie e autografi.* (Nunca me coíbo de tirar selfies e dar autógrafos)

(lo) [non]	mi	sottraggo	mai a selfie e autografi
Arg ¹	Arg ²	Predicado	Arg ³
SN ¹ [partícula de negação]	SN ²	SV	SP ¹
Agente nulo (lo implícito)	Paciente	Ação	Experienciador

Então, estruturalmente, a voz reflexiva prototípica na língua italiana é formada por um sujeito agente, geralmente nulo, e um verbo transitivo flexionado, precedido por um pronome enclítico que desempenha a função semântica de paciente. Todavia, ao analisar as entrevistas do *corpus*, observamos que a construção é influenciada pela forma do verbo e suas características.

Nas formas indefinidas, como o infinitivo, o particípio e o gerúndio, a marca de reflexividade se encontra depois do verbo, formando uma palavra única com ele. Então, nessas formas, o pronome reflexivo é proclítico e o esquema construcional varia levemente:

2. *Violette guarisce nutrendosi.* (Violette se cura alimentando-se [...])

Violette	Guarisce	Nutrendosi
Arg ¹	Predicado ¹	Predicado ² + Arg ²
SN ¹	SV ¹ definido	SV ² indefinido + SP
Agente	Ação ¹	Ação ² + Paciente

Adicionalmente, com os verbos suporte como “potere”, “dovere” e “volere” e no modo imperativo, podemos encontrar ambas as formas proclítica e enclítica do pronome reflexivo e isso não implica nenhuma diferença de sentido. Consideramos mais uma vez dois exemplos do *corpus*:

3. *Lui non può mettersi in prima fila.* (Não se pode colocar na primeira fila)

(Lui)	[non] può metter[si]	In prima fila
Arg ¹	[partícula de negação] Predicado + Arg ²	Adjun
SN ¹ (nulo)	SV suporte + SP	Adjun
Agente	Ação	Circunstancial

4. *La marcia della morte si può trasformare in marcia della vita.* (A marcha da morte pode ser transformada numa marcha da vida)

La marcia [della morte]	[si] può trasformare	In marcia della vita
Arg ¹	[partícula de negação] Predicado + Arg ²	Adjun
SN ¹ [+complemento nominal]	SP + SV	Adjun
Agente	Ação	Predicativo do sujeito

Como se evidencia por esses exemplos anteriores, a construção da voz reflexiva prototípica em italiano parece extremamente produtiva, capaz de se adaptar a uma grande variedade de contextos. Além disso, o uso da forma reflexiva pode gerar novas ideias e conceitos: alguns verbos reflexivos adquirem um significado diferente

quando são conjugados na forma reflexiva. Vamos considerar duas frases extraídas do *corpus*. Na primeira, o verbo “*aspettare*” significa permanecer em espera, enquanto no segundo caso, o mesmo verbo, na forma reflexiva, assume o significado de “ter expectativas”:

- A. **Aspetto** di conoscere i nomi prima di esprimermi. (*Estou à espera de saber os nomes antes de me exprimir*)
- B. **Mi aspettavo** maggiore serietà e non, come al solito, l’idea di dover sempre e comunque restare aggrappati alla poltrona. (*Esperava mais seriedade e não, como de costume, a ideia de ter de estar sempre à sua posição política*)

Quanto ao aspecto semântico, podemos encontrar diferentes traços de agente dependendo do verbo e do contexto de uso. Em particular, no *corpus* foi possível identificar quatro domínios semânticos: movimento, ação física, processo emocional ou mental e autoavaliação.

O domínio semântico das ações físicas, inclui construções que expressam uma ação que o sujeito realiza sobre si mesmo, envolvendo, portanto, o próprio corpo ou pessoa. Por exemplo:

- 1. *Io posso andare a toccare i genitali del presentatore, o **spogliarmi** [...]* (Posso ir tocar nos órgãos genitais do apresentador, ou despir-me [...])
- 2. [...] *c’è lo spogliatoio dove puoi **riscaldarti**.* ([...] há o balneário onde se pode aquecer.)

Com “movimento”, por outro lado, refere-se a uma mudança na posição do corpo ou ao deslocamento do sujeito de um lugar para outro através do espaço.

- 3. **Mi fermi** davanti alla stanza 33. (Parei em frente ao quarto 33)
- 4. **Si è alzato** e si è fatto il segno della croce. (Levantou-se e fez o sinal da cruz)

No *corpus*, a construção da forma reflexiva prototípica também pode ser usada para descrever processos mentais ou estados emocionais, como é possível observar nos casos relatados abaixo:

- 5. *I ragazzi erano in grado di **esprimersi** avendo a disposizione le facilities.* (Os rapazes puderam expressar-se graças às infraestruturas)

6. *Prima di pretendere l'orgasmo, prova solo ad **amarti**.* (Antes de reclamar o orgasmo, tenta te amar)

Em tais casos, a ação do agente sempre se reflete sobre si mesmo, porém se trata de uma ação de natureza mais abstrata e intangível.

Por fim, foi considerada como uma categoria separada a autoavaliação, devido à presença de várias construções que se referiam especificamente a julgamentos ou considerações que o sujeito faz sobre si mesmo.

7. *Lui **si definisce** un tontolone con le donne.* (Ele define-se como um boneco com as mulheres)

8. *Io [...] nella mia vita sono circondato da donne e io **mi considero** monogamo [...]* (Eu [...] estou rodeado de mulheres na minha vida e considero-me monogâmico [...])

Os dados coletados da análise das entrevistas relacionados à recorrência de cada traço específico do agente estão contidos no Quadro a seguir.

Quadro 3: Ocorrência dos traços de agente

Traços de agente	Ocorrências
Ação	43 (43,88 %)
Movimento	23 (23,47%)
Processo Mental ou Emotivo	27 (27,55%)
Autoavaliação	5 (5,10%)

Fonte: Mazzoccoli (2024).

O quadro mostra que o domínio semântico da ação é certamente o mais recorrente no *corpus*, ocupando quase metade das ocorrências. No entanto, para responder à pergunta de pesquisa número (ii), é necessário destacar que não apenas, os dois últimos traços de agente, que apresentam verbos com um alto grau de abstração, representam uma grande percentagem dos casos (juntos compõem o 30%), mas muitas construções reflexivas presentes nas entrevistas, incluindo aquelas que pertencem ao domínio da ação, assumem um significado alegórico ou até mesmo são encontradas em expressões idiomáticas:

9. *Io poi sono d'accordo con Calvino quando dice che **si inchina** alla satira quando è universale [...] (Concordo então com Calvino quando ele diz que se curva à sátira quando ela é universal [...])*

Extraindo a estrutura básica da frase em (15), teremos um esquema morfossintático como este:

Ele	inchina	si	alla satira
Arg ¹	Predicado	Arg ²	Arg ³
SN ¹	SV	SN ²	SPrep
Agente	Ação	Paciente	Alvo

O verbo indica uma ação que se reflete sobre o sujeito agente, neste caso, o ato de se curvar e o traço do agente no qual o verbo reflexivo presente se enquadra é o do movimento, a presença de um terceiro argumento preposicionado (Sprep) decorre de motivações pragmáticas (diante de algo). Roberto Benigni, o entrevistado da entrevista em questão, está falando de uma reverência figurada, que se torna sinônimo de “louvar”, “elogiar”. Todavia, a configuração da construção se comporta como qualquer outra construção da voz reflexiva prototípica encontrada anteriormente.

Antes de começar a analisar as expressões idiomáticas, é conveniente discorrer algumas palavras sobre elas. Segundo a definição de Hilpert (2014), trata-se de expressões nas quais forma e significado não são totalmente previsíveis, uma vez que não necessariamente seguem as regras de sintaxe fornecidas pela gramática. Bybee (2015) afirma que as sequências presentes nas expressões idiomáticas constituem um “chunk” cognitivo considerado uma única unidade. Por isso, são consideradas construções de alta esquematização, embora por vezes essa esquematização torne-se parcial, permitindo variações no preenchimento dos slots. Por esse mesmo motivo, sendo expressões geralmente cristalizadas, também sua produtividade é limitada, embora permaneça variável dependendo da construção individual.

No *corpus*, foram identificadas onze expressões idiomáticas, sendo uma delas repetida duas vezes, representando assim 12% do *corpus* total, um número bastante alto considerando que as expressões idiomáticas estão intimamente ligadas ao substrato cultural e a um registro coloquial, e o *corpus*, embora próximo de uma exposição oral, ainda assim representa um contexto de uso mais formal, próximo da escrita.

Em todas as ocorrências, a construção exhibe uma certa maleabilidade. A esquematicidade nunca é absoluta, de fato o verbo reflexivo está quase sempre flexionado:

10. *Il mio omaggio, in "Notti magiche", è [...] anche un tentativo di **liberarsi dal peso** della loro eredità.* (Minha homenagem em "Notti magiche", é também uma tentativa de se livrar do fardo da herança deles)

11. [...] *con me **si** è **lasciato andare** subito, completamente.* (Comigo ele se soltou imediatamente, completamente)

Considerando o exemplo 10, na expressão idiomática "*liberarsi da un peso*" (se livrar de algo que estava causando desconforto), o verbo não é flexionado, mas há a substituição de um elemento. Na verdade, o artigo indefinido "un" é substituído por uma preposição articulada para permitir a adição de um complemento indireto.

Ao contrário, no caso de "*lasciarsi andare*" (se entregar a uma situação sem se preocupar com as consequências), não há a inserção de elementos externos, mas o verbo é flexionado e a presença de uma expressão idiomática não influencia a construção do pronome reflexivo.

Além disso, muitas das expressões idiomáticas no *corpus* apresentam um verbo de suporte (prendere, fare, mettere), que forma microconstruções recorrentes. Por exemplo, com o verbo 'fare' encontramos:

12. *farsi in quattro* [fare + marca de reflexividade + preposição + substantivo]

13. *farsi da solo* [fare + marca de reflexividade + adjetivo]

14. *farsi notare* [fare + marca de reflexividade + verbo]

No que diz respeito à pergunta número (iii) da análise, não foram identificados casos nos quais a marca de reflexividade tenha sido prescindida, mas, pelo contrário, há essencialmente dois casos em que a marca de reflexividade é utilizada, embora não haja necessidade gramatical ou de significado:

15. *Chi vince **si prende** tutto: alle volte che lo notiamo, dall'asilo alla tomba.*
(Quem ganha leva tudo: do jardim de infância ao túmulo)

16. *In mezzo la manifestazione del 23 ottobre a Napoli, [...] De Luca si è messo paura della camorra [...]* (em plena manifestação de 23 de outubro em Nápoles, [...] De Luca tinha medo da camorra [...])

No caso da frase (21), como afirmado no dicionário Treccani, se trata de um uso do verbo com valor intensivo ou afetivo-intensivo. Em outras palavras, o significado do

verbo é idêntico a simplesmente “*prendere*” (levar), mas mais forte, a ação é enfatizada.

Esse uso do verbo assinala uma participação mais ativa e sentida do sujeito na ação, de forma semelhante ao que era feito em latim através do dativo ético, usando pronomes átonos pleonásticos acompanhados de um verbo transitivo. Não é possível considerar esse uso da partícula reflexiva como agramatical, mas está relacionado a uma fala estritamente coloquial.

No caso seguinte, por outro lado, a expressão “*mettere paura*” realmente existe em italiano, mas usando o verbo de forma transitiva ativa, sem voz reflexiva, com o significado de “assustar alguém”. Neste contexto, no entanto, é usada com o significado de “ter medo” ou “assustar-se”, portanto a marca de reflexividade não apenas não é necessária, mas também não pode ser considerada correta gramaticalmente. Este uso, portanto, quase certamente se refere aos dialetos regionais; por exemplo, no dialeto napolitano existe a expressão “*mettersi paura*”, exatamente com o sentido de “assustar-se”.

Neste caso, de fato, pode-se dizer que há um uso medial da marca de reflexividade, pois o verbo expressa uma ação que se reflete no sujeito, mas que é involuntária (a de assustar-se). Tratar-se-ia, então, do primeiro tipo de voz média mencionado na seção teórica.

Isso poderia comprovar a suposição de Serianni (1988) mencionada anteriormente, de que tais formas pronominais como aquelas intensivas surgiram precisamente para compensar a falta de uma verdadeira voz média em italiano.

De qualquer forma, seja um uso intensivo ou um uso inadequado como na segunda fase, o fator sociocultural e coloquial é importante, de fato, a presença da marca de reflexividade em ocorrências semelhantes é atestada em romances literários italianos antigos nos quais a língua escrita ainda estava muito influenciada pelos dialetos (Cignetti, 2010).

Conclusões

Neste artigo, foram analisadas as propriedades morfossintáticas e semânticas da construção reflexiva prototípica em italiano. O *corpus* permitiu analisar como tal construção se comportava em diferentes contextos sintáticos, por exemplo, com a presença de verbos indefinidos definidos como o gerúndio ou o infinitivo ou em vista de construções com verbos suporte.

Os dados coletados demonstram como a construção reflexiva em italiano é extremamente maleável e capaz de se adaptar à grande variedade de configurações gramaticais encontradas nas línguas.

De fato, apesar das variações nos tempos verbais, modos verbais ou na própria construção da frase, o reflexivo nunca perde a marca de reflexividade, mas se adapta ao verbo em questão transformando a marca de reflexividade, representada pela partícula pronominal, de um pronome proclítico para um enclítico, às vezes aceitando ambas as posições sem variação de significado.

Isso demonstra a extrema produtividade da voz reflexiva prototípica na língua italiana, que também é comprovada ao analisar como essa construção se relaciona com o grau de abstração do predicado. Observando os dados do *corpus* e focando no nível semântico dos verbos contidos na construção do reflexivo prototípico, observamos que não apenas uma alta porcentagem dos verbos do texto pertence a domínios cognitivos ligados à esfera emocional e pessoal, como um estado mental ou autoavaliação, mas também uma grande parte dos verbos que pertencem ao domínio da ação e do movimento são caracterizados por uma acepção alegórica ou figurada, o que os torna semanticamente mais opacos e lhes confere um maior grau de abstração.

Além disso, no *corpus* foram identificados exemplos de expressões idiomáticas que apresentavam reflexivos na construção. Mesmo nestes casos, apesar das expressões idiomáticas serem consideradas construções de alta esquematização, na presença do reflexivo, a construção aparece novamente como maleável, permitindo que o verbo ocorra na forma flexionada e não na forma padrão prevista pela expressão cristalizada. Em um caso, também foi identificada a inserção de um item adicional na construção, uma operação que geralmente não é tolerada na construção de expressões idiomáticas.

Portanto, o reflexivo mais uma vez se mostra consolidado e extremamente presente na língua italiana. Além disso, após a tese de Barros (2016) que detectou a tendência na língua portuguesa de suprimir a marca de reflexividade na construção do reflexivo, antes da redação do artigo, foi conduzida uma análise do *corpus* com o objetivo de identificar esse mesmo fenômeno na língua italiana. No entanto, essa pesquisa não obteve resultados.

Assim, visto que na língua italiana coloquial foi observado um fenômeno oposto, decidiu-se realizar uma análise paralela e oposta à de Barros (2016), na tentativa de fundamentar algumas hipóteses baseadas em observações pessoais simples. O objetivo era, portanto, detectar possíveis casos em que a marca de reflexividade é utilizada no *corpus* sem necessidade.

Foram destacados dois casos no texto em que a marca de reflexividade, expressa pelo pronome pessoal, é encontrada em contextos inesperados, que não coincidem com outras formas gramaticais como os verbos reflexivos indiretos, recíprocos ou os verbos intransitivos pronominais.

Dois casos foram identificados: o primeiro se encaixa em um uso dos verbos que é chamado de “intensivo” ou “afetivo-intensivo”, que utiliza o pronome enclítico para envolver emocionalmente o interlocutor ou para enfatizar a ação, e reflete o dativo ético latino, ausente no italiano moderno, que desempenhava a mesma função.

O segundo caso apresentava um uso irregular da marca de reflexividade, não previsto pelas normas gramaticais italianas, e insere o pronome pessoal enclítico em um contexto que não o requer. Dado que o verbo em questão não é usado de forma transitiva, mas indica uma ação que ocorre contra a vontade do agente, neste contexto a partícula pronominal não confere um sentido reflexivo à frase, mas cria uma construção média, uma diátese que não deveria estar presente na língua italiana.

Em conclusão, parece que o italiano está seguindo uma direção oposta ao português, e as partículas reflexivas pronominais têm uma alta frequência na língua italiana, também devido às influências dialetais que sofrem a contaminação do latim, onde a voz média estava presente.

Referências bibliográficas

BARROS, D. M. *Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, 2016.

BELLINA M. *Mangiarsi una pizza, fumarsi una sigaretta, ascoltarsi una canzone*, Accademia della Crusca, 23/06/2016. Disponível em: <https://accademiadellacrusca.it/it/consulenza/mangiarsi-una-pizza-fumarsi-una-sigaretta-ascoltarsi-una-canzone/1123>. Acesso em: 27 mar. 2024.

BYBEE, J. *Language change*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2015.

BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASSEB-GALVÃO, V. C.; BARROS D. M.; BERTOQUE L. A. D. P. *Construções de voz no Português Brasileiro*, Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAFE, W. L. *Significado e Estrutura Linguística*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

Enciclopedia dell'Italiano. Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana G. Treccani, 2010. Disponível em: https://www.treccani.it/enciclopedia/dativo-etico_%28Enciclopedia-dell%27Italiano%29/.

FILLMORE, C. An alternative to checklist theories of meaning. In: COGEN, C. et al. (eds.). *Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1975, p. 123-31. Disponível em: <http://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/BLS/article/view/2315/2085>. Acesso em: 20 jan. 2024.

GOLDBERG, A. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT M. *Construction Grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

KEMMER, S. *The Middle Voice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

LANGACKER, R. W. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

MASINI, F. *Grammatica delle costruzioni: un'introduzione*. Roma: Carocci Editore, 2017.

SERIANNI, L. *Grammatica italiana. Italiano comune e lingua letteraria. Suoni, forme, costrutti*, Torino: UTET, 1988.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

A VOZ REFLEXIVA E A CONFIGURAÇÃO DOS PLANOS DE FIGURA E FUNDO

Giulia Caione

Introdução

Este capítulo é destinado à descrição e análise da voz reflexiva na língua italiana, atentando para a maneira como ela pode ser caracterizada quanto aos elementos discursivos de figura e fundo. Os dados analisados pertencem ao *corpus* “O italiano contemporâneo - entrevistas (2021)”, um conjunto de 50 entrevistas escritas de diferentes personalidades públicas italianas, idealizado por Casseb-Galvão e organizado por Pantaléo.

Na primeira parte deste capítulo será explicado o que é a voz reflexiva, como ela é definida, quais são as suas configurações morfossintáticas e semânticas distintivas da voz média. Na sequência, consta uma análise da voz reflexiva prototípica na língua italiana a fim de, inicialmente, estabelecer uma comparação com a pesquisa de Barros (2016) sobre a voz reflexiva na língua portuguesa, particularmente, na fala goiana, para, então, analisar a funcionalidade e a organização discursiva da voz reflexiva na língua italiana quanto aos planos discursivos de figura e fundo.

Que é a voz reflexiva e a sua relação com a voz média

A reflexividade é um fenômeno abstrato que se refere à relação de correferencialidade na determinação da agentividade e do afetamento dos elementos argumentais que cumprem as funções de sujeito e complemento oracionais. Formalmente,

essa voz ocorre com o verbo pleno flexionado, como na voz ativa, e acrescido do pronome clítico, conhecido na gramática como pronome reflexivo. Na voz reflexiva, esse pronome é selecionado a partir do verbo e representa o objeto correferencial ao sujeito. No português brasileiro, ao contrário do português europeu, o uso do pronome é uma regra variável na qual estão em competição a presença e a ausência da marca pronominal, e a sua posição predominante é antes do verbo.

A voz reflexiva, assim como a voz recíproca, pertence ao domínio semântico da voz média uma vez que ambas as organizações compartilham a centralidade do sujeito no evento descrito pelo verbo e têm sentidos próximos (conf. Barros, 2016). A voz média e a voz reflexiva apresentam também uma estrutura idêntica em relação ao uso do pronome clítico, ou seja, apresentam a mesma configuração morfossintática. Esses aspectos formais e semânticos são pontos de interseção entre esses tipos de voz e o limite entre elas não é rígido, mas é tênue e gradual. Todavia, a voz média e a voz reflexiva são entendidas como vozes distintas e se diferenciam por fatores discursivos, pragmáticos e semânticos. Essa situação revela uma grande dificuldade em um trabalho de categorização da voz, por exemplo.

Segundo Camacho (2006), a diferença entre a voz média e a voz reflexiva reside na funcionalidade do pronome, pois quando ele é um argumento requerido pela estrutura argumental, instancia um esquema de transitividade mais alta, típica da voz reflexiva; e quando o pronome é não argumental, há uma situação de baixa transitividade, típica da voz média. No entanto, as vozes média e reflexiva se distinguem essencialmente pelo traço de intencionalidade do agente. Kemmer (1993) propõe uma classificação de verbos semanticamente médios que conservam como característica comum a centralidade do sujeito na ação descrita pelo verbo. Essa autora analisa a voz a partir da divisão dos verbos em dois grupos: os de ações corporais e de ações cognitivas:

- Os verbos de ações corporais são biargumentais, ou seja, são verbos que indicam uma ação realizada por um agente sobre um objeto, a favor ou não do sujeito, e configuram construções com voz ativa ou reflexiva. São ações de cuidado corporal, movimento não-translacional, mudança na postura corporal e movimento translacional e se referem a ações que um agente executa em seu favor, ao seu corpo, e são características da voz reflexiva porque implicam mais controle.

1. *Ma questa volta **mi** sono messo nelle sue mani.* (Mas desta vez coloquei-**me** nas mãos dele.)

O uso de *nesso* (forma flexionada do verbo irregular “*mettere*” - “*colocar*”) em (1) tem uma acepção mais metafórica, mas mesmo assim indica um exemplo de voz reflexiva. O sujeito da ação poderia colocar qualquer coisa ou pessoa em algum lugar, mas nesse caso coloca-se a si mesmo. Esse verbo seleciona uma estrutura biargumental em que a casa do arg. 2 é preenchida pelo pronome reflexivo, na função de objeto e indicando correferencialidade entre sujeito e objeto.

- Os verbos de ações cognitivas são mais centrados no sujeito e são menos produtivos em eventos que envolvem dois participantes e, portanto, muito frequentes na construção da voz média. São ações que expressam estados mentais, emotivos, cognitivos, ato de fala de natureza emotiva, atos de fala declarativa, etc. Eles equivalem aos verbos psicológicos, ou seja, que se referem a relações mais abstratas e, normalmente, o sujeito é experienciador ou processado.

2. *Io ora non sono uno che **si lamenta**.* (Agora eu não sou uma pessoa que **se lamenta**.)

A diferença entre essas vozes decorre também em função da intencionalidade do sujeito em relação ao evento descrito pelo verbo. A reflexiva representa um sujeito intencional, enquanto que a voz média um sujeito não intencional. Na voz reflexiva, a casa do objeto é preenchida com o pronome indicando correferencialidade ao argumento na função de sujeito. Então, as relações entre os termos na oração reflexiva ocorrem como em uma ação transitiva, porém com um único participante. A média, ao contrário, não pressupõe outro envolvido na ação, que tão somente se passa no sujeito, por isso, diz-se que o evento é centralizado no sujeito, que não admite um esquema de transição semântica necessário a uma oração com alta transitividade. Para Haiman (1983), a reflexividade ocorre quando as ações não são realizadas em favor de outras pessoas; explicando, ações que poderiam se realizar em outros, são realizadas em favor do próprio sujeito. Na voz média, as ações simplesmente se passam no sujeito.

A configuração morfossintática e semântica da voz reflexiva

O verbo da oração na voz reflexiva representa ações que podem ser feitas em favor de outras entidades e se voltam em favor do próprio sujeito. Morfologicamente, a voz reflexiva é formada por um verbo flexionado como na voz ativa e acrescido de um clítico em função reflexiva. Os clíticos são pronomes pessoais átonos empregados junto

aos verbos e não têm significado próprio porque são palavras gramaticais. O clítico mais utilizado na formação da voz reflexiva é o pronome SE e indica que o sujeito é simultaneamente agente e paciente. Outros clíticos indicativos das outras pessoas verbais são: ME, TE, NOS, VOS. Esses clíticos exercem a função de complemento, então precisam sempre de um apoio verbal e sempre concordam com o pronome pessoal ao qual se refere o sujeito da oração. Eles não assumem significado fora da estrutura sintagmática.

A voz reflexiva e a voz média pronominal exigem um pronome clítico, mas somente na voz reflexiva é sempre considerado como argumento do verbo. Na oração com a voz reflexiva, o verbo seleciona dois argumentos (por isso se fala de estrutura biargumental): prototipicamente o Arg1 tem função de sujeito, o Arg2 tem função de objeto direto. Este processo de seleção é ativado pelo verbo transitivo, com o qual se constrói a forma reflexiva.

No caso da voz reflexiva, o verbo será sempre transitivo, aspecto que a diferencia da voz média. A voz reflexiva apresenta um verbo com um grau de transitividade mais alto porque prototipicamente ela é constituída a partir de verbos de ação com sujeitos animados e, neste caso, a transitividade é mais alta porque, para representar a completude da ação codificada pelo verbo, o mesmo verbo exige um segundo argumento (e até um terceiro), ou seja, um complemento objeto.

Para Givón (1989, 2001), a transitividade é uma dimensão complexa porque envolve componentes sintáticos, semânticos e pragmáticos. Um evento de transitividade prototípica pressupõe uma relação entre um agente intencional e ativo, um paciente concreto, e um evento concluído e pontual. O grau de transitividade depende de fatores pragmáticos e discursivos, e da seleção dos argumentos pelo verbo. Esses elementos também estão na base da caracterização da voz.

Semanticamente, os dois argumentos selecionados pelo verbo transitivo da oração reflexiva, são uma mesma entidade: isso significa que as ações partem do sujeito e são feitas em seu favor. O sujeito da voz reflexiva assume o papel semântico de agente e também de paciente ou processado ou experienciador da ação expressa pelo verbo. A reflexiva prototípica é um caso de simultaneidade dos papéis semânticos de agente e paciente no mesmo elemento, representada com a presença de uma marca pronominal.

O sentido de reflexividade pode ocorrer também através de formas lexicais de outro tipo, chamadas "formas de reforço": são combinações de artigo ou preposição + pronomes + termos outro/mesmo/próprio. Estas formas substituem o clítico reflexivo ou reforçam o seu sentido (por exemplo, *a si mesmo*).

Tipos de voz reflexiva

As características da voz propostas na seção anterior foram fundamentais para a proposta de Barros (2016) quanto à Voz Reflexiva Prototípica (VRP), que pressupõe uma estrutura biargumental, na qual o sujeito (Arg1) e o objeto (Arg2) se referem à mesma entidade. Esta correferencialidade e a simultaneidade entre papéis semânticos são especificadas por uma marca pronominal clítica, ou seja, o pronome reflexivo.

3. *No, io resto greco. Non mi colloco neppure fra i laici, i quali sono credenti in un'altra maniera.* (Não, ainda sou grego. Nem sequer me coloco entre os leigos, que são crentes de outra forma.)

O dado em (3) é exemplo de uma voz reflexiva prototípica, isto é, uma voz que apresenta todas as características de uma ativa prototípica, como a alta transitividade, o sujeito humano agentivo e intencional. Essas características indicam que a ação descrita pelo verbo poderia ser executada pelo sujeito em outro termo na casa do objeto, caracterizando a voz ativa, mas ela se volta para o sujeito indicando uma voz reflexiva. Entretanto, como comprova Barros (2016), em relação ao português brasileiro falado, não são todas as organizações de voz reflexiva que ocorrem com a presença da marca pronominal.

Quando a casa destinada ao pronome não é preenchida, há uma elaboração da Voz Reflexiva Não Marcada (VRNM): esta forma é caracterizada por uma ausência do pronome reflexivo e, conseqüentemente, ausência formal do objeto e transitividade reduzida devido à inexistência do pronome. Entretanto, o significado de reflexividade pode ser recuperado do entorno textual. Esse é um uso que não foi encontrado no italiano e que no português brasileiro ocorre na língua falada motivando orações como:

4. Eles esconderam (∅) num convento em Roma. > Eles esconderam **(se)** num convento em Roma

Então, a VRNM pode ser considerada como um subesquema da voz reflexiva e uma forma de organização sintática inovadora que reflete alterações no significado interno na rede das construções reflexivas.

Então, no português brasileiro, a voz reflexiva prototípica (que é marcada) está em um processo de mudança no qual emerge outra configuração na rede construcional da voz, isto é, uma voz reflexiva sem a presença do pronome reflexivo.

A voz reflexiva e a configuração dos planos de figura e de fundo

Definição de figura e fundo

No âmbito da linguística funcional, a noção de *plano discursivo* refere-se à organização estrutural do texto a partir das dimensões de *figura* e *fundo*. A formulação original das dimensões se deve à psicologia Gestalt e relacionam-se à percepção e à cognição. Em linguística, essas noções foram implementadas por Talmy (1978) e Langacker (1987) para serem aplicadas tanto às palavras isoladas quanto às organizações oracionais, e, conseqüentemente, podem auxiliar a compreender o fenômeno da voz.

As entidades (estruturas linguísticas) que aparecem em primeiro plano são percebidas como mais nítidas e com mais facilidade; as outras que se encontram fora da área de evidência são menos aparentes e perceptíveis. Em termos de discurso, esta distinção equivale à oposição entre central e periférico, respectivamente, à *figura* e *fundo*.

Givón (1995) associa a distinção entre *figura* e *fundo* ao critério de frequência de marcação. O elemento marcado é o menos frequente, então, tem maior relevo perceptual, exatamente porque como não é frequente, não é natural, causando impacto cognitivo (marcação) ao ser acionado; se relaciona com a *figura*. Ao contrário, o que é textualmente mais abundante, é mais naturalizado, não marcado e representa o *fundo*.

Nos estudos funcionalistas, inicialmente, as categorias de *figura* e *fundo* foram usadas nos estudos de narrativa para identificar a oposição entre as sequências de movimento e as estáticas. A *figura* identificava as sequências móveis que constroem os eventos dinâmicos da narração, ou seja, os eventos responsáveis pela progressão sequencial do enredo sobre os quais recai o foco narrativo; o *fundo* identifica as sequências estáticas caracterizadas por observações, comentários, localização e outras informações complementares que são simultâneas à *figura*.

Martelotta (2011) testa a possibilidade de aplicação desses conceitos em outros tipos de estruturas textuais além da narrativa, demonstrando que as definições de *figura* e *fundo* podem ser úteis na análise de textos descritivos, procedurais ou opinativos. O autor mostra como, por exemplo, um trecho narrativo de dentro um contexto maior não narrativo assume o papel de *fundo*, então estará em posição secundária em relação ao foco do texto e servirá como elemento extensivo das informações primárias.

Figura e fundo na voz reflexiva

Pelo viés funcional, a análise linguística busca explicar a estrutura da língua de maneira mais completa ao recorrer a elementos cognitivos e à percepção humana e sua organização na linguagem. Nesse sentido, a definição dos planos discursivos de figura e fundo são relevantes. Esses planos podem, por exemplo, ser associados à transitividade para explicar a organização do discurso no texto.

A transitividade não se manifesta apenas no verbo, mas na totalidade da oração e emerge das relações estabelecidas entre os elementos que a compõem. Uma oração transitiva prototípica é a que, em um evento, apresenta um agente animado que causa intencionalmente uma mudança perceptível no estado ou na locação de um objeto. Então, apresentam uma alta transitividade as orações que ocupam a porção central ou dão sustentação ao texto, chamadas, em termos de planos discursivos, de *figura*; a porção periférica ou com baixa transitividade corresponde ao *fundo*.

Conceituar a transitividade verbal no âmbito do funcionalismo não é uma tarefa muito simples e uma compreensão e descrição do fenômeno da transitividade exige uma adoção de critérios claros. Para Hopper e Thompson (1980), os parâmetros que definem uma oração de transitividade alta podem ser distintos nos seguintes termos:

- A. Os participantes não devem ser inferiores a dois.
- B. As ações devem ser transferidas de um participante para outro.
- C. A ação deve ser terminada, pontual e intencional.
- D. As orações afirmativas podem ser transferidas.
- E. A agentividade é um fator importante porque participantes que têm agentividade alta, podem efetuar a transferência de uma ação.
- F. O paciente da oração deve ser afetado.
- G. O objeto tem que ser individuado.

Porque uma das mais importantes características da voz reflexiva é o alto grau de transitividade e ela porque satisfaz plenamente os critérios de Hopper e Thompson (1980), sua manifestação se dá essencialmente como *figura*: na Voz Reflexiva Prototípica, o verbo é sempre transitivo, o sujeito apresenta sempre o traço de agentividade e, conseqüentemente, um sujeito com papel semântico de agente que codifica uma ação

que se faz em favor de uma outra pessoa (no caso da reflexiva, em favor de si mesmo) que constitui um objeto direto, com papel semântico de paciente afetado, individuado através da marca pronominal reflexiva. Tais considerações podem ser observadas no trecho de entrevista a seguir:

5. *Seduta sul grande divano di pelle bianca - piuttosto Versace - tra i cuscini con le meduse - assolutamente Versace - **Donatella parla e ride nascondendo gli occhi dietro la tenda inamidata e platinata del suo ciuffo.** Il tè che aveva chiesto non le verrà mai servito. "Non mi piace nemmeno", aveva detto, ordinandolo. Quindi, forse, non ha importanza.*
6. *Per definirsi dice: "**Sono una che è caduta e si è rialzata.**"*
7. ***Poi è caduta di nuovo e ancora si è rialzata.** E ha continuato a camminare, pure con 'sti tacchi".*

Sentada no grande sofá de couro branco - bastante Versace - entre as almofadas de água-viva - absolutamente Versace - Donatella fala e ri escondendo os olhos atrás da cortina engomada e platinada de seu cabelo. O chá que ela pediu nunca lhe será servido. "Nem sequer gosto dele", disse, ordenando-o. Então, talvez, não importa.

Para se definir, ela diz: Eu sou aquela que caiu e ressuscitou.

Então ela caiu de novo e de novo ela se levantou. E ela continuou a andar, mesmo com esses saltos.

No trecho anterior, a entrevistada se define como alguém que caiu e se levantou, levantou a si mesma, logo, a reflexiva integra o plano de figura, como era esperado. Se na voz ativa o foco fica sobre o agente da ação do verbo (aquele que se levanta), na voz reflexiva o foco fica sobre duplicação da constituição da referência, isto é, o foco recai sobre o fato que a ação prototípica de alta transitividade e de se realizar em outro termo, se realiza no seu iniciador, o sujeito. Se em fluxo padrão, em uma voz ativa com alta transitividade, o relevo cognitivo está no argumento sujeito agentivo porque ele inicia a ação, em uma mesma estrutura argumental, porém na voz reflexiva, o relevo consiste no fato de o sujeito ser simultaneamente iniciador e receptor do evento verbal. Ou seja, na voz reflexiva há um rompimento do fluxo de transitividade, causando o realce cognitivo, criando-se o foco. O sujeito e o objeto assumem simultaneamente as funções de foco e de tópico (aquela pessoa que caiu e que se levantou, levantou a si mesma).

O trecho discursivo a seguir exemplifica a presença da voz reflexiva em uma parte não central do texto:

8. *L'ex première dame (50 anni il prossimo dicembre) dice la propria su molestie, amore, tacchi e gruppi WhatsApp. E su che cosa significa invecchiare dentro la bellezza.*
9. *A un certo punto di questa intervista, Carla Bruni accennerà un motivo:*
10. *"Estate/Sei calda come il bacio che ho perduto/Sei piena di un amore che è passato...». E sorriderà prima con gli occhi che con le labbra, dopo averlo fatto. È il modo che ha - tutto suo - di rimettere la palla nelle mani di chi le chiede: "E allora? Come sono, questi 50 anni che si avvicinano?". "Certo più di 40 e meno di 60, ma invero non lo so ancora (li compie il 23 dicembre 2017, ndr). Però mi fanno pensare che - se andrà bene - mi restano 25, 30 estati davanti. E non sono poi tante. Sa una cosa? Non avevo mai tradotto il tempo in estati. **E a volte mi capita di fermarmi e dirmi:** "Mamma mia, come sono poche, quanti posti che ancora non conosco: il Polo Nord, la Nuova Zelanda, l'Australia"".*

A ex-primeira-dama (50 anos em dezembro próximo) dá sua opinião sobre assédio, amor, salto alto e grupos de WhatsApp. E sobre o que significa envelhecer com beleza. A certa altura desta entrevista, Carla Bruni citará um motivo: "Verão/Você é tão quente quanto o beijo que perdi/Você está cheio de um amor que passou...". E ela sorrirá primeiro com os olhos do que com os lábios, depois de fazê-lo. É a sua maneira - toda sua - de devolver a bola às mãos de quem pergunta: "E daí? Como se aproximam estes 50 anos?". "Certamente mais de 40 e menos de 60, mas ainda não sei (faz 23 de dezembro de 2017, ed.). Mas fazem-me pensar que - se tudo correr bem - ainda tenho 25, 30 verões pela frente. E não são tantos. Você sabe o que? Eu nunca traduzi o tempo em verões. **E às vezes paro e digo para mim mesmo:** "Meu Deus, quão poucos são, quantos lugares ainda não conheço: o Polo Norte, a Nova Zelândia, a Austrália".)

O trecho da entrevista mostra bem como as informações de plano de fundo são funcionais no gênero entrevista. Elas são maioria (não negritadas) e contextualizam o ambiente, apresentam o entrevistado, as opiniões do entrevistador, preparam o leitor para as informações a serem enunciadas pelo entrevistado etc.

Já as informações de plano de figura, apesar de aparecerem em menor número, são centrais para a funcionalidade do gênero, pois trazem informações novas e validam a própria escolha por esse entrevistado, no caso, a cantora Carla Bruni. O conjunto oracional **E a volte mi capita di fermarmi e dirmi** tem um contorno pragmático médio (mi capita) e reflexivo (fermarmi e dirmi) e introduz a informação mais relevante

da parte do texto em que ela fala sobre o passar do tempo, envelhecer: que ainda faltam muitos lugares para ela conhecer.

Referências bibliográficas

- BARROS, D. M. *Aspectos funcionais relativos ao (des) uso do reflexivo no dialeto goiano*. 2011. 215 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.
- BARROS, D. M. *Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- BARROS, D. M.; CASSEB-GALVÃO, V. C. A transitividade na reconfiguração da voz reflexiva na fala goiana, *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Volume Especial, p. 171-191, Dez-2016.
- BARROS, D. M.; CASSEB-GALVÃO, V. C.; BERTOQUE, L. *Construções de voz no Português Brasileiro: norma, uso e funcionalidade*. Goiânia: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, 2022.
- CAMACHO, R. G. A gradação tipológica das construções de voz, *Gragoatá*, Niterói, n. 21, p. 167-189, Jul./Dez. 2006.
- CUNHA, M; BISPO, E. Pressupostos teórico-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso, *Revista do GELNE*, Natal/RN, v. 15, Número Especial: 53-78, 2013.
- GIVÓN, T. *Mind, code and context: Essays in Pragmatics*. University of Oregon. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers. Hillsdale, New Jersey London, 1989.
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- HAIMAM, J. Iconic and economic motivation, *Language*. v. 59, p. 781-819, 1983. Disponível em: https://www.eva.mpg.de/lingua/conference/10-CompetingMotivations/pdf/Haiman_1983_Iconic_economic_motivation.pdf. Acesso em: 12 dez. 2014.
- HOPPER, P. J.; THOMPSON S. A. Transitivity in grammar and discourse, *Language*, v. 56, n. 2. Washington D.C: Linguistic Society of America, 1980.
- KEMMER, S. *The Middle Voice*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.

MARTELOTTA, M. E. Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011.

NASCIMENTO N , BARBOSA, S. M, *Transitividade verbal e planos discursivos: um estudo funcionalista da hipotaxe adverbial causal em elocuições formais*. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos)- Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

O USO DO PRONOME REFLEXIVO EM CONTEXTOS INESPERADOS NA LÍNGUA ITALIANA

Federica Quatraro

Introdução

A ideia que fundamenta este artigo e que o inspirou a ser escrito surgiu após estudos, comparações e reflexões realizadas durante as aulas de Língua Portuguesa do curso magistral de Tradução Técnico-científica na Universidade do Salento, em Lecce, Itália. Mais especificamente, o trabalho se concentra no uso de algumas expressões típicas do italiano que envolvem o emprego da marca pronominal de reflexividade em contextos inesperados, comparando a língua padrão com a linguagem coloquial, com referência obrigatória aos conceitos teóricos da Gramática das Construções e aos estudos funcionalistas sobre a voz reflexiva, o tema central deste estudo.

O *corpus* deste trabalho foi coletado na rede social Facebook. Dessa forma, o que será analisado são frases típicas extraídas de postagens feitas por usuários com um nível médio de escolaridade. Outra parte das fontes utilizadas inclui os estudos de Bybee (2010), Masini (2016), De Barros (2016) e Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), que auxiliarão na melhor compreensão deste fenômeno sob uma perspectiva construcional, especialmente por meio da subsequente comparação entre o italiano e o português brasileiro.

Portanto, o objetivo deste estudo é analisar como, no italiano, a marca de reflexividade ocorre também em contextos inesperados e atípicos, e como esses casos de uso se aproximam dos casos de voz média, nos quais o sujeito não é afetado pela ação verbal, o que acontece na voz reflexiva prototípica. Além disso, será descrita

a configuração sintática e morfossintática desses usos, bem como as suas possíveis motivações semântico-pragmáticas. Através da comparação da voz reflexiva entre o português e o italiano, é possível observar como essas línguas são tão próximas, mas ao mesmo tempo diferentes, sendo o italiano orientado para a conservação dos pronomes reflexivos, mesmo quando não é estritamente necessário.

Base teórica - A voz

O estudo da organização e do uso da linguagem não é uma tarefa fácil. Ao tentarmos descrever a língua do ponto de vista estrutural, deparamo-nos com a sua natureza como uma combinação de elementos que possibilitam a formação de palavras, frases e textos, os quais, por sua vez, são regulamentados pela gramática. No entanto, como a gramática adquire forma e com base em quais princípios podemos explicar o seu uso pelos falantes? Uma abordagem que considera a língua nessa perspectiva nos permite compreender o quão complexo é esse fenômeno, cuja explicação não pode prescindir de fatores sociais, culturais e semântico-pragmáticos.

Na língua portuguesa, identificamos quatro vozes distintas: a voz ativa, a voz passiva, a voz reflexiva e a voz média. A voz é uma construção gramatical que, segundo os princípios da Gramática das Construções, pode ser definida como um pareamento de forma e significado, ou seja, uma unidade linguística na qual forma e significado estão intrinsecamente relacionados.

Ao refletirmos sobre o processo de aprendizado da língua pelas crianças nos primeiros anos de vida, torna-se evidente que todos os seres humanos aprendem pequenos fragmentos da língua e os associam aos contextos em que foram ouvidos. Se uma criança ouve a palavra *comida* sempre que se prepara para comer, ela facilmente associará esse input à ação de comer, que representa o contexto de uso dessa palavra em sua vida. Peça após peça, o cérebro monta o quebra cabeça que é a língua. Uma expressão ganha valor e prestígio quando é utilizada frequentemente em contextos reais de comunicação. Portanto, as construções gramaticais são fortemente ligadas à gramática baseada no uso e isso é um dos fatores que acionam a máquina da linguagem humana.

Antes de ver a estrutura sintática e o uso da voz reflexiva e da voz média, é preciso abrir um pequeno parêntese sobre a estrutura da voz ativa e da voz passiva. No caso da voz **ativa**, a ação é cumprida pelo sujeito e afeta o objeto, que ocupa a posição de paciente que sofre a ação do verbo. Tomamos como exemplo a frase:

1. João comprou o carro:

João AGENTE	comprou VERBO	o carro PACIENTE
--------------------	----------------------	-------------------------

Para compreender os papéis dos “participantes” nessa construção, podemos considerar, em termos de perspectiva (Casseb-Galvão; Barros; Bertoque, 2022), que a percepção do acontecimento pode ser representada graficamente com base na perspectiva de um observador. No caso da voz ativa temos alta transitividade, o que significa que o sujeito (agente) representa o ponto de partida da ação que se reflete sobre o objeto (paciente).

No caso da voz **passiva**, por outro lado, temos um esquema especular em que a ordem dos segmentos que compõem a construção resulta ser invertida, tendo o paciente como ponto de partida segundo uma perspectiva exatamente oposta:

2. O carro foi comprado pelo João:

o carro PACIENTE	foi comprado VERBO	pelo João AGENTE
-------------------------	---------------------------	-------------------------

As construções passivas são muito utilizadas em contextos formais, por exemplo em cotidianos, artigos de jornais onde é preciso um maior destacamento relativamente às informações apresentadas pelos interlocutores, dessa maneira a comunicação resulta quanto mais imparcial possível, como consta no exemplo a seguir:

3. Greve em Hollywood: **pré-acordo será analisado por todos os roteiristas. Paralisação só será encerrada se maioria da categoria aceitar novo contrato com produtores.** (SBT News, 2023)¹

A voz **reflexiva** assume uma estrutura distinta, caracterizando-se por um esquema que prevê um sujeito, um pronome que depende da pessoa gramatical (proclítico no português do Brasil e enclítico no português europeu) e um objeto, como exemplificado na frase *eu me cortei*. Estamos diante de uma forma reflexiva prototípica, portanto as entidades envolvidas na ação são duas, mas, diferentemente da voz ativa, neste caso o agente e o paciente são representados pela mesma entidade linguística, o sujeito, que desempenha e sofre a ação simultaneamente. A coexistência da agentividade e passividade no sujeito é viabilizada exclusivamente pelo uso do pronome, o qual representa a mesma entidade na função de sujeito dentro

¹ Fonte: <https://www.sbtnews.com.br/noticia/mundo/260976-greve-em-hollywood-pre-acordo-sera-analisado-por-todos-os-roteiristas>. Acesso em: 26 set. 2023.

do domínio argumentativo do objeto. No contexto da língua italiana, a estrutura é análoga àquela do português do Brasil, enquanto o português europeu prevê o emprego do pronome clítico em posição pós-verbal, mediante o uso de um hífen.

<i>Eu</i> AGENTE	<i>me</i> PRONOME OBJETO	<i>cortei</i> VERBO
-------------------------	---------------------------------	----------------------------

Um detalhe de importância fundamental reside no fato de que certos verbos se adequam de maneira mais pronunciada a um tipo específico de construção. No que concerne ao verbo *cortar*, se torna evidente um notório grau de transitividade, uma vez que este verbo demanda a presença de um objeto que, simultaneamente, atua como agente e paciente da ação. Com efeito, uma construção simples, composta apenas por sujeito e verbo, se revela incompleta do ponto de vista semântico, quando se trata do verbo *cortar*, acontece o mesmo no caso do italiano *tagliare*:

4. *lo taglio* (Cosa?) (Eu corto (O quê?))

A disposição do objeto se apresenta como livre e não preenchida, contudo, em uma construção reflexiva, essa casa argumentativa vazia não é permitida. No entanto, existem instâncias específicas em que a omissão da casa argumentativa do objeto pode ser admitida, uma questão que será analisada com maior profundidade posteriormente. Conforme destacado na pesquisa de Barros (2016, 2022), a voz reflexiva prototípica engloba predominantemente verbos que pertencem à esfera semântica das ações corporais e físicas como o já mencionado *cortar*, mas também *machucar*, *ferir*, *queimar*, entre outros. Entretanto, quando empregamos verbos que se referem a ações cognitivas, que têm um sentido mais abstrato ou quando o sujeito realiza uma ação não intencional, os limites da estrutura reflexiva tradicional começam a ser menos acentuados e entramos no domínio da voz **média**, a qual compartilha a mesma estrutura sintática da voz reflexiva prototípica, mas se distingue a nível semântico. O papel do sujeito e a diátese do verbo, ou seja, a sua relação com o sujeito agente, são de importância fundamental para identificar a voz média. De fato, numa construção média clítica, onde temos o caso mais próximo da voz reflexiva, o papel do sujeito resulta ser externo ao processo verbal, portanto, não tem controle sobre o evento, como na frase *eu me afeiçoei muito a ela*. A ação não é intencional e o sujeito não é o causador, embora seja plenamente envolvido no evento. Outros exemplos de verbos tipicamente médios e clíticos são *esquecer-se*, *alegrar-se*, *assustar-se*, *culpar-se*, etc., onde é reconhecível o pertencimento deles à esfera semântica dos verbos psicológicos, com natureza abstrata. No que se refere aos papéis dos pronomes, no caso da voz reflexiva, eles têm função de objeto, diferentemente da voz média, onde há também a possibilidade de ocorrer sem o pronome, como no caso dos verbos *morrer* ou *nascer*

(*minha avó morreu, o bebê nasceu*). Neste caso, fala-se de voz média não clítica que se apresenta com a mesma forma da voz ativa. Conforme Barros (2022), a voz média não clítica tende a ser construída com verbos menos transitivos. Isso acontece também no italiano, onde, no entanto, a voz média não é reconhecida pela gramática e, portanto, verbos como *morire* (morrer) e *nascere* (nascer) são simplesmente classificados como intransitivos.

A marca pronominal e os verbos reflexivos

O italiano tem um sistema pronominal muito semelhante ao do português. Sendo ambas línguas românicas, compartilham muitos aspectos morfossintáticos e pragmáticos. O objetivo desta pesquisa, porém, é identificar quais são os pontos de divergências, ao estudar a voz reflexiva, entre essas duas línguas e as motivações semântico-pragmáticas porque, como vamos ver mais a frente, há alguns que merecem atenção especial.

Como já mencionado, os pronomes do português desempenham uma função reflexiva quando estão em posição pré-verbal (pós-verbal no caso do Português Europeu) e têm o papel de se referir à reflexividade da ação sobre o sujeito, que é simultaneamente agente e paciente de sua própria atividade. O funcionamento é o mesmo no caso do italiano, onde temos os clíticos *mi, ti, ci, si, vi*. Em uma construção reflexiva prototípica, a casa argumental preenchida pelo pronome tem a função de se referir ao próprio sujeito e, portanto, destaca o destinatário da ação, ou seja, o próprio sujeito. Na sentença *eu me cortei*, o pronome *me* nos faz compreender que *eu* (agente e paciente simultaneamente) cortei algo, ou seja, a mim mesmo. É nesse sentido que a ação se reflete, como uma imagem de um espelho. Italiano e português compartilham a mesma estrutura reflexiva prototípica, tanto do ponto de vista sintático quanto semântico e pragmático, pelo menos quando se fala da língua escrita e, em certo sentido, formal. A gramática italiana prevê três classes de verbos reflexivos, conforme Zanichelli²:

- A. Os verbos reflexivos prototípicos
- B. Os verbos reflexivos aparentes
- C. Os verbos intransitivos pronominais

Como já mencionado, os verbos reflexivos prototípicos (incluindo também a forma recíproca nessa categoria) têm a mesma estrutura sintática e semântico-pragmática da

² Fonte: <https://aulalingue.scuola.zanichelli.it/benvenuti/2010/01/28/i-verbi-riflessivi/>. Acesso em: 19 fev. 2024.

mesma categoria de construções em português. A voz reflexiva recíproca se manifesta de maneira igual tanto em português quanto em italiano, com dois sujeitos que são ao mesmo tempo agentes e pacientes da ação, um para o outro, dando e recebendo uma ação simultaneamente, como em *Mário e Lucia se abraçam*.

É importante, porém, que nos concentremos sobre os verbos reflexivos aparentes do italiano, pois na língua portuguesa a tradução deles resulta em uma construção diferente. A categoria dos verbos **“riflessivi apparenti”**, em italiano, refere-se a todos aqueles verbos que requerem a presença de um pronome (*mi, ti, ci, si, vi*), exatamente como qualquer outro verbo reflexivo. Todavia, diferentemente do caso da voz reflexiva prototípica, o pronome não tem função de objeto, mas sim de complemento indireto. Nesse sentido, a pergunta à qual o pronome responde seria “A quem?”. Eis um exemplo:

5. **Mi lavo le mani** (Eu lavo as mãos)

O que se nota em (5) é que o verbo *lavare* em italiano, que se utiliza em construções transitivas normais como em *io lavo la macchina* (eu lavo o carro), pode ser utilizado também em construções reflexivas, como em *mi lavo le mani*. Neste caso, o pronome tem a função de especificar e esclarecer a quem o sujeito agente está dedicando sua ação, neste caso, a uma parte do corpo dele mesmo, embora possa ser dirigida também a outra entidade do mundo, como no caso da frase *ti lavo le mani* (lavo as tuas mãos), onde o pronome *ti* nos faz compreender que o sujeito (eu) está a lavar as mãos de outra pessoa (você). Em (5), portanto, não é o agente que sofre a ação, embora beneficie dela, uma vez que a ação é realizada sobre uma parte do corpo dele.³

O que parece evidente é que em português o uso do pronome nesse tipo de construção não é previsto, contrariamente ao italiano, onde podemos escolher se utilizar uma forma pronominal ou não. De fato, é possível optar simplesmente por uma sentença com uma estrutura mais básica como SUJEITO + VERBO + OBJETO, como em *(io) lavo le tue mani*. No entanto, essa estrutura não é utilizada pela maioria dos falantes e o seu uso é mais comum por pessoas que estão aprendendo o italiano como língua estrangeira, aplicando este tipo de construção de maneira esquemática e automática para a maioria das frases com verbos transitivos.

A categoria dos verbos intransitivos pronominais parece ser correspondente à voz média em português. No entanto, no italiano, o papel dos clíticos reflexivos é muito mais relevante do que em português, pois omitir o clítico resultará na omissão de uma

³ Fonte: [https://www.treccani.it/enciclopedia/verbi-riflessivi_\(La-grammatica-italiana\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/verbi-riflessivi_(La-grammatica-italiana)/). Acesso em: 19 fev. 2024.

parte fundamental da construção, sem a qual a frase perderá seu sentido original. As construções com verbos intransitivos pronominais compartilham a mesma estrutura das construções reflexivas prototípicas. No entanto, ao analisar a classe de verbos requerida, é possível observar que se trata de verbos transitivos que, com a ajuda do pronome reflexivo, tornam-se intransitivos. Alguns exemplos podem ser *abbandonare*, *alzare*, *decidere*, que, com a adição do clítico, perdem a transitividade. Portanto, ao adicionar a partícula, o significado da frase será alterado.

6. *Un padrone che **abbandona** un cane non può essere definito tale.* (Um dono que abandona um cachorro não pode ser definido como tal.)
7. *A volte non si può fare altro che **abbandonarsi** al destino.* (Às vezes, não se pode fazer outra coisa senão se entregar ao destino.)

Em (6), o verbo *abbandonare* requer uma estrutura ativa e transitiva, onde o sujeito, um dono (*padrone*), realiza a ação de abandonar algo ou alguém, neste caso, um cachorro (*cane*). Em (7), temos um caso diferente onde a partícula pronominal *si* faz com que o verbo *abbandonare* tenha um sentido diferente, de se render sem resistência. Neste caso específico, o verbo torna-se intransitivo, não requerendo um objeto para a frase funcionar.

○ mesmo acontece com *alzare* e *decidere*:

8. *L'alunno **alza** la mano per rispondere alla domanda* (○ aluno levanta a mão para responder à pergunta) → verbo transitivo
9. ***Alzarsi** presto la mattina è difficile* (Levantar-se cedo de manhã é difícil) → verbo intransitivo
10. *Non ho ancora **deciso** quale macchina comprare* (Ainda não decidi que carro comprar) → verbo transitivo
11. *Mario **si è deciso**: vuole andare a vivere in Spagna* (○ Mário já se decidiu: quer ir viver para Espanha) → verbo intransitivo

○ que difere no italiano são todos os casos nos quais a partícula reflexiva se apresenta em contextos inesperados e de modo particular na fala coloquial, os quais não encontram uma correspondência semântico-pragmática na língua portuguesa. Há alguns casos, de fato, nos quais no italiano a marca de reflexividade é utilizada de modo inesperado, incomum para a gramática normativa da língua. Nestes casos, porém, não se trata de voz reflexiva, mas de uma característica peculiar da língua falada, que, como

sabemos, toma forma com base nas experiências dos falantes no mundo. Ao normalizar um uso, embora impróprio, este começa a ser aceito na comunidade e eventualmente passa de ser considerado um erro gramatical grave a uma simples maneira mais coloquial de falar. Existem alguns exemplos no italiano nos quais um erro se tornou uma forma mais aceita, como *a me mi piace*: *me* e *mi* usados juntos são redundantes, portanto, seria mais correto dizer *a me piace* ou, alternativamente, *mi piace*. Outras vezes, algumas palavras totalmente inventadas começam a ser tão utilizadas pelos falantes, como no caso de *petaloso*⁴, que podem entrar no léxico da língua.

Análise do corpus: a marca pronominal reflexiva em contextos não esperados

Conforme observado anteriormente, verifica-se uma tendência na língua italiana em preservar o emprego do pronome reflexivo tanto quanto possível, ao contrário do português, onde existem diversos casos nos quais o clítico reflexivo pode ser omitido, principalmente em contextos relacionados à voz média. O *corpus* que será analisado é composto por mensagens escritas e publicadas por alguns utilizadores na rede social Facebook, recolhidas com o objetivo de analisar casos específicos de utilização do pronome reflexivo em italiano em contextos atípicos, ou seja, em situações nas quais o verbo ao qual está ligado não tem função de reflexividade. O papel das redes sociais, no que concerne à língua e à disseminação de formas particulares de uso, especialmente em um período de máxima informatização como o atual, revela-se fundamental na difusão de novas palavras, expressões idiomáticas ou construções linguísticas específicas. Considerando que a Internet não é mais do que uma imensa rede de utilizadores interligados, não é difícil imaginar que certas particularidades linguísticas de uma área geográfica específica se espalhem e se integrem no vocabulário de pessoas pertencentes a uma área geográfico-linguística diferente. Pela mesma razão, efetivamente, podem-se formar grupos de discussão na Internet, os quais têm o potencial de originar idioletos, isto é, um tipo de linguagem compartilhada pelos membros de um grupo de falantes. Na nossa análise, no entanto, parece emergir que este tipo de utilização inesperada e redundante de pronomes reflexivos existia muito antes do advento da Internet.

⁴ Palavra inventada por uma criança de 8 anos na escola, quando lhe foi pedido para descrever uma flor. O menino utilizou o termo “petaloso”, formado pela palavra “petalo” (pétala) + o sufixo adjetival “oso”. A Accademia Della Crusca respondeu à professora do menino que pediu uma avaliação, e confirmou que a palavra foi corretamente formada e tem o potencial para entrar no dicionário oficial da língua, à condição de ser utilizada por um grande número de falantes. Fonte: <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2016/02/menino-de-8-anos-inventa-nova-palavra-no-idioma-italiano.html>. Acesso em: 20 fev. 2024.

As frases que serão tomadas como exemplo demonstram como, em italiano, os pronomes reflexivos (*mi, ti, ci, si, vi*) desempenham uma função especial que não está relacionada à reflexividade do verbo. A ação, de fato, é realizada pelo sujeito, mas não refletida, sendo o pronome utilizado para destacar quem realiza a ação e quem dela se beneficia. Esse uso enfático do clítico reflexivo é bastante comum no italiano falado, contudo, não se reflete no italiano escrito formal.

12. *Adesso sgranocchio qualcosa e **mi vedo** un bel film.* (Agora vou comer alguma coisa e ver um bom filme)

13. *Faccio una pausa, **mi fumo** una sigaretta e torno a lavorare.* (Faço uma pausa, fumo um cigarro e volto ao trabalho)

O que se observa é que, em (12) e (13), a partícula *mi* não desempenha uma função reflexiva; no entanto, serve para que o sujeito enfatize a informação que considera mais importante, ou seja, quem efetivamente executa a ação. Geralmente, esse tipo de construção é utilizado quando se deseja expressar qualquer ação que proporcione prazer ao sujeito que a realiza, como assistir a um bom filme ou fumar um cigarro. Por vezes, parece que o sujeito está implicitamente sublinhando o fato de estar proporcionando a si próprio um prazer merecido. De fato, não é por acaso que uma frase como a exemplificada em (12) é comum num contexto em que o sujeito, após um dia cansativo, se permite um momento de relaxamento ao chegar a uma situação de paz e sossego.

14. *Enrico **si mangia** una mela.* (Enrico come uma maçã.)

Também no exemplo (14), o verbo *mangiare* é utilizado com a partícula reflexiva para enfatizar a ação realizada pelo sujeito. No entanto, mais do que uma concessão que o sujeito faz a si próprio, trata-se de uma construção bastante comum quando se deseja manifestar a intenção de consumir um alimento ou beber uma bebida, como, por exemplo, *mi bevo una birra* (bebo uma cerveja).

15. *Con la moto **ti giri** mezzo mondo.* (Com a moto dá-se meia volta ao mundo)

No exemplo (15) observamos algumas particularidades em relação aos exemplos anteriores. A partícula *ti* não se refere a um sujeito específico, neste caso, *tu*, ou seja, o interlocutor ao qual o locutor dirige a frase, mas abrange um grupo mais amplo de destinatários. De fato, é expressa de forma geral para dar a entender que, graças à moto, qualquer pessoa que a possua pode viajar pelo mundo. O verbo *girarsi* na sua forma pronominal, no entanto, não é comumente usado no italiano padrão nesse contexto, sendo empregado como sinônimo do verbo *voltarsi* (dar a volta).

Seguem outros exemplos semelhantes recolhidos:

16. Adesso **mi farò** una passeggiata. (Agora vou dar um passeio)

17. Ma che **ti prende?** (O que se passa contigo?)

18. Di che colore **mi pitturo** la stanza? (De que cor pinto o meu quarto?)

19. E niente! **Ti sei dimagrito**. Ti rimetti i pantaloni che non ti mettevi da sei anni...
(E nada! Perdeste peso. Vestiste as calças que não usavas há seis anos....)

Em todos os casos acima mencionados e aqueles que discutiremos a seguir, a partícula pronominal não é necessária para a compreensão do enunciado. De fato, uma frase como *Enrico si mangia una mela* pode ser transformada, no italiano padrão, em *Enrico mangia una mela*. Este fenômeno, no entanto, parece remontar aos tempos do latim clássico, quando era utilizado o chamado “reflexivo pleonástico”, como afirmado pela Accademia della Crusca.⁵ O termo pleonástico, de fato, se refere a algo supérfluo que pode ser omitido, cuja presença não é essencial. O pronome reflexivo não possui, de fato, um valor gramatical, sendo simplesmente uma forma aceita na linguagem falada e informal. Podemos encontrar um exemplo de reflexivo pleonástico até mesmo entre os versos do Purgatório de Dante Alighieri:

20. [...] o anima lombarda, Come **ti stavi** altera e disdegnosa [...] (Dante, *Purgatorio*, canto VI, v. 62).

Uso na fala centro-meridional

Os exemplos vistos até agora se caracterizam, sim, por uma linguagem informal, mas não deixam de ser expressões típicas da linguagem oral comum em mais ou menos toda a península. Por vezes, porém, a influência dos dialetos, sobretudo do centro-sul, torna ainda mais frequente este uso pleonástico dos pronomes. Podemos observar um caso particular em que há uma forte influência do dialeto apuliano, mais especificamente o da cidade de Taranto:

21. Più guardo Mistero e più **mi prendo paura** di andare in cucina da sola al buio. (Quanto mais vejo Mistero, mais tenho medo de ir para a cozinha sozinha no escuro)

⁵ Fonte: <https://accademiadellacrusca.it/it/consulenza/mangiarsi-una-pizza-fumarsi-una-sigaretta-ascoltarsi-una-canzone/1123#:~:text=Nell'italiano%2C%20la%20funzione%20%22,accorgersi%2C%20ricordarsi%2C%20adirarsi>. Acesso em: 21 fev. 2024.

No exemplo (21), o utilizador refere-se à “Mistero” (mistério), um programa de televisão italiana transmitido entre 2009 e 2016. O verbo *prendere* é bastante produtivo na língua italiana, mas o uso com o clítico reflexivo nesta construção é típico do dialeto de Taranto e também em outras áreas da Puglia. Essa influência, ou, em certo sentido, “intrusão” do dialeto na língua italiana, faz com que muitos falantes com um nível de escolaridade inferior utilizem essa estrutura erroneamente, mesmo quando tentam falar um italiano correto. A forma correta não implica a utilização do pronome *mi* nem do verbo *prendere* (traduzível literalmente com *apanhar, tomar*) mas sim do verbo auxiliar *avere*, resultando em *ho paura* (tenho medo).

Também podemos encontrar casos de uso inadequado do clítico reflexivo nos dialetos da Campânia e do Lácio, como evidenciado nos exemplos a seguir.

22. e poi **ti andavi** a lanciare ngopp o liett con This Love dei Pantera di sottofondo.
(e depois atirava-se na cama com This Love dos Pantera em fundo)

Em (22) temos um utilizador que mescla italiano e dialeto napolitano; de fato, *ngopp o liett* é a tradução dialetal de *sul letto* (na cama). O que se destaca é a formação do verbo *andarsi* combinado com a preposição *a* e o verbo conjugado na forma infinitiva. Mais uma vez, estamos diante de um caso de redundância, uma vez que teria sido suficiente dizer *ti lanciavi sul letto* sem sequer ser necessário acrescentar o verbo *andare* no enunciado. O efeito que o locutor quer dar, ou seja, enfatizar e colocar em evidência a ação que está a ser realizada, é perfeitamente concretizado por estas construções dialetais particulares, resultando num efeito que pode ser irônico, dramático ou até agressivo, de acordo com o contexto da comunicação.

23. Ma che **te ridi?** (De que se está a rir?)

Em (23) temos um enunciado que é muito comum na fala do Lácio. Neste caso, o uso do clítico *ti* (que em dialeto romano se torna *te*) poderia ter sido evitado, no entanto, *ma che ti ridi* acaba por ser uma construção comum usada em discussões informais em que o rir de alguém é considerado inapropriado. Os tons de significado são diferentes porque, mais uma vez, esta construção pode ser utilizada num contexto de brincadeira e amizade, mas também num contexto mais sério e ameaçador em que o locutor fala com cólera. A forma no italiano correto seria *perché ridi?* É diferente em português, onde o verbo *rir* é acompanhado pela partícula *se*, sendo um pronome de realce,⁶ ou seja, um pronome que acompanha verbos intransitivos que exprimem ações corporais como *ir, partir, passar, sorrir*, etc.

⁶ Fonte: <https://gramaticaonline.com.br/gramatica/pronome-expletivo-ou-pronome-de-realce/>. Acesso em: 22 fev. 2024.

Motivações

Existem várias formas de dar ênfase durante o discurso, como a velocidade do enunciado, o volume e, por conseguinte, o tom de voz utilizado, a repetição de palavras ou frases específicas, o emprego de determinadas expressões faciais ou pausas, a fim de obter o efeito desejado e transmitir uma mensagem ao destinatário tão fiel quanto possível às intenções e ao estado emocional do orador, mas também para suscitar uma determinada reação do interlocutor. No caso do italiano, o clítico reflexivo é também utilizado em conjunto com verbos e estruturas gramaticais que não o exigem, com o objetivo principal de se colocar em evidência.

A motivação interna para que isso ocorra envolve o fato de que a língua italiana é uma língua “pro-drop plena”, ou seja, uma língua de sujeito nulo, e o foco de quem fala ou para quem se fala é feito com um pronome prototipicamente representante do objetivo, um pronome objeto. Ou seja, o falante tem tão fortemente internalizado que a marca do sujeito não pode não aparecer, que utiliza um pronome objeto em função intersubjetiva. O sujeito, para colocar luz sobre si mesmo ou sobre o seu interlocutor, recorre ao pronome objeto e com isso não altera o padrão pro-drop a serviço da interação.

Em português, particularmente na fala goiana, o pronome é cada vez mais omitido, mesmo nos casos de voz reflexiva. Esse estudo foi realizado por Barros (2016), que se propôs a esclarecer essa característica da fala goiana, ou seja, as razões e os casos em que a chamada VRNM (voz reflexiva não marcada) ocorra. No caso da voz reflexiva prototípica, estamos a considerar uma VRM (voz reflexiva marcada). A necessidade do uso do pronome está no alto grau de transitividade da oratória. Segundo Barros, o português está em fase de transformação formal e funcional no que diz respeito ao uso dos pronomes reflexivos. A principal razão para este fenômeno está, sobretudo, relacionada com a forma como o falante vê o mundo, como interioriza e percepção os acontecimentos. Ao omitir o pronome, o falante goiano coloca o foco não tanto no sujeito, como acontece no italiano, mas na experiência em si. Isso pode ser visto em frases nas quais há verbos tipicamente reflexivos, como no exemplo a seguir:

24. [...] ela escondeu atrás de uma pia [...] (*G1 Notícias*, 7/05/2018)

A ação de se esconder tem um ponto de partida e um ponto de chegada que correspondem ao sujeito da frase, ou seja, *ela*. No contexto desta frase, está implícito que o sujeito está a realizar uma ação a favor de si próprio. Portanto, para o falante goiano, a presença do clítico não é essencial, tornando essa oração, embora seja uma forma reflexiva clássica, mais próxima de uma voz média, assim como ocorre com verbos médios como *morrer* ou *nascer*, por exemplo.

Conclusões e considerações finais

O objetivo desta pesquisa é, desde o início, lançar luz sobre o uso dos pronomes reflexivos na língua italiana. Através dos exemplos recolhidos, foi possível verificar como, no estilo coloquial, tanto falado como escrito, os pronomes reflexivos continuam sempre a ser de importância fundamental para a redação de certas orações. Como sabemos, a língua escrita admite muito menos erros do que a língua falada, uma vez que estes estão impressos à nossa frente e é impossível ignorá-los. No entanto, no caso do italiano, os pronomes reflexivos pleonásticos também são utilizados na escrita em situações semelhantes às do nosso caso de estudo, como posts em redes sociais ou mesmo mensagens entre amigos, embora se trate ainda de linguagem informal. Na linguagem correta e formal, isso não acontece.

O que surge, fazendo uma comparação com os mesmos casos de voz em português, é como estas duas línguas, embora semelhantes em vários aspectos, estão a caminhar numa direção diferente, sendo que o italiano é muito mais conservador quanto aos clíticos reflexivos do que o português onde, como vimos, temos a eliminação de pronomes nos casos em que o falante não os considera necessários para a compreensão da informação. O que está na base desta diferença é precisamente a forma como cada um de nós vê o mundo. A língua, de fato, se forma e transforma com base nas necessidades comunicativas dos falantes, sendo a pragmática, portanto, quem comanda, ou seja, regras e princípios que orientam o uso prático da linguagem no contexto da comunicação real, ultrapassando a estrutura gramatical e o significado literal das palavras.

Além disso, observa-se que os verbos mais produtivos em italiano nesse contexto de uso impróprio do clítico parecem ser *prendere* e *fare*, verbos que são, por si só, muito versáteis e que oferecem a possibilidade de formar uma ampla gama de construções e significados em múltiplos contextos.

Além disso, é muito frequente o uso das três pessoas do singular, sobretudo da primeira, por oposição às três pessoas do plural. O uso excessivamente recorrente da primeira pessoa do singular confirma a necessidade do emprego atípico de pronomes reflexivos para posicionar o sujeito, ou seja, o próprio falante, e a ação que ele está realizando no centro das atenções.

Referências bibliográficas

BARROS, D. M. *Um estudo pancrônico da voz reflexiva em perspectiva construcional*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2016.

BARROS, D. M., CASSEB-GALVÃO, V. C. *A transitividade na reconfiguração da voz reflexiva na fala goiana*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.

BELLINA M. *Mangiarsi una pizza, fumarsi una sigarro, ascoltarsi una canzone*, Accademia della Crusca, 23/06/2016. Disponível em: <https://accademiadellacrusca.it/it/consulenza/mangiarsi-una-pizza-fumarsi-una-sigaretta-ascoltarsi-una-canzone/1123>. Acesso em: 21 fev. 2024.

BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASSEB-GALVÃO, V. C.; BARROS, D. M.; BERTOQUE, L. A. *Construções de voz no Português Brasileiro*. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

MASINI, F. *Grammatica delle Costruzioni*. Roma: Carocci editore, 2016.

Sitiografia

LA GRAMMÁTICA ITALIANA.IT. (s.d.). *VERBI INTRANSITIVI PRONOMINALI*. Obtido em 5 de março de 2024, de LAGRAMMATICAITALIANA.IT: <https://www.lagrammaticaitaliana.it/it/corsi/1/grammatica/lezioni/30/verbi-riflessivi-pronominali>

SABATINI, F. (s.d.). *I verbi pronominali e la diàtesi media*. Obtido em 5 de Março de 2024, de Vivit | Vivi l'italiano: <https://www.viv-it.org/schede/verbi-pronominali-e-di%C3%A0tesi-media>

SETTI, R. (4 de março de 2005). *Verbi riflessivi e reciproci*. Obtido em 5 de março de 2024, de Accademia della Crusca: <https://accademiadellacrusca.it/it/consulenza/verbi-riflessivi-e-reciproci/150>

TORCHIA, M. C. (25 de fevereiro de 2016). *La parola "petaloso" ha possibilità di entrare nei vocabolari?* Obtido em 5 de março de 2024, de Accademia della Crusca: <https://accademiadellacrusca.it/it/contenuti/la-parola-petaloso-ha-possibilita-di-entrare-nei-vocabolari/6376>

TRECCANI. (2012). *RIFLESSIVI, VERBI*. Obtido em 5 de março de 2024, de TRECCANI: [https://www.treccani.it/enciclopedia/verbi-riflessivi_\(La-grammatica-italiana\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/verbi-riflessivi_(La-grammatica-italiana)/)

ZANICHELLI. (28 de janeiro de 2010). *Intercultura Blog - I VERBI RIFLESSIVI E PRONOMINALI*. Obtido em 5 de março de 2024, de Zanichelli: <https://aulalingue.scuola.zanichelli.it/benvenuti/2010/01/28/i-verbi-riflessivi/>.

A VOZ IMPESSOAL NO GÊNERO ENTREVISTAS NA LÍNGUA ITALIANA

Michela Santoro

Vânia Cristina Casseb-Galvão

O objetivo deste capítulo é a análise da voz impessoal em usos da língua italiana no contexto do discurso jornalístico, com base no *corpus* de 50 entrevistas escritas, “O italiano contemporâneo - entrevistas” (2021), idealizado por Casseb-Galvão e organizado por Pantaléo. Trataremos da sua configuração morfossintática e semântica, da sua organização discursiva e enunciativa. Além disso, fazemos um paralelo do uso desse subesquema de voz na língua italiana e no português brasileiro.

A configuração morfossintática e semântica da voz impessoal

Em primeiro lugar, vamos analisar as principais características morfossintáticas e semânticas da voz impessoal.

Segundo Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), a voz impessoal, como subesquema de voz, opera na estruturação oracional através da transitividade, promovendo a atualização dos macroesquemas de atividade e impessoalidade. Ao cumprir essa função descritiva de eventos e discursivo-enunciativa, ressalta-se a ação em si mesma, sem referência explícita ao agente.

No português brasileiro (PB), a impessoalidade é gradual e pode ser identificada através de verbos impessoais como “ter”, “haver”, “ser”, “fazer” ou construções evidenciais como “dizem que”, “parece que”. Na impessoalidade há geralmente uma

supressão de um elemento linguístico, mas nem sempre é o caso. Na construção da voz impessoal, o argumento em função sujeito é selecionado pelo verbo, mas não é sempre expresso na oração, independentemente da sua função semântica (agente, força, experienciador etc.). O pronome clítico *se* não se refere ao sujeito, mas contribui para a expressão de impessoalidade. A ausência de marcação junto com o pronome estabelece uma referência genérica.

Tal como no PB, a expressão de voz impessoal na língua italiana pode ocorrer tanto na forma clítica quanto na não clítica. Vamos exemplificar alguns casos:

1. *Si è creato un vero e proprio scontro tra istituzioni.* (Criou-se um verdadeiro embate entre instituições.)
2. *Addirittura qualcuno ha cercato di ipotizzare che questa agenda non fosse mai esistita, offendendo tutti i familiari di Paolo: ho in testa costantemente l'immagine di quella borsa che conteneva l'agenda rossa e che mio fratello aveva sempre con sé.* (Até mesmo alguém tentou supor que essa agenda nunca tinha existido, ofendendo toda a família de Paolo: Tenho na minha cabeça constantemente a imagem daquela bolsa que continha a agenda vermelha e que meu irmão sempre teve com ele.)

O exemplo (1) é da forma impessoal clítica (*si*), o (2) é da forma não clítica. Em ambas, o sujeito é não especificado, é genérico e indefinido (*qualcuno*, em dois). Nestes exemplos, o sujeito da frase não é especificado e o verbo está na terceira pessoa do singular (*Si è* e *ha cercato*), indicando uma ação genérica, sem atribuição de agentividade a um sujeito específico.

Na análise da voz impessoal na língua italiana, consideramos a organização da transitividade, a constituição do estado de coisas que ela instancia, a sua contribuição para a os planos discursivos de figura e fundo e para a constituição enunciativa do texto.

A Organização da transitividade e a representação dos Estados de Coisas:

Quanto à organização da transitividade, a voz impessoal pode ocorrer no contexto de uma oração transitiva direta, indireta, como no exemplo a seguir, ou intransitiva, como se verá mais adiante:

3. *Si è creato un vero e proprio scontro tra istituzioni.* (Criou-se um verdadeiro embate entre instituições.)

A oração em (3) é organizada a partir de uma perífrase verbal (*si è creato*) cujo núcleo é o verbo “criar” na forma participial, representando um estado de coisas [+ dinâmico] e [- controle], um evento do tipo processo, antecedida do clítico *si*, que constitui um predicado triargumental. Quanto aos papéis semânticos dos argumentos, tem-se:

- A. Agente: o argumento 1 diz respeito a quem realizou o processo de criação do embate, que não é especificado, ratificando-se a função da voz impessoal, que sugere o foco na ação em *si*, e não na identificação de quem ela parte.
- B. Objeto criado: é o papel semântico do argumento 2, o ponto de chegada do processo no caso, é o produto da criação.
- C. Beneficiário: um beneficiário genérico, explícito no processo, as partes interessadas ou instituições envolvidas no embate, que podem se beneficiar ou serem afetadas por ele.

Nessa ocorrência, a voz impessoal confirma sua vocação de serviço à organização pragmática, integrando uma sequência argumentativa que coloca em relevo os embates, trata os envolvidos nesse processo de maneira não genérica, não pessoal (*instituições*), sem comprometer o enunciador com o valor de verdade da informação enunciada.

Construção intransitiva:

Em sua configuração intransitiva, a voz impessoal pode estar na base da representação de um estado de coisas que é uma verdade geral, como o crescimento resultado da velhice, como se vê a seguir:

4. *Si avanza solo per anzianità.* (Avança-se apenas por velhice.)

Quanto à sua organização semântica, a estruturação da oração intransitiva prevê um único argumento, experienciador, genérico, não referencial, e a predicação se organiza a partir de um verbo de processo mental, como *avanzar*, no sentido de *crescer em termos de ganhar experiência*.

Do ponto de vista semântico, a voz impessoal destaca o estado de coisas e não as entidades nele envolvidas. Isso cria uma impressão de generalidade e impessoalidade na mensagem, mostrando a alta funcionalidade desse tipo de estrutura para a produção de diversos efeitos de sentido, por isso, a voz impessoal muitas vezes é usada em textos

técnicos, instruções, relatórios científicos e em situações em que se deseja enfatizar a ação ou processo descrito em detrimento do agente ou do experienciador.

Orações impessoais são recorrentes na introdução de verdades gerais e verdades absolutas, especialmente aquelas frequentemente introduzidas por expressões formulaicas representativas de estados mentais, auxiliares da organização discursiva, pois ajudam na organização argumentativa, como, *si tratta, si rischia, si considera*, etc.

As ocorrências (5) e (6) exemplificam o uso da voz impessoal para introduzir verdades absolutas ou argumentos lógicos:

5. *Si tratta di un'impressionante botta di buona sorte.* (Trata-se de uma impressionante dose de boa sorte.)
6. *Si rischia di creare delle generalizzazioni astratte.* (Corre-se o risco de criar generalizações abstratas.)

A voz impessoal e a configuração dos planos de figura e de fundo

Antes de analisar a voz impessoal em relação ao plano de figura e de fundo, é fundamental analisar os conceitos de figura e fundo.

A noção de alinhamento assimétrico Figura/Fundo, popularizada pela psicologia gestaltista e introduzida na Linguística Cognitiva por Talmy (1978) e Langacker (1987), tem um grande impacto nos estudos da linguagem. Ela se aplica tanto ao significado de palavras individuais quanto à estruturação de construções gramaticais, onde o significado de um *item* lexical se relaciona com uma subestrutura dentro de uma estrutura mais ampla, orações e textos. No contexto da teoria da Gestalt, a dinâmica de formação de figura e fundo é essencial, uma vez que são interdependentes para dar suporte aos enunciados comunicativos. De igual maneira, nos estudos de orientação funcionalista, essa noção é reconhecida básica para se compreender a organização discursiva. A ideia é que o texto configure um quadro, uma paisagem na qual se distinguem elementos mais centrais e elementos mais periféricos à constituição da cena discursiva, daquilo que se quer representar linguisticamente.

O tratar da organização funcional do texto, Furtado da Cunha, Costa & Cezario (2003, p. 39) explicam essa noção nos seguintes termos:

- SUJEITO:

Figura primária da cena discursiva, o elemento que interessa transmitir. Essa definição implica que toda oração é uma foto do sujeito.

Os “melhores sujeitos” (sujeitos prototípicos) são os agentes, que também são temas e que concordam com o verbo. Keenan (1976) apresenta uma definição de sujeito prototípico segundo as seguintes propriedades.

- A. Propriedades de codificação: o sujeito está em caso não marcado (posição mais ou menos fixa); se há um único sintagma nominal que induza à concordância, ele será o sujeito; etc);
- B. Propriedades de comportamento: nas orações coordenadas, somente o sujeito pode ser suprimido (*João trabalha pela manhã e descansa à tarde*);
- C. Propriedades semânticas: o sujeito designa uma entidade independente do processo verbal, mas nele intervém diretamente.

Em consequência, os “piores sujeitos” (não prototípicos) são aqueles não temáticos (*saiu o sol*); aqueles que são agentes, mas não concordam com o verbo, como em *A Maria eu a ouço gritando daqui*; os não agentivos (*Meu primo está dormindo*). Aqui também podemos encaixar os sujeitos implícitos, não realizados.

Garcia (1996) atribui essas especificidades do sujeito à natureza perceptiva da cena oracional: o sujeito é a FIGURA, o predicado é a fronteira e os objetos são o fundo. A natureza perceptiva tão particular da figura em relação à fronteira explica a prescindibilidade e a necessidade do sujeito. *Ontem chegamos tarde ao cinema* (Sujeito lexical optativo, somente sujeito gramatical); *Ontem meus primos e eu chegamos tarde ao cinema* (sujeito lexical e sujeito gramatical).

- OBJETO DIRETO E OBJETO INDIRETO:

Os complementos com a função sintática de objeto direto ou objeto indireto constituem o fundo primário da cena. Opostos ao sujeito: recebem menos iluminação, iluminação menos marcada; não estão em primeiro plano, ocupam posições laterais, posições remáticas e não concordam com o verbo, como em *Susana deu caramelos às suas filhas*.

Tais análises não são categóricas, são tendências, pois em caso de alteração da cena discursiva e de conversão do objeto direto original em sujeito, é obrigatória a alteração da concordância e necessária uma formulação passiva.

As noções de figura e fundo são muito importantes para se compreender a perspectiva do falante e a funcionalidade da voz, que pode ser entendida em termos de como a informação é estruturada e organizada na linguagem. No caso da voz impessoal, por exemplo, o esquema gestáltico prototípico é alterado: o foco principal é na ação ou no evento em si, que passa a ser a *figura*, enquanto o agente que realiza a ação está em uma posição de *fundo*, é deixado em segundo plano, como se vê no exemplo a seguir:

7. *Si è rinunciato ad un'idea che valga per tutti.* (Abandonou-se a ideia de que valesse para todos.)

A análise da codificação de figura e fundo na voz impessoal em (7), mostra a construção *si è rinunciato ad* como a figura principal, ou seja, o foco da atenção na frase, representando a ação mental de abandonar uma ideia. Por outro lado, *un'idea che valga per tutti* funciona como fronteira, fornecendo o contexto ou a informação relevante para a informação.

Nesse contexto de uso da língua, interessa informar o que aconteceu e não com quem, ou ainda, não se pode ou não se quer informar o agente. Assim, a codificação de figura e fundo destaca o abandono da ideia como o elemento principal da frase, enquanto a ideia em si serve como informação constituinte da fronteira, não chegando a ser fundo.

A voz impessoal na constituição enunciativa do texto

A voz impessoal desempenha um papel significativo na constituição enunciativa do texto, envolvendo os papéis do *locutor* (quem emite a mensagem) e do *interlocutor* (quem recebe a mensagem). Vamos explorar como a voz impessoal se relaciona com esses elementos:

Locutor e interlocutor na voz impessoal:

O locutor é aquele que emite a mensagem, ou seja, quem está falando ou escrevendo. Na voz impessoal, o locutor geralmente opta por não se colocar como

o agente da ação, resultando em um efeito de neutralidade e objetividade na comunicação.

O interlocutor é aquele que recebe a mensagem, ou seja, quem está ouvindo, lendo ou recebendo a comunicação. Na voz impessoal, o interlocutor pode interpretar a mensagem de forma mais impessoal, sem atribuir a ação a um agente específico. Isso produz uma certa modulação no discurso, permitindo que a informação circule, que o enunciador se posicione diante dos fatos representados, sem se comprometer, como se observa na ocorrência a seguir:

8. *Quando Scarantino iniziò a collaborare, si percepiva chiaramente che era una figura ambigua, paradossale.* (Quando Scarantino começou a colaborar, percebia-se claramente que era uma figura ambígua, paradoxal.)

Na ocorrência 8, o enunciador se coloca como não pessoa, 3ª pessoa singular, sem, no entanto, deixar de marcar sua opinião, o que se releva o uso de *chiaramente* incidindo sobre *si percepiva* e na informação completa sobre o tema da oração, *Scarantino*.

Objetividade e neutralidade:

A voz impessoal é frequentemente usada para dar um efeito de objetividade e descomprometimento com o conteúdo enunciado. Seu uso pode ajudar a evitar mal entendidos e/ou efeito de impressões subjetivas, sem qualquer valor de credibilidade.

Pragmaticamente, é um importante recurso para transmitir as intenções informacionais do enunciador, sem causar qualquer embaraço ou rumor interacional, uma vez que não se tem um sujeito individualizado, conhecido, definido etc.

9. *Si stanno commettendo molti errori e molti svarioni.* (Estão sendo cometidos muitos erros e muitos equívocos.)

O enunciado anterior integra um conjunto de argumentos a respeito de uma situação social e politicamente delicada. O uso da voz impessoal, indicando um sujeito plural, genérico, não identificável, dá uma certa liberdade e segurança ao enunciador, que transmite sua opinião, atribui a culpa dos erros a alguém, mas se esquivava de eventuais responsabilidades interacionais e, até mesmo, jurídicas.

Construção de distância:

A voz impessoal pode criar uma certa distância entre o locutor e o conteúdo da mensagem, uma vez que o foco está na ação em si e não na pessoa que a realiza. Isso pode ser útil em contextos formais, técnicos ou acadêmicos, onde a objetividade e a imparcialidade são valorizadas, como se observa nas ocorrências a seguir:

10. *Si penalizzano i precari più meritevoli e preparati.* (São penalizados os trabalhadores temporários mais capacitados e preparados.)

11. *Non si capisce perché il governo li abbia esclusi dalla graduatorie ad esaurimento.* (Não se entende por que o governo os excluiu das listas de esgotamento.)

A voz impessoal pode ocorrer no contexto de um enunciado afirmativo ou negativo. Em ambos os casos, essa estratégia constrói a distância necessária para que o enunciador manifeste sua opinião, realçando a mensagem. Ambas as ocorrências são portadoras de temas polêmicos.

O uso de *Si penalizzano* e *Non si capisce perché* de certo modo revela que os fatos enunciados são de responsabilidade de alguém.

Ampliação do alcance da mensagem:

Ao utilizar a voz impessoal, o locutor pode ampliar o alcance da mensagem, tornando-a mais abrangente e aplicável a uma variedade de situações ou contextos. Isso ocorre devido ao efeito de generalização.

12. *Da quando si è insediato Renzi, si parla di riforme.* (Desde que Renzi assumiu o cargo, fala-se de reformas.)

13. *Sembrava si fosse di fronte a una rivoluzione culturale.* (Parecia que se estava diante de uma revolução cultural)

O uso de palavras como *riforme* e *rivoluzione* sugere que o enunciador se coloca como um locutor universal, que representa a voz de muitos que compartilham da mesma opinião.

Em resumo, a voz impessoal na constituição enunciativa do texto permite ao locutor dar um efeito de objetividade, neutralidade e ampliação em relação à mensagem enunciada, criando uma distância entre ele e o conteúdo da mensagem,

descomprometendo-se com a verdade enunciada. Isso pode ser útil em diversos contextos comunicativos, especialmente naqueles onde se busca um efeito de imparcialidade e de objetividade.

Aspectos da configuração prototípica da voz impessoal no português brasileiro e na língua italiana

Feitas as análises semântica, discursiva e enunciativas da voz impessoal na língua italiana, cabe fazer um paralelo com seu uso no português brasileiro, a partir das considerações de Camacho (2000) e de Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022). Atentaremos para a sua estruturação prototípica, preferida dos falantes e para alguns aspectos funcionais.

Na língua italiana, a voz impessoal é preferencialmente formada pelo pronome reflexivo “si”, seguido do verbo na terceira pessoa do singular (como no exemplo “si percepiva”), sendo pouco provável a supressão da marca pronominal reflexiva. Essa construção é comum em italiano para expressar ações gerais ou indefinidas.

14. *Si muore per asfissia e per il disinteresse sulla ricaduta della ricerca nella vita sociale di tutti.* (Morre-se por asfixia e pela falta de interesse sobre o impacto da pesquisa na vida social de todos.)

No português brasileiro falado, a voz impessoal é construída preferencialmente pelo verbo na terceira pessoa do singular, sem a necessidade de um pronome reflexivo (15, conforme Camacho, 2000, p. 222). Nessa língua, o uso padrão da voz impessoal também é formado pelo verbo conjugado na terceira pessoa do singular ou plural, seguido ou não do pronome “se” (16). A estrutura frasal pode variar entre as línguas, mas ambas transmitem a mesma ideia de uma ação impessoal, à qual não se pode imputar uma autoria ou responsável.

15. e mistura então os frutos do mar que vêm, é polvo, mariscos, as mais variadas espécies (D2-POA-291)
então, naquele arroz mexe, quebra dois ovos aí e, e depois então comprime esse arroz num pirex (D2-POA-291)
quando aquele queijo fica todo derretido, envolvendo o camarão, aí retira os dois e serve-se (D2-POA-291)

16. *levantou-se muito o braço na assembléia para votar tantas propostas* (Camacho, 2000, p. 222)

Em resumo, ambas as línguas utilizam a voz impessoal para expressar ações gerais ou indefinidas, mas há diferenças na forma como essa construção é preferencialmente realizada em italiano e em português.

Considerações finais

Ao concluir este trabalho de análise linguística da voz impessoal no gênero das entrevistas, com um paralelo entre a língua portuguesa e a língua italiana, algumas considerações finais são essenciais.

- Variação interlinguística:

É importante reconhecer que a voz impessoal pode variar em sua configuração e uso entre as línguas. Embora ambas as línguas possam compartilhar características semelhantes na formação da voz impessoal, também podem existir diferenças significativas em termos de morfologia, sintaxe e semântica.

- Contexto cultural:

As diferenças culturais entre o Brasil e a Itália também podem influenciar o uso e a interpretação da voz impessoal nas entrevistas. Questões de cortesia, hierarquia e estilo comunicativo podem impactar a escolha e o emprego da voz impessoal em cada contexto linguístico.

- Abordagem comparativa:

Uma análise comparativa entre o português e o italiano permite uma compreensão mais ampla das semelhanças e diferenças na expressão da voz impessoal. Isso pode revelar padrões linguísticos distintos e *insights* sobre como a voz impessoal é percebida e interpretada pelos falantes nativos de cada língua.

- Importância do gênero textual:

O gênero entrevistas oferece um contexto rico para explorar o uso da voz impessoal, pois envolve interações comunicativas específicas entre entrevistador e entrevistado, e geralmente se estrutura em sequências argumentativas, envolvendo temas polêmicos. Considerar o papel desse gênero textual na configuração e interpretação da voz impessoal é fundamental para uma análise linguística sistematizada.

- Contribuições para a linguística contrastiva:

Estudos que comparam o uso da voz impessoal em diferentes línguas contribuem para o campo da linguística contrastiva, permitindo uma compreensão mais profunda da diversidade linguística e cultural. Essas análises fornecem *insights* valiosos para estudantes, pesquisadores e profissionais interessados na interação entre linguagem, cultura e sociedade.

Em resumo, um trabalho de análise linguística da voz impessoal nas entrevistas, com um paralelo entre o português brasileiro e o italiano, oferece uma oportunidade única para explorar a diversidade linguística e cultural, destacando as complexidades e nuances dessa construção gramatical em diferentes contextos linguísticos e sociais.

Referências bibliográficas

- CAMACHO, R. G. Construções passiva e impessoal: distinções funcionais, *ALFA: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 44, p. 215-233, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4206>. Acesso em: 20 out. 2024. CASSEB-GALVÃO V. C. O italiano contemporâneo - entrevistas, 2021
- CASSEB-GALVÃO, V. C.; BARROS D. M.; BERTOQUE L. A. D. P. *Construções de voz no Português Brasileiro*. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.
- CUNHA, M. A. F. da; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, M. A. F. da; OLIVEIRA, M. R. de; MARTELOTTA, M.E. (Org.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Faperj: DP&A, 2003.
- López García, Á. *Gramática del español. II. La oración simple*. Madrid: Arco Libros, 1996.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*, v. 1. Theoretical prerequisites. Stanford, Cal.: Sanford University Press, 1987.
- TALMY, L. "Figure and ground in complex sentences". In: J. Greenberg (ed.), *Universals of Human Language*, vol. 4, Stanford, Stanford University Press, p. 625-649, 1978.

RESENHAS DA OBRA DE REFERÊNCIA: RESENHA 1

Rosanna Rana

CASSEB-GALVÃO, V. C.; BARROS, D. M.; BERTOQUE, L. A. D. P. (Org.). *Construções de voz no Português Brasileiro: norma, uso e funcionalidade*. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

O livro “Construções de voz no Português Brasileiro: norma, uso e funcionalidade”, escrito pelas autoras Vânia Cristina Casseb-Galvão, Déborah Magalhães de Barros e Lennie Aryete Dias Pereira Bertoque, fecha um ciclo de estudos a respeito da voz na gramática do português brasileiro desenvolvidos no âmbito do Grupo de Estudos Funcionalistas da Linguagem (GEF), sediado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. A obra nasceu do interesse em analisar os usos da língua falada no estado de Goiás, objetivo do Projeto Fala Goiana, iniciado em 2004, que acontece em paralelo ao projeto “O português brasileiro em contexto italiano” (REDE/Itália).

A obra está dividida em seis capítulos, precedidos por uma apresentação e por uma introdução e seguidos pelas referências. Para a elaboração do presente texto, serão analisados a introdução e os capítulos de 1 a 4 do livro. A introdução salienta que, numa perspectiva funcionalista da linguagem, a percepção do ser humano acerca do mundo auxilia a representação linguística dos eventos, isso implica considerar a inter-relação de domínios semântico-cognitivos e dos diferentes níveis de constituição linguística ao analisar fenômenos gramaticais. Nesse sentido, os diferentes tipos de voz têm funcionalidades específicas e, além de se diferenciarem em termos estruturais, também expressam diferentes relações no mundo, sublinhando perspectivas diferentes.

A gramática tradicional, na qual é muito comum distinguir os tipos de voz com base em critérios meramente morfossintáticos, prevê três tipos de voz: a ativa, a passiva e a reflexiva; sem prestar atenção à voz média. O tratamento reservado à voz pela gramática tradicional é pouco esclarecedor, e alguns dos fatores que contribuem para isso incluem a falta de uma definição unívoca de voz, a centralidade da posição da forma verbal em relação ao sujeito e a equivalência entre impessoalidade e passividade.

Nos capítulos seguintes, as autoras analisam de maneira bem organizada o que é a voz, a sua rede construcional, a voz ativa, a voz passiva, o domínio da voz média e as vozes recíproca, impessoal e adjetival.

O capítulo 1, intitulado *O que é a voz?* sugere diferentes definições de voz e aborda as questões da diátese, da perspectiva, da transitividade, da detransitividade, da topicalidade e da impessoalidade.

As definições sugeridas pelas autoras são aquelas de Roberto Camacho, que individua na voz a forma do predicado verbal em relação ao argumento na função de sujeito, e de Emile Benveniste, segundo o qual a voz denota uma certa atitude do sujeito relativamente ao processo. Sendo a voz um fenômeno linguístico multifatorial, a configuração sintática não é suficiente para distinguir entre tipos de voz, porque sua organização é motivada por fatores pragmáticos de experiências cotidianas.

A diátese, que é a maneira de ser do verbo, permite organizar diferentes estruturas predicativas, apresentando as várias maneiras de o verbo se relacionar com o sujeito para responder a diferentes necessidades pragmáticas. De fato, pode ser ativa, passiva ou média. É através da diátese que podemos ver como o locutor perspectiviza o conteúdo em causa. Em outras palavras, se trata de um mecanismo que altera a própria estrutura sintática da oração e também afeta os significados. Assim, o mesmo verbo pode se relacionar com um sujeito agente ou com um paciente. Essa habilidade sublinha a importância da noção de perspectiva no discurso das construções de voz.

Linguisticamente, a perspectiva indica o ponto de vista de um indivíduo, a maneira como ele percebe o estado das coisas e como ele representa esse ponto de vista. Se trata de uma relação mental e conceptual entre o objeto representado e sua representação. Ela auxilia a organização da enunciação e combina os seus constituintes.

Estreitamente ligada com a perspectiva é a transitividade, que indica a transferência de uma atividade de um agente para um paciente. Segundo Hopper e Thompson, a gradualidade da transitividade depende de alguns fatores como o número de participantes, a cinesia, o aspecto do verbo e o afetamento do objeto.

Uma entidade pode ser mais afetada ou menos afetada, e Givón classifica os tipos de afetamento considerando que a participação da entidade resulte em objeto criado, objeto totalmente destruído, mudança física no objeto, mudança de lugar do objeto, mudança superficial, mudança interna, mudança com um instrumento implicado e mudança com modo implicado. O afetamento envolve um determinado argumento em maior ou menor grau; essa gradualidade auxilia na definição dos tipos de voz. O fato de uma mesma forma verbal descrever diferentes estados de coisas faz com que esse verbo tenha alta ou baixa transitividade.

Sendo a voz um fenômeno sintático-semântico complexo de base cognitiva, é necessária uma visão ampla do funcionamento da linguagem para compreendê-la. Também importante é a noção de detransitividade, que é uma diminuição de propriedades inerentes às construções com alta transitividade. Em outras palavras, maior é o afastamento da voz da transitividade prototípica, maior é o grau de detransitividade.

A topicalidade refere-se ao relevo dado a um argumento, o tópico, selecionado pelo predicado. A estrutura oracional básica do português brasileiro (PB), que é [sujeito + verbo + objeto] (SVO), favorece a maior recorrência da topicalização do sujeito em relação ao objeto, porque a posição do sujeito é prototipicamente pré-verbal, então tópica. Isso acontece na voz ativa, mas na voz passiva a topicalidade é estabelecida pela promoção de um argumento não agente para uma posição prototipicamente ocupada pelo agente. Em outras palavras, é do tópico que se constrói uma perspectiva. A topicalização atribui relevo informativo a um argumento. Outra maneira, muito comum no português brasileiro, é a focalização, que consiste em colocar em primeiro plano um elemento da oração. O fluxo de atenção tende a se dar da esquerda para a direita, então o foco tende a estar colocado na primeira parte da oração.

Outro aspecto correlacionado com as construções de voz é a impessoalidade, que priva o argumento agente da sua identificação. É um mecanismo que se utiliza para ocultar o referente a que o predicado diz respeito, mas isso não implica necessariamente a supressão de um elemento linguístico na oração. É comum o uso de construções evidenciais como *todo o mundo diz* ou *corre a boca pequena*, assim como o uso de pronomes pessoais em forma não equivalente à pessoa.

Em suma, todos os temas que as autoras discutiram nesse capítulo são fundamentais na conversação sobre as construções de voz e constituem um ótimo ponto de partida para uma verdadeira compreensão desse fenômeno gramatical.

O capítulo 2, intitulado *Rede construcional da voz*, investiga as variáveis para tentar de distinguir os vários tipos de voz. Essas variáveis, para ser úteis, devem ser

colocadas numa visão mais ampla de gramática, que funciona em rede e por meio de interconexões de diferentes subsistemas e níveis de organização, ou seja, os níveis pragmático, discursivo, semântico e morfossintático. Para a distinção dos tipos de voz, é preciso partir dos pressupostos seguintes:

- I. o subsistema gramatical da voz é organizado por aspectos sintáticos, semânticos e pragmático-discursivos;
- II. são necessários critérios mais ou menos fixos para classificar, distinguir, descrever e analisar os vários domínios e subdomínios da voz;
- III. a análise da voz deve prever uma inter-relação entre cognição, gramática e discurso, porque a própria gramática é motivada social e cognitivamente;
- IV. a voz não se distingue a partir do verbo, mas o seu estudo é importante porque a significação contextual do verbo é fundamental para definir a voz;
- V. a base para a configuração da voz é a relação entre o sujeito e o verbo.

Também é oportuno considerar domínios semânticos gerais, como a agentividade, a passividade, a medialidade, a impessoalidade e a estatividade, que podem ser codificados pela estrutura da voz.

Após essas considerações, as autoras introduzem uma noção que é a chave para compreender as construções de voz: a língua como rede de construções cognitivamente interligadas. As construções, que são pares de forma e função, são conectadas por meio da semântica, da sintaxe, do conhecimento coletivo ou do conhecimento individual. Assim, cada tipo de voz é um pareamento de forma e função. Seu esquema cognitivo representa um determinado domínio semântico e um macroesquema, que é acionado na organização oracional básica. Os elementos da rede construcional mantêm entre si uma relação de herança, o que faz com que uma construção motive as propriedades da outra. Isso é fundamental, porque é esse próprio mecanismo que possibilita o domínio médio.

Em outras palavras, a compreensão das construções de voz e o seu funcionamento não podem prescindir de uma visão ampla e articulada da gramática.

O capítulo 3, intitulado *A voz ativa*, analisa esse próprio tipo de voz, que é o mais comum no português brasileiro por causa da sua estrutura oracional básica, SVO. A voz ativa é uma construção que representa a relação primária entre o sujeito e o verbo, na qual o evento descrito pelo verbo é tratado como uma ação. Se trata de

um evento transitivo prototípico que possui todas as condições necessárias para um alto grau de transitividade. O seu processo de transitividade parte de três dimensões semânticas, que são o agente, o paciente e o evento, expresso pelo verbo. O agente é o iniciador e o controlador do evento, enquanto o paciente registra ou percebe uma mudança de estado. O paciente é a parte afetada da situação; os afetamentos são muito mais prototípicos quando a ação do verbo causa uma transformação no objeto, que muda de estado físico. Isso é sinal de um alto grau de transferência entre as partes envolvidas. O grau de transferência depende também da modalidade, que pode ser oral ou escrita, e do registro, que pode ser formal ou informal. Os dados demonstram que, na fala, a transferência tende a ser mais reduzida, porque há uma natural supressão dos participantes. Isso acontece porque muitas informações relativas à situação podem ser recuperadas do contexto da cultura ou da interação.

Em termos pragmáticos, a voz ativa é considerada básica por duas razões: é conforme à estrutura oracional básica do português brasileiro e representa um acontecimento no mundo de maneira clara e linear, o que a torna iconicamente mais produtiva.

A voz ativa é empregada tanto na fala, quanto nos textos escritos. Nos dados da fala, uma oração na voz ativa pode acontecer num contexto de truncamentos, supressões, e recuperações anafóricas, catafóricas e inferenciais. Além disso, é muito utilizada em títulos de notícia, constituindo mais de 50% dos casos analisados por Bertoque, e nos textos narrativos ficcionais. Na maioria dos casos, os contos apresentam uma forte iconicidade na ordenação e na apresentação temporais dos eventos. Nesse respeito, as autoras analisaram o conto “Ninho de periquitos”, do autor goiano Hugo de Carvalho Ramos. Na narratologia do conto, o autor emprega predominantemente a voz ativa para que a representação linguística dos eventos alcance verossimilhança máxima. A estrutura ativa adiciona dinamicidade às ações evocadas pelos verbos e representa a lógica dos acontecimentos de maneira linear, alcançando o efeito dramático característico desse conto.

Em suma, a voz ativa é incrivelmente produtiva no português brasileiro, e o fato dela ser perfeitamente conforme à ordem natural da estrutura oracional básica é muito interessante na análise das construções de voz.

O capítulo 4, intitulado *A voz passiva*, analisa as características e as funcionalidades da voz passiva. Antes de dar uma definição desse tipo de voz, é preciso introduzir sete generalizações, baseadas em tendências interlinguísticas, propostas por Keenan e Dryer:

- I. algumas línguas não têm passivas;
- II. se uma língua tiver passivas, uma será a passiva básica ou poderá ter apenas esse tipo;
- III. geralmente, línguas com passivas básicas têm mais de uma distinção formal da construção passiva;
- IV. se uma língua tiver passivas, terá uma que pode ser utilizada para cobrir a extensão perfectiva do significado;
- V. se uma língua tiver mais de uma passiva básica, elas serão semanticamente diferentes, porque dependem da extensão do aspecto que cobrem;
- VI. o sujeito de uma passiva é sempre entendido como afetado pela ação;
- VII. distinções de passivas numa língua podem variar de acordo com o grau de afetamento do sujeito e se é positiva ou negativamente afetado.

À luz dessas considerações, podemos definir a passiva básica uma organização oracional constituída por um sujeito afetado e um verbo auxiliar finito mais um verbo no particípio passado, seguido ou não de sintagma preposicional com o traço semântico agentivo.

Antes de continuar com a nossa análise, é fundamental distinguir a noção de “passividade” da “voz passiva”. A passividade indica uma conduta de não reação frente a determinado evento ou à determinada realidade extralinguística, enquanto a voz passiva é a representação de um estado de coisas da perspectiva do argumento afetado pelo processo verbal. Assim, o fato descrito é colocado em relevo, ao contrário do que acontece na voz ativa, na qual é o sujeito agente que ocupa uma posição de relevo. Em outras palavras, na voz passiva a função tópico é atribuída ao paciente e não ao agente.

No português brasileiro, a forma passiva mais recorrente é aquela caracterizada pela supressão do agente, um mecanismo que atribui relevo à ação e ao processo efetivado. Além disso, a supressão do verbo auxiliar é muito comum também, sobretudo nos títulos de notícia e manchetes de jornal. Bertoque, que realizou uma pesquisa pormenorizada sobre os jornais, identifica esse tipo de configuração como “passiva reduzida”.

É fundamental nos lembrar que a voz passiva não é uma simples inversão da voz ativa; se trata de uma construção motivada por fatores sintáticos, semânticos e

pragmáticos na atualização discursiva.

Outro fato a destacar para compreender de forma aprofundada a voz passiva é a sua frequente associação à voz impessoal. A voz impessoal é caracterizada pela presença do “se”, um pronome clítico conhecido como “partícula apassivadora”, que poderia nos fazer pensar numa voz passiva. Contudo, as orações impessoais não autorizam a manifestação formal de um SN agentivo.

A voz passiva é caracterizada pela sua vocação para a topicalização. Na passiva básica, há a topicalização do argumento afetado para destacá-lo. Isso não acontece na voz ativa porque, aqui, o argumento agentivo é naturalmente tópico. Além disso, é muito comum o agente ser recuperado pelo contexto comunicativo ou por outras relações. Segundo Givón, os fatores que levam a essa supressão são a presença de um agente conhecido, de um agente cataforicamente dado, de um agente genericamente predicável ou estereotípico, de um agente não específico, de um agente que não é importante no discurso e outras razões de natureza pessoal, impessoal ou social. É importante também destacar que, segundo Bertoque, a elaboração da voz passiva sem sintagma agentivo predomina na fala goiana.

A voz passiva é particularmente produtiva em constituições temáticas, informacionais e em todos os contextos nos quais o agente é desconhecido ou dispensável do ponto de vista informacional. À luz dessa consideração, as autoras analisaram um texto de natureza didática que tem como tema a história do Brasil imperial, escrito por Cláudio Fernandes para o site Brasil Escola-Uol. Nesse texto, os eventos cujos agentes são conhecidos e específicos são representados por estruturas ativas, enquanto a voz passiva foi empregada para descrever eventos de autoria desconhecida ou temas polêmicos. Nesse respeito, as estruturas passivas são particularmente funcionais em textos históricos para esconder, ou revelar, tendências ideológicas, sobretudo quando se suprime o agente.

Em resumo, a voz ativa e a voz passiva não são duas faces da mesma moeda; são estruturas separadas, que desempenham papéis diferentes para satisfazer necessidades pragmáticas completamente distintas.

RESENHA 2

Mariana Paduanelli

CASSEB-GALVÃO, V. C; BARROS, D. M; BERTOQUE, L. A. D. P. (Org.). *Construções de voz no Português Brasileiro: norma, uso e funcionalidade*. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

A presente resenha aborda os capítulos 5 e 6 da obra “Construções de voz no português brasileiro: norma, uso e funcionalidade”, organizado por Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022).

O capítulo 5, intitulado “*O domínio da voz média*”, escrito pela autora Déborah Magalhães de Barros, trata de um tipo de voz pouco distinto ou explorado, e até reconhecido, que é a voz média. Após uma breve descrição básica que define a voz média, são feitas reflexões comparando essa voz com a voz reflexiva e outras, pelo simples fato de ter semelhanças entre elas. Em seguida, os tipos mediais são diferenciados em medial reflexiva, medial recíproca e medial dinâmica, sendo que esta última considera que o processo verbal desempenha um papel fundamental no sujeito. O autor relata depois a distinção proposta por Benveniste entre voz ativa e voz medial e esclarece que a voz passiva deriva desta última.

Para tentar dar uma explicação formal para a voz média, alguns estudos centram-se na representação semântica do sujeito como o fulcro de um processo que o verbo descreve. Isso leva à conclusão de que a voz média pode ser justaposta à noção de afetamento/envolvimento.

Numa construção de voz média, o pronome reflexivo pode ou não ser argumentativo. No primeiro caso, a medialidade é constituída pela não intencionalidade do sujeito; se, por outro lado, o pronome não for argumentativo, a medialidade é constituída pela pragmaticidade. Outros tipos de verbos médios são os verbos intransitivos, cujo evento começa e termina no sujeito. O trabalho de análise avança com o estudo do sujeito enquanto ergatividade, reciprocidade, reflexividade e medialidade. Além disso, o livro considera a construção média propriamente dita, a recíproca e a reflexiva como parte do domínio médio.

Na sequência, o capítulo apresenta uma melhor explicação dos diferentes tipos de voz média já classificados. A primeira a ser analisada é a voz média propriamente dita, em que o sujeito desempenha um papel interno no processo verbal, podendo ocorrer tanto na forma clítica, com pronome, quanto na forma não clítica, sem pronome.

Este tipo de distinção é depois explicado através de alguns exemplos da língua portuguesa que incluem os verbos *cortar* e *esquecer*, apresentados sob a forma de clíticos com o pronome *se*. Estas construções podem ser classificadas como médias ou reflexivas. A atenção centra-se então nas construções intermediárias não clíticas, que são geralmente constituídas por verbos com menor transitividade que descrevem acontecimentos como *nascer* e *morrer*. Através de uma série de exemplos e de quadros explicativos, explica-se como, em algumas construções de voz média não clíticas, o sujeito é influenciado pela ação que o verbo exprime.

Outra construção abordada no livro é a construção reflexiva, cuja análise é paralela à da construção de voz média clítica. De fato, têm em comum a centralidade da ação no sujeito e a presença do pronome reflexivo, que na construção reflexiva pode situar-se antes ou depois do verbo. Estas duas formas são típicas do português brasileiro e do português europeu, respetivamente.

Embora sejam muito semelhantes em alguns aspetos, essas duas construções de voz têm diferenças semânticas, discursivas e pragmáticas. Essas diferenças são analisadas no capítulo 5. Na construção de voz média, o pronome clítico não é exigido pela estrutura argumental. A presença do pronome deve-se ao envolvimento do sujeito na ação descrita pelo verbo.

Posteriormente, é exposta uma divisão feita por Kemmer (1993), segundo a qual os verbos podem representar ações corporais ou cognitivas. As ações corporais fornecem construções com verbos como "*lavar-se*", "*vestir-se*", "*sentar-se*". Estes tipos de verbos podem descrever ações na forma ativa ou reflexiva. Por outro lado, as ações cognitivas

tornam o sujeito mais central e formam construções com verbos como “alegrar-se”, “esquecer-se” e “culpar-se”.

Kemmer e Pereira dividiram os verbos de acordo com a classe semântica à que pertencem. Verbos como *lavar-se*, *abaixar-se*, *levantar-se*, *aproximar-se* expressam respectivamente a) ações que um sujeito realiza para si mesmo; b) ações que expressam um deslocamento físico do corpo em relação à sua configuração; c) mudança de postura; d) deslocamento através de um espaço. Outras classes semânticas referem-se à esfera da psicologia e são, por isso, mais abstratas. Aqui encontramos construções formadas por verbos como *alarmar-se*, *esquecer-se*, *lamentar-se* e *confessar-se*.

Temos ainda a classe semântica média indireta, das ações recíprocas, espontâneas e passivas/impessoais, como *abraçar-se*, *tornar-se*, *se diz*. As ações espontâneas ou as descritas por verbos passivos/impessoais não são facilmente distinguíveis umas das outras. De fato, os eventos espontâneos podem dar origem a duas situações linguísticas: o evento resulta de uma causa direta; o evento não tem participante causal.

Esse capítulo reforça a ideia de que a voz reflexiva é formada por um verbo flexionado com a adição de um pronome reflexivo clítico na sua forma átona ou tónica. Esses clíticos, que são essencialmente complementos, concordam com o pronome pessoal de referência ou com o sujeito da frase. Eles só têm significado dentro da estrutura sintagmática.

Como se pode ler nos exemplos escritos neste ponto do capítulo, o próprio verbo pode transmitir e ter construções de voz ativa ou reflexiva dentro dele. A autora explicou bem nesta parte como as frases contêm as principais características de uma voz ativa prototípica, ou seja, o verbo que exprime uma mudança física. Normalmente, uma voz reflexiva prototípica tem verbos que também podem ser usados para formar uma construção na voz ativa prototípica. Para que a condição de reflexividade seja cumprida, não é preciso que um sujeito realize uma ação para outra entidade, mas o sujeito também pode realizar uma ação para si mesmo. A autora faz questão de sublinhar a importância deste conceito, segundo o qual a intencionalidade e a motivação são dois elementos diferenciadores entre os acontecimentos de uma construção de voz média e uma construção de voz reflexiva. Às vezes, pode acontecer que o sujeito seja ao mesmo tempo o executante da ação e o afetado por ela.

Para tentar compreender melhor os tipos de voz, o capítulo contém a análise de Kemmer, segundo a qual é necessário distinguir o número de referentes envolvidos na ação que exprime o verbo. As construções de voz média e reflexiva requerem apenas um participante na ação, enquanto, como se sabe, na construção de voz reflexiva há

dois participantes. A reflexividade, segundo Haiman, é de fato necessária quando se faz algo em favor de si mesmo. Kemmer (1993) desenvolve uma distinção de tipos de voz estudando a diferença entre os participantes na ação. No caso da presença de um único participante, a transitividade é baixa; se houver dois participantes, o grau de transitividade é alto. O participante é também chamado de *iniciador*, que executa uma ação em direção à outra entidade que é o *ponto de chegada*. Quando temos dois participantes, podemos ter um iniciador e ponto de chegada que não coincidem na mesma entidade ou podem coincidir.

Déborah Magalhães de Barros aborda, nesse ponto do capítulo, os diferentes tipos de voz reflexiva no português brasileiro. A voz reflexiva prototípica pressupõe o sujeito e o objeto referindo-se à mesma entidade. A construção de voz reflexiva pode ser *marcada* ou *não marcada* quando é preenchida pelo pronome ou não, respetivamente. Compreender o funcionamento das construções é complexo porque não se trata de elementos isolados numa língua. Fazem parte de um sistema que envolve os níveis fonológico, sintático, semântico e pragmático-discursivo. Quando um pronome é suprimido, a conceptualização da voz, a organização da construção e a configuração da rede de voz são alteradas. É evidente que estas mudanças na forma decorrem de alterações semânticas e discursivo-pragmáticas.

Pode acontecer que, dentro da voz reflexiva prototípica, se criem outros subesquemas. Isto porque os acontecimentos do mundo são conceptualizados de forma diferente e podem interferir na estruturação da língua. Sujeito e objeto podem ser correferentes e isso significa que as ações são feitas em favor do sujeito; neste caso o pronome utilizado é clítico. Segundo Traugott e Trousdale (2013), para formar uma nova construcionalização é necessário desenvolver uma nova construção na língua.

A construcionalização da voz reflexiva prototípica estabelece uma distinção entre o plano da forma e o plano do significado. O plano da forma contém subesquemas sintáticos, morfológicos e fonológicos. A voz reflexiva marcada pronominalmente é caracterizada por uma elevada transitividade, proximidade entre sujeito, verbo e objeto no subesquema sintático; presença de um morfema pronominal reflexivo no subesquema morfológico e forma fônica aumentada no subesquema fonológico. Já a voz reflexiva não marcada pronominalmente prevê uma transitividade reduzida devido à ausência do pronome, proximidade entre sujeito e verbo e ausência do objeto no subesquema sintático; ausência de morfema no subesquema morfológico e forma fônica reduzida no subesquema fonológico.

O capítulo prossegue com uma análise do plano do significado, que contém subesquemas discursivos semânticos, pragmáticos e discursivos funcionais. No caso da

voz marcada pronominalmente, é apresentado um reforço conceitual do significado de reflexividade no subesquema semântico; um relevo na informatividade no subesquema pragmático; e uma maior complexidade cognitiva no subesquema discursivo funcional. Por outro lado, temos a voz reflexiva não marcada pronominalmente que prevê, no subesquema semântico, processos de semelhança com outras construções, como a média não clítica ou a ativa conferidas pela semelhança entre verbos. No subesquema pragmático, temos um relevo na economia e baixa formalidade. Finalmente, no subesquema discursivo funcional, a voz reflexiva marcada pronominalmente caracteriza-se por uma maior complexidade cognitiva.

O bom funcionamento de todos esses elementos depende da cognição efetiva na língua. Os estudos apresentados neste capítulo revelam as mudanças na forma e no significado de cada construto. Para a construção de sentidos reflexivos, a linguagem utiliza elementos lexicais, textuais e discursivos do afetamento do sujeito agentivo. Nos textos, a voz reflexiva está ao serviço da representação de acontecimentos que têm o agente como ponto de partida e de chegada da ação descrita. A voz média, por outro lado, reduz a centralidade da ação para o sujeito. Visto que a representação linguística está fortemente ligada ao modo como os fatos são percebidos na fala cotidiana, os falantes goianos não consideram necessário incluir o pronome na voz média com os verbos *lembrar* e *vestir*. Lembre-se de que o uso do pronome é exigido pela norma padrão escrita do vernáculo geral do português brasileiro. O falante goiano usa o verbo *alembrear* em vez de *lembrar* na fala do dia a dia. Estas escolhas linguísticas pretendem dizer-nos que a língua evolui e sofre mutações, muitas vezes ignorando as normas socialmente impostas.

O próximo capítulo, cujo título é “*As vozes recíproca, impessoal e adjetival*”, trata de outros três tipos de construções de voz e foi escrito por a autora Vânia Cristina Casseb-Galvão. A construção da voz recíproca está ligada à semântica do verbo e depende também da relação entre os referentes no processo verbal. A semelhança mais forte da voz recíproca é com a voz ativa ou reflexiva e, normalmente, também pode descrever ações não recíprocas. Nestas construções, ocorre uma troca contínua de papéis semânticos entre sujeito e objeto, atuando como agente e paciente ou como agente e experienciador do processo. A interatividade é a característica mais transmitida pelos verbos que exprimem reciprocidade, por exemplo, “abraçar”, “discutir”, “lutar”, etc. Para construir uma voz recíproca, são necessários verbos ativos e participantes que se coordenem entre si para dar uma ideia de simetria. Foi então efetuada uma comparação entre a voz ativa e a voz recíproca, por apresentarem semelhanças. Esse estudo paralelo foi realizado por meio de exemplos com o verbo *brigar* e toda a frase em que ele estava inserido foi analisada considerando os níveis de constituição

linguística da voz ativa, da aplicação dos parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980) e, em seguida, da mesma análise, mas para a voz recíproca.

Verificou-se que a voz ativa é mais transitiva do que a voz recíproca. O verbo *brigar* representa dois participantes no evento descrito e descreve duas propriedades dele: alguém briga com alguém. Através da frase “Eu brigava com ele”, explica-se o elemento do trajetor ou também chamado iniciador, ou seja, aquele que fala. Ao descrever cronologicamente uma ação, temos um ponto de vista, um trajetor e um marco que é o objeto afetado e o ponto de chegada.

Outro elemento que necessita de explicação é a noção de *perfil* ou *profiling* e alinhamento trajetor/marco. Há uma proximidade entre estes dois conceitos, mas não uma igualdade. O perfil é considerado como o referente de uma expressão num conteúdo evocado. O trajetor é o referente mais proeminente e pode ser considerado como o foco principal ou secundário se houver outro participante que, neste caso, se chama marco. As expressões podem ter o mesmo conteúdo, mas significados diferentes.

Muitas vezes, nas conversas quotidianas, a voz recíproca é utilizada para economizar a linguagem, transmitindo simplicidade através das estruturas. A reciprocidade é especialmente utilizada quando se fala de relações amorosas, porque evoca a ideia de dois amantes e esta é a melhor forma de exprimir a simetria e a reciprocidade de sentimentos. A voz recíproca é também utilizada para exprimir um conflito entre dois amantes que se ofendem e discutem.

O sexto capítulo prossegue agora com a introdução de uma outra voz: a voz impessoal. Esta é um subesquema e serve a organização da oração através da transitividade. A voz impessoal descreve um evento e enuncia-o usando a não-pessoa. Na voz impessoal, então, não podemos identificar de quem se fala. A impessoalidade é caracterizada pela gradualidade e é expressa através do uso de verbos impessoais como “haver”, “ser”, “fazer” e através de construções como “diz que”, “parece que”. É importante sublinhar que a impessoalidade não significa que um elemento linguístico foi suprimido. As construções impessoais prototípicas são constituídas por um verbo de 3ª pessoa unido ao pronome *se*. Uma construção impessoal pode ser apresentada na forma clítica e não clítica. A voz impessoal é detransitiva porque, como se sabe, a transitividade pressupõe um agente e um paciente na estrutura da oração. Além disso, nos predicados com dois argumentos, o argumento que é expresso linguisticamente tem a função de objeto e não há necessidade de concordância de número.

Para que uma construção impessoal seja compreendida, é imperativo que os interlocutores apliquem relações cognitivas mais subjetivas e que exista uma informação textual mais extensa. Podemos usar a poesia como exemplo para compreender melhor a impessoalidade. Gilberto Mendonça Teles, por exemplo, escreveu um poema intitulado *Merlindres* que é completamente impessoal em alguns pontos. O poeta utiliza diferentes estratégias de expressão para exprimir a impessoalidade. Por exemplo, utiliza a expressão “quando menos se espera”, que é repetida várias vezes no poema para marcar o conceito de improviso.

A redação do capítulo prossegue com outra voz que é a adjetival. Esta construção de voz atualiza o superesquema abstrato da transitividade em relação à estatividade. No português brasileiro, a voz adjetival forma-se com o sujeito ligado a uma construção perifrástica constituída pelo verbo auxiliar “estar” mais o particípio. É o sintagma verbal que atribui ao enunciado seu caráter enunciativo-resultativo. Alguns identificaram os verbos “ser” e “ficar” como auxiliares da voz adjetival. É muito importante que na construção de voz adjetival, o sujeito não é agentivo. Em seguida, é explicado como Bertoque explicou que na voz adjetival, o argumento que desempenha a função de sujeito, também desempenha uma função semântica. Esta construção também é detransitiva e seu estado de coisas é não estativo.

A autora escolheu, então, um título jornalístico para explicar a diferença entre a construção da voz adjetival e as vozes passiva e média clítica e não clítica. O título jornalístico em questão comunica a morte de Micheal Jackson e são propostas diversas variantes através da modificação de alguns elementos. O que não muda em cada frase é o conteúdo principal, ou seja, o fato de Micheal Jackson estar morto. Porém, a forma como as frases estão escritas desencadeia reações diferentes no leitor. A primeira frase é: “*Micheal Jackson está morto*” e traz consigo uma carga semântica de estatividade e de resultatividade e quer apenas constatar um estado que é o da morte. A segunda frase é “*Micheal Jackson é morto*” e pretende indicar um acontecimento que já ocorreu. As duas frases seguintes, ou seja, “*Micheal Jackson morre*” e “*Morre Micheal Jackson*”, são ambas construções de voz média não clíticas que têm uma o sujeito anteposto ao verbo e a outra o sujeito posposto ao verbo. Na frase em que o sujeito é colocado antes do verbo, o que chega ao leitor é um maior destaque. Na construção adjetival, o sujeito é tópico e pode desempenhar o papel semântico do experimentador ou de processado, mas nunca de paciente. À semelhança do que foi feito no início do livro, neste capítulo a autora centra-se na forma como certas estruturas podem mudar na linguagem quotidiana. Nesse caso específico, é muito comum que as construções de voz adjetivais sejam privadas do verbo auxiliar. Essa supressão também pode ocorrer em construções de voz passiva, e a razão pela qual acontece é a aplicação

de um mecanismo de economia da língua ou pode acontecer por causa de fatores sociolinguísticos. No português brasileiro, é na construção da voz adjetival prototípica que o sujeito tem menos controle e representa um estado do sujeito.

Bertoque interrogou-se sobre o funcionamento das construções de voz adjetivais com sujeito na conversação de fala em Goiânia e, após a sua investigação, verificou uma maior frequência do sujeito da construção adjetival com papel semântico zero, uma entidade envolvida num estado menos dinâmico. Verbos de caráter experiencial transmitem a ideia de estado, percepção, sentimento e outros elementos que estão relacionados às faculdades sensoriais e mentais.

Por fim, o campo de utilização em que a voz adjetival é mais eficaz é o do texto jornalístico, porque descreve acontecimentos de estativos resultativos, como eleições, promoções, demissões e decretos. Um artigo do jornal *“O Popular”* comentando as eleições em Porangatu, Goiânia, em 2016, foi escolhido como exemplo para melhor explicar esse conceito. As frases que mais chamam a atenção são as vozes adjetivais: *“Antes, Lopes possuía 20% e estava empatado tecnicamente em primeiro lugar”, “o tucano está empatado”, “Os candidatos do PMDB e do PRB estão empatados como os prefeitáveis mais rejeitados em Porangatu”*. A utilização destas vozes adjetivais pretende dar a entender que o acontecimento principal é a eleição e que o produto desta será a eleição de um candidato envolvido na disputa. As construções de voz adjetival têm um grande poder informativo e conferem um forte dinamismo, por isso são escolhidas em alguns casos como este.

No final da redação deste livro, é importante sublinhar que estes capítulos foram escritos para esclarecer um tema gramatical sobre o qual se sabe muito pouco e que não é abordado em todos os programas escolares devido à sua complexidade. Através de citações e referências a outros linguistas, as autoras tentaram explicar os conceitos mais técnicos deste tema, partindo do básico e construindo depois um conhecimento mais pormenorizado da gramática. O recurso a exemplos explicativos e a excertos de textos foi particularmente útil para facilitar a compreensão de conceitos mais abstratos. Aconselhamos vivamente a leitura deste livro a todos os interessados em aprofundar o tema das construções de voz e a todos os que querem aperfeiçoar os seus conhecimentos para poderem ser transmitidos no ensino.

ORGANIZADORAS

Déborah Magalhães de Barros é Graduada em Letras Português e Inglês pela Faculdade de Filosofia Cora Coralina, mestre em Linguística pela Universidade Federal de Goiás, doutora em Linguística também pela Universidade Federal de Goiás. É professora titular de Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina, e também no Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade. Trabalha na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Linguística, com atuação em: ensino de linguística e de gramática sob a perspectiva funcional-cognitivo da língua. Realiza pesquisas linguísticas com ênfase em descrição de línguas naturais com enfoque para aspectos sintáticos do português brasileiro.

Vânia Cristina Casseb-Galvão é pesquisadora sênior da Università del Salento, Lecce, Itália, onde exerce atividades de pesquisa e ensino. É Professora titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, membro permanente do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística e Pesquisadora do CNPq. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Descrição e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: descrição do português brasileiro, mudança linguística, gramática funcional, funcionalismo e ensino, e política linguística. Publicou seis livros autorais, várias obras em organização, inúmeros capítulos e artigos.

AUTORAS

Chiara Polimeni formou-se em Mediação Linguística pela Università del Salento em Lecce. Na sua tese de láurea explorou a história e a evolução das metodologias atuais para o ensino de línguas estrangeiras a crianças e jovens estudantes, tanto falantes nativos como não-nativos. Trabalhou com o apoio na obtenção de certificações de línguas estrangeiras para estudantes italianos. Atualmente, é aluna do curso de Mestrado em Tradução Técnico-Científica e Interpretação na Università del Salento.

Déborah Magalhães de Barros é Graduada em Letras Português e Inglês pela Faculdade de Filosofia Cora Coralina, mestre em Linguística pela Universidade Federal de Goiás, doutora em Linguística também pela Universidade Federal de Goiás. É professora titular de Linguística e Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina, e também no Programa de Pós-Graduação Stricto-Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade. Trabalha na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Linguística, com atuação em: ensino de linguística e de gramática sob a perspectiva funcional-cognitivo da língua. Realiza pesquisas linguísticas com ênfase em descrição de línguas naturais com enfoque para aspectos sintáticos do português brasileiro.

Eleonora Campanelli formou-se em Mediação Linguística pela Università del Salento em Lecce. Atualmente, é aluna do curso de Mestrado em Tradução Técnico-Científica e Interpretação na mesma universidade. Paralelamente aos seus estudos universitários, acumulou anos de experiência como tradutora e intérprete na área da mediação intercultural no mundo do desporto. É uma das tradutoras de Masini, Francesca. Gramática de Construções. Cegraf/UFG, 2024.

Federica Quatraro é formada em Línguas e Culturas para o Turismo e Mediação Internacional pela Universidade de Bari. É concluinte do curso de Mestrado em Tradução Técnico-Científica e Interpretação na Università del Salento, em Lecce, com uma tese em inglês intitulada: “Singable Translations of Sleep Token’s Take Me Back to Eden for Italian Receivers”, focada na tradução de textos de canções para italiano. Durante os seus estudos, realizou um estágio onde contribuiu para a criação de legendas em italiano para os curtas-metragens do Ortometraggi Film Festival em 2022. Foi estagiária na agência de tradução Qontent Group, em Molfetta, onde aprimorou as suas competências em tradução e revisão de textos de vários tipos.

Giulia Caione formou-se em Mediação Linguística pela Università del Salento em Lecce com uma tese intitulada “Second Language Acquisition and Code Mixing”. Atualmente, é aluna do curso de Mestrado em Tradução Técnico-Científica e Interpretação na mesma universidade.

Marianna Paduanelli é graduada em Mediação Linguística na Università degli Studi di Bari Aldo Moro e é concluinte do curso de Mestrado em Tradução Técnico-Científica e Interpretação na Università del Salento. Durante o seu mestrado, abordou o estudo de diferentes construções gramaticais italianas, portuguesas e inglesas. É uma das tradutoras de Masini, Francesca. Gramática de Construções. Cegraf/UFG, 2024.

Michela Santoro formou-se em Mediação Linguística pela Università del Salento em Lecce. Atualmente, é aluna do curso de Mestrado em Tradução Técnico-Científica e Interpretação na mesma universidade. O seu trabalho de tese de láurea foi sobre a evolução da língua inglesa através da comunidade LGBTQIA+, com especial referência aos aspectos sócio-linguísticos da questão.

Rosanna Rana formou-se em Mediação Linguística pela Università degli Studi di Bari Aldo Moro. Atualmente, é aluna do curso de Mestrado em Tradução Técnico-Científica e Interpretação na Università del Salento em Lecce e está trabalhando em uma tese intitulada “Tradução e Inteligência Artificial: Uma Abordagem Colaborativa”. Paralelamente aos seus estudos universitários, acumulou anos de experiência como professora de inglês e como intérprete de português na área de imigração. É uma das tradutoras de Masini, Francesca. Gramática de Construções. Cegraf/UFG, 2024.

Valentina Mazzoccoli é formada em Mediação Linguística e Intercultural pela Universidade de Estudos de Bari. Posteriormente, especializou-se em Tradução Técnico-Científica e Interpretação, obtendo o seu mestrado na Universidade do Salento, em Lecce, com uma dissertação sobre tradução audiovisual intitulada “Video Game Localisation: a Case Study on the Fan-Localisation of Firewatch”. Dedicou-se à

tradução administrativa e ao acolhimento de estudantes estrangeiros, colaborando no âmbito do projeto Erasmus, e tem experiência como tradutora e intérprete na área do turismo.

Vânia Cristina Casseb-Galvão é pesquisadora sênior da Università del Salento, Lecce, Itália, onde exerce atividades de pesquisa e ensino. É Professora titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, membro permanente do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística e Pesquisadora do CNPq. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Descrição e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: descrição do português brasileiro, mudança linguística, gramática funcional, funcionalismo e ensino, e política linguística. Publicou seis livros autorais, várias obras em organização, inúmeros capítulos e artigos.

SOBRE O LIVRO

Formato: 16x22,5
Tipologia: Futura Std
Número de Páginas: 153
Suporte do livro: e-Book

Todos os direitos reservados.

Universidade Estadual de Goiás

BR-153 – Quadra Área, Km 99 – 75.132-903 – Anápolis-GO
www.ueg.br | Fone: (62) 3328-4866

2024

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Construções de voz em interlinguagem

desenvolve a análise e a descrição dos aspectos formais e funcionais das construções de voz discursivo-textual entrevistas na língua italiana. O resultado de cada análise é tangencialmente comparado com aquela feita por Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022) para o português brasileiro.

A base teórica é o funcionalismo clássico e, tangencialmente, princípios da Gramática de construções. Um dos princípios do funcionalismo clássico envolve a ideia de que a maneira como o mundo é percebido pelo ser humano reflete na representação linguística dos eventos, por isso, as análises dos fenômenos gramaticais devem ser amplas, considerando-se a inter-relação de domínios semântico-cognitivos, os diferentes níveis de constituição linguística e o fato de que o sistema gramatical é organizado em um sistema cujos subsistemas estão interconectados. Tais pressupostos implicam a concepção de voz gramatical como um fenômeno multifatorial de interface sintático-semântica e pragmático-discursiva, subsidiado pelo domínio cognitivo.